

CADERNO Nº 20

CADERNO Nº 20

Conferências

Pe. Manuel Nunes Formigão

Coadjutoras

Ut Sint Unum

Santificação do próprio estado

A Amabilidade

A Paciência

A virtude sólida

A Piedade

Devoção a Nosso Senhor Sacramentado

Pensamentos

COADJUTORAS

Nestas práticas que hoje inicio, destinadas expressamente às coadjutoras, chamadas também conversas, o fim que tenho em vista é mostrar que elas são verdadeiramente Religiosas, exactamente como o são as Irmãs de Coro. E, porque umas e outras, consagrando-se dum modo especial ao serviço e ao amor de Deus, fazendo a profissão e os votos simples de religião, participam igualmente do estado religioso e nele vivem, não me agrada, nem me parece razoável e justo que se lhes dê a denominação pouco exacta de leigas. Leigas são todas as Religiosas, qualquer que seja o Instituto a que pertençam e, quer façam votos solenes ou simples, quer façam votos perpétuos ou temporários. É que a palavra leigo emprega-se por oposição a clérigo, e o certo é que nenhuma Religiosa pode pertencer jamais ao clericato, isto é, ao estado eclesiástico, em virtude do seu sexo que Nosso Senhor houve por bem excluir da hierarquia que deu à sua Igreja, tanto de ordem como de jurisdição.

Exporei a excelência e as vantagens do estado de Irmãs conversas, a felicidade que nele podem encontrar, as virtudes especiais que este estado reclama e os perigos a que expõe. Todavia, não sendo menos digno, nem menos honroso, nem menos meritório o estado de Irmãs Conversas do que o estado de Irmãs do Coro, o primeiro tem responsabilidades menos pesadas. Por isso, esse estado é santamente invejado pelas boas Irmãs de Coro e, mesmo no nosso Instituto, uma das lutas maiores que as superiores tem de sustentar é a luta com a humildade sincera e sentida de muitas Irmãs de Coro que desejam e pedem com insistência que as deixem passar para a classe das Irmãs Coadjutoras.

Falarei dos diferentes empregos das Irmãs Coadjutoras e, por último, darei alguns conselhos que muito podem aproveitar para a sua santificação.

É a vós, pois, que eu me dirijo, boas Irmãs Coadjutoras, que eu vejo, ou melhor, que eu figuro por momentos, preocupadas, oprimidas, esmagadas, volvendo como que um olhar de inveja, de emulação, para as Irmãs de Coro que passam junto de vós ou que lidam convosco, e escutando as palavras insidiosas que o Demónio menciona baixinho à vossa alma e que ele envolve numa aparência de verdade.

Quereis que eu a exponha aqui, em público e raso, como se costuma dizer, essas palavras mentirosas que o Demónio vos sugere, que ele pronuncia frequentemente aos vossos ouvidos, que vós não ousaríeis nunca repetir nem sequer à vossa amiga mais íntima, que vos fazem corar, mas que, todavia, vós talvez escutais porque elas vos proporcionam um certo prazer, uma certa satisfação?

Ei-las.

Apresentá-las é mostrar toda a sua fealdade, é fazer ver toda a sua hediondez.

“Para nós, leigas, o trabalho sem descanso. Para elas, Irmãs de Coro, o trabalho também, é certo, mas com longos momentos de descanso e de paz”.

“Para nós, o trabalho absolutamente material que não há nada que alivie ou recreie. Para elas, o trabalho aligeirado pelas alegrias do espírito”.

“Para nós, o trabalho na sombra, longe de todas as vistas. Para elas, trabalho conhecido, trabalho apreciado, trabalho elogiado”.

“Para nós, trabalho de que já não resta nada quando o dia está acabado; trabalho a recommençar cada dia. Para elas, trabalho que fica, que é visto por todos, apreciado por todos”.

“Diante de nós, passa-se com indiferença, talvez com um certo desprezo; diante delas, para-se com admiração, com um sorriso nos lábios, com maneiras atenciosas e afáveis, com mostras de grande respeito, consideração e estima”.

“A nós, deixam-nos no esquecimento; a elas, atribuem-lhe todo o brilho, todo o progresso, toda a prosperidade da casa. Até o asseio e a limpeza da casa, que está a nosso cargo, que nos custa o suor do nosso rosto, que nos sai do nosso corpo moído e cansado por vezes de tanto trabalho, até isso é motivo para elogios às superiores e às Irmãs de Coro, que têm tudo que é um brinquinho, uma beleza, um encanto, quando, afinal, só nós merecíamos esses elogios, porque elas ordenam o serviço e nós é que o fazemos”.

“Para nós, alguns quartos de hora apenas de recolhimento, de orações, de repouso da alma diante do Santíssimo Sacramento, e ainda é como que por favor e só quando a força do trabalho o permite; para elas, longas horas de oração e meditação e de doce contemplação junto do altar, a que nunca faltam porque cá estamos nós para as substituir, se for preciso”.

Mas basta, basta, que é preciso repelir estes pensamentos, como vós, graças a Deus fazeis, com o auxílio da graça, quando o Demónio vo-los sugere e quer com eles impressionar desagradavelmente e perturbar o vosso espírito.

Sim, afastai sempre, com energia, esses pensamentos maus que talvez já vos fizeram suspender ou pelo menos afrouxar o vosso trabalho, e que ensombram e cobrem duma nuvem de tristeza a vossa alma. Olhai para o vosso crucifixo, para esse crucifixo que vos acompanha ou que tendes à vossa cabeceira ou que pende da parede, e que segue com o olhar cada um dos vossos movimentos, cada um dos vossos passos, e que conhece cada um dos vossos pensamentos.

Não ledes, pelo menos com os olhos da vossa alma, aos pés desse crucifixo, as frases seguintes que resumem a vida inteira de Jesus Cristo, daquele que vos chamou, daquele a quem prometestes obedecer, daquele a quem propusestes tornar-vos semelhantes, daquele que vos promete uma recompensa tanto maior quanto mais vos assemelhades a Ele: *“Eu não vim para ser servido, mas para servir”*?

Ora, quem mais do que vós pode parecer-se com Jesus Cristo?

Ele veio para servir. Não foi para servir que Ele vos escolheu, que Ele vos chamou e que vós acorrestes tão generosamente ao seu chamamento?

Quando viestes, ignoráveis a situação duma pessoa que se faz serva? Não sabíeis o trabalho incessante e a obediência que essa intenção exige? Não sabíeis que Jesus Cristo, a cujo serviço vos colocáveis, não se vos mostraria pessoalmente, mas vos daria as suas ordens por meio de pessoas como vós assegurando-vos, contudo, que seria sempre a Ele que obedeceríeis e Dele que receberíeis a vossa recompensa?

Ouvi agora esta promessa saída ainda dos lábios de Jesus Cristo que, como vós bem sabeis, nunca engana: *“Tudo o que tiverdes feito ao mais pequeno dos meus, é a Mim que o tereis feito”*.

Os meus de Jesus Cristo são, sobretudo e mais que todos os outros, as Religiosas, vossas Irmãs, que vós tendes a honra de servir e a quem o Divino Esposo chama suas esposas. Ora, a essas esposas de Jesus Cristo, Nosso Senhor, sois vós que lhes prestais, desde pela manhã até à noite, esses inúmeros pequenos serviços que lhes permitem dedicar-se completamente à obra a que Deus as destina.

Ousaríeis, diante desse crucifixo, repetir as palavras que há pouco eu surpreendi, não precisamente nos vossos lábios mas em volta da vossa imaginação? Não vedes claramente que elas são inspiradas pelo espírito do mal, o Demónio, agente da discórdia? O Espírito de Deus é a paz; o espírito do Demónio é a inquietação, é a perturbação, é a desordem.

O Espírito de Deus é o espírito resignado, o espírito submisso, o espírito feliz de obedecer, mesmo quando a obediência lhe custa, lhe é bastante penosa, bem sabendo que sobretudo então é que dá provas do seu amor. O espírito do Demónio é o espírito descontente, é o espírito azedo, murmurador, revoltado. Expulsai, pois, da vossa imaginação, esses pensamentos logo que eles se apresentem, e deixai que para vos ajudar na luta que mais duma vez tereis de sustentar, eu vos mostre: o que vós valeis, o que vós podeis.

Assim, relativamente às Irmãs coadjutoras em geral, falarei da natureza do seu estado, das excelências e vantagens desse estado, da sua felicidade, das suas virtudes especiais e dos seus perigos, e, relativamente às Irmãs coadjutoras, no seu emprego particular; falarei da Irmã sacristã, da Irmã porteira, da Irmã enfermeira, da Irmã despenseira, da Irmã cozinheira, da Irmã roupeira, da Irmã jardineira e da Irmã encarregada da capoeira.

1. Natureza do Estado de Irmãs Coadjutoras.

O estado de Conversas é um verdadeiro estado religioso. A essência do estado religioso não está no género de trabalho mas na tendência para a perfeição, por meio dos três votos de religião, obediência, pobreza, castidade, feitos, segundo a regra, numa comunidade aprovada pelo Sumo Pontífice ou pelo Ordinário.

As Irmãs Conversas, nas diferentes Ordens Religiosas ou nas Congregações, tendendo à perfeição e fazendo os três votos, são, portanto, realmente Religiosas. O estado de conversas dá-lhes, como fim especial na casa em que elas estão, ocuparem-se, sob a direcção da Superiora ou da Religiosa encarregada especialmente da sua direcção, das funções materiais que, em toda a comunidade como em toda a família, são necessárias à

conservação, ao asseio, à ordem exterior, ao bem estar da comunidade. As conversas foram estabelecidas no mesmo espírito que fez que fossem instituídos, pelos apóstolos, diáconos, isto é, ministros e auxiliares para fazerem as obras materiais, enquanto os apóstolos se aplicavam inteiramente à oração e ao ministério da Palavra, como se lê nos Actos dos Apóstolos.

Os membros das congregações consagradas directamente à contemplação ou ao ensino não teriam podido, sem prejuízo dos deveres especiais da sua vocação, ocupar-se dos cuidados materiais que toda a reunião de pessoas exige. Por isso é que foram estabelecidas Irmãs Conversas, directamente encarregadas dessas obras, sem descuidar, todavia, o cuidado da sua alma.

O corpo humano, diz S. Paulo, é composto dum grande número de membros diversos que têm todos o seu fim e a sua atribuição, numa perfeita proporção e dependência de relações. Assim, numa comunidade religiosa, é sem dúvida necessário que haja: uma *cabeça* para governar; *olhos* para estudar, aprender, conhecer; *lábios* para rezar, falar de Deus, para mandar, repreender, para dirigir; *ouvidos* para ouvir as dores e as mágoas, os desabafos, as aberturas da alma, as confidências e poder assim consolar, animar, confortar...

Mas também é necessário que haja *braços e mãos* para auxiliar aqueles que mandam, que oram, que ensinam, para prover a todas as necessidades materiais duma comunidade, cujos membros, vivendo sobre a terra como vivem, têm necessidade de se alimentar, de se vestir, de se subtrair às intempéries, de reparar as suas forças, que eles esgotam dedicando-se às almas e às inteligências. É necessário que numa comunidade haja também *pés* que possam ir a toda a parte aonde os chamam os interesses temporais, necessários à vida, à conservação, ao bem-estar da comunidade.

E sois vós, Irmãs Conversas, que, nessa casa religiosa de que fazeis parte, sois os braços que operam e trabalham, os pés que se cansam em penosas caminhadas. Sois vós, sem as quais a comunidade não poderia atingir, com a perfeição que Deus exige dela, o fim para o qual ela foi estabelecida.

Não vedes, não sentis já tudo o que há em vós de útil, de grande, de indispensável?

Nas comunidades de clausura, as Irmãs conversas são admitidas à clausura.

Notas. O nome de conversas foi dado, até ao século XI, como sinónimo de convertidos, àqueles que abraçavam o estado religioso na idade da razão, por oposição aos oblatos (*oblati* - oferecidos), consagrados a Deus desde a sua infância por seus pais. Considerava-se que os primeiros deixavam o século e se convertiam a Deus (conversos). Voltavam as costas ao mundo, dando-se a Deus. Esta palavra converso, ou convertido, não implicava então, como não implica ainda hoje, a ideia de mudança duma vida irregular e culpável, numa vida cristã.

Depois do século XI, este nome de converso, assim como o de Irmão leigo, foi aplicado àqueles que não entravam nas Ordens Sacras e eram destinados aos trabalhos materiais e aos ofícios humildes da comunidade.

Os conversos Beneditinos do monte Cassino chamavam-se Irmãos propostos, os dos Cartuxos, Irmãos barbudos, os dos Jesuítas, Irmãos coadjutores.

O Papa Clemente VIII, no decreto *Cum ad Regularum*, traçando com a maior minuciosidade as regras e as observâncias que podem assegurar a regularidade nos noviciados e, desse modo, a prosperidade dos Institutos Religiosos, fala assim dos Irmãos Conversos, com inteira aplicação às Irmãs Conversas. *“Embora o cuidado de formar os Clérigos deva ser colocado em primeira linha, a educação religiosa dos Irmãos Conversos não deve, todavia, ser descurada; deve-se, pelo contrário, tê-la igualmente a peito, porque a experiência faz ver bem que, vivendo sob a mesma regra que os primeiros, a sua boa educação contribui também, não só para a glória e para o esplendor da religião, mas ainda para a edificação e vantagem dos fiéis”.*

Deve haver para eles, tanto quanto possível, uma habitação separada da dos Clérigos, onde possam descansar de noite e, não obstante esta separação, ficarão sob a dependência do mestre de noviços e estarão sujeitos à sua direcção ou à dos superiores dos mosteiros e conventos, segundo os regulamentos particulares de cada Instituto.

É ao mestre de noviços que compete não só prová-los e formá-los a bem exercer o seu emprego material, mas ainda instruí-los cuidadosamente no que diz respeito às vias espirituais, segundo o grau de sua capacidade, colocando-se bem ao seu alcance, fazendo-lhes conhecer bem, sobretudo a maneira de fazer a oração mental.

Para esse fim, os conversos serão chamados aos capítulos, assim como às palestras espirituais dadas aos noviços pelo mestre; vão também à Igreja às horas marcadas para os exercícios e não devem dispensar-se delas senão enquanto nesses momentos os ocupassem noutra parte.

Expirado o tempo de prova, não serão admitidos à profissão senão aqueles que, depois dum novo e sério exame, não só forem reconhecidos capazes de tender para a perfeição religiosa, mas que, além disso, forem julgados aptos para os trabalhos manuais, tendo, se não admitidos como clérigos, a idade de dezasseis anos completos ou, se não são senão conversos, vinte e um anos. Aqueles que tomarem o hábito de conversos não podem, mesmo enquanto forem ainda noviços, passar para as classes dos irmãos de coro.

O superior de todo o convento onde se encontra o noviciado terá um registo especial em que será consignado o processo verbal da profissão de cada noviço. Esse processo-verbal será assinado pela própria mão do professo e de duas testemunhas presentes à profissão.

O converso que não souber escrever traçará com a sua mão uma cruz na presença de duas testemunhas que subscrevem o processo-verbal da sua profissão. Este registo será conservado e guardado nos arquivos em que se tem o costume de depor os papéis do mosteiro ou convento.

É geralmente admitido que os irmãos conversos não votem.

2. Excelências e Vantagens do Estado de Coadjutoras.

I O estado de coadjutora aproxima-a dum modo muito especial dos Anjos.

Os anjos no Céu formam uma comunidade, uma esplêndida comunidade sob a dependência de Deus. Essa comunidade foi fundada directamente por Deus. Ela não tem outra razão de ser senão a de glorificar a Deus, de servir a Deus, de estar às ordens de Deus. É a mais perfeita, a mais santa das comunidades, aquela que, segundo parece, serviu de modelo às diferentes comunidades religiosas estabelecidas na Igreja. Nesta comunidade do Céu há uma hierarquia, estabelecida por Deus, que separou os seus membros em diferentes ordens, segundo as suas funções e as suas dignidades e cada uma das ordens desta

hierarquia tem a sua função especial que ela exerce, que ela desempenha com fidelidade, com zelo, com amor, sem perturbar nem alterar a harmonia do conjunto.

Nas comunidades religiosas da terra há também uma hierarquia que, sem prejudicar a união de conjunto dos membros a sua caridade e a sua dedicação mútua as classifica em diferentes ordens, segundo a sua dignidade e segundo as suas funções.

Ora, o que são os anjos na hierarquia celeste, vós o sois também, vós, Irmãs coadjutoras, na hierarquia da vossa comunidade.

Os anjos têm por missão especial as obras exteriores. Essa missão é a vossa.

As virtudes próprias dos Anjos são:

- a obediência em corresponder ao apelo de Deus,
- a prontidão em executar as ordens de Deus,
- a dedicação para aceitar o trabalho querido por Deus,
- a vigilância sobre os seres que lhes foram confiados por Deus.

Não são essas, ó Irmãs coadjutoras, as vossas funções na comunidade e as virtudes que devem, dum modo especial, brilhar em vós?

Anjo quer dizer mensageiro, pronto a ser enviado a toda a parte, a ser empregado em tudo.

Não é esse o nome que vos convém e a disposição em que deveis estar?

Ufanai-vos, pois. Tende a nobre, a santa altivez, o nobre, o santo orgulho de serdes como os anjos; e, junto de todas as vossas Irmãs, merecei esse nome de anjos que tendes junto de Deus.

II O estado de coadjutora aproxima-a dum modo muito especial da Santíssima Virgem.

Aqui não tendes outra coisa a fazer senão transportar-vos pelo pensamento à santa casinha de Nazaré, durante toda a vida oculta de Jesus.

E agora, olhai em torno de vós, vede, contemplai!

A Santíssima Virgem não é, porventura, a irmã coadjutora dessa pequena e santa comunidade? Não faz ela lá o que vós fazeis na vossa?

De manhã cedo, à primeira hora do dia, a Santíssima Virgem põe tudo em ordem e, de vassoura na mão, limpa a casa; depois, prepara a refeição; depois, serve o Menino Jesus e S. José; depois, vai fora, à loja, ao mercado, comprar géneros, as provisões de que precisa...

Que santas, que piedosas, que celestes ocupações! Pois bem, pobres Irmãzinhas ignoradas, vós continuais a obra que Maria Santíssima fez durante trinta anos nas mesmas funções, nos mesmos cargos, nos mesmos serviços, nada mais nada menos do que da própria Mãe de Deus.

III O estado de coadjutora aproxima-a dum modo muito especial de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Nosso Senhor Jesus Cristo disse de Si mesmo, como já indiquei: *“Eu vim não para ser servido mas para servir”*.

Sem dúvida, qualquer religiosa, seja qual for a dignidade de que esteja revestida, não pode tomar um título mais elevado do que o de serva das servas de Deus; o Papa, que é o chefe de toda a Igreja, ele que tem o nome de Sumo Pontífice, ele, a quem Jesus Cristo deu o poder de ligar e desligar e a infalibilidade nas suas decisões, proclama-se o servo dos servos de Deus e gloria-se disso.

Mas a Irmã coadjutora é, dum modo muito especial e em todo o rigor da palavra, a serva de cada um dos membros da comunidade.

Uma superiora pode prestar serviços materiais, ela deve até prestá-los em certos casos; deve ser acessível a todas as irmãs, disposta a fazer por elas tudo o que pode ser-lhes útil mas as Irmãs não podem mandar nela, não podem dar-lhes ordens; elas não ousarão nunca fazê-lo; não têm o direito de o fazer: pedem, suplicam, e nada mais.

Ora, ser mandada é próprio da serva, e a irmã coadjutora é, pela natureza das suas funções, uma irmã a quem se pede um serviço, a quem realmente se manda. E assim ela pode dizer com toda a verdade, à semelhança de Nosso Senhor e em união com Nosso Senhor: *“eu estou em comunidade não para ser servida, mas para servir”*. O seu modelo é Nosso Senhor Jesus Cristo; e ela pode dizer-lhe sempre com um vivo e profundo sentimento de amor e de esperança: «Senhor, eu faço o que Vós fizestes e o que Vós faríeis

certamente de boa vontade ainda hoje, se ainda estivesseis sobre a terra, na casa onde eu estou.»

IV O estado da Irmã coadjutora afasta dela as duas principais fontes de pecados.

As duas principais fontes de pecados são o *orgulho* e a *desocupação*.

1.º O *orgulho*, que seria uma fonte de descontentamento, de murmurações, de desobediências, de abatimento, de negligências graves nos vossos empregos, de desgosto da vossa vocação, encontra ordinariamente o seu alimento na complacência da própria pessoa, do seu emprego, da sua posição, nas atenções e deferências de que se é objecto, na satisfação de ter feito uma obra admirada, na convicção de que se fez um trabalho útil... Ora, este alimento, o orgulho não o encontra em vós tão facilmente como o encontra nas outras.

Decerto contaí com isso o Demónio procurará excitar em vós essa complacência de vós mesmas, esses desejos de serdes estimadas, de serdes apreciadas ou de serdes elogiadas. Ele insinuará no vosso espírito lisonjas mais ou menos grosseiras, sentimentos de vaidade mais ou menos vivos acerca da vossa maneira de ser, sobre o conjunto da vossa pessoa, sobre a perfeição do vosso trabalho.

Sob o influxo da tentação, a Irmã coadjutora dirá de si para si, um pouquinho, um tudo nada cheia de si, comprazendo-se na sua competência ou na utilidade dos seus serviços: a Irmã sacristã, por exemplo: o altar arranjado por mim, com a arte com que dispus as flores, é um mimo, é um encanto, é mesmo um amor; vi no rosto da superiora que ela tinha ficado admirada da sua lindeza e como as Irmãs de coro haviam de gostar, e amanhã, Domingo, as pessoas que vierem assistir à Missa hão de ficar embasbacadas; hei-de ver se, como quem não quer a coisa, consigo ler nas caras das primeiras pessoas que entrarem na capela a agradável impressão que lhes há-de causar o fruto do meu trabalho e da minha habilidade. Oh! decerto na comunidade e mesmo em toda a Obra não haverá outra religiosa que tenha tanto gosto e tanto jeito como eu para ornamentar um altar; a Irmã porteira: ainda cá não houve uma irmã porteira que exercesse o seu cargo tão bem como eu; ando logo ao primeiro toque da campainha, trato as visitas com a maior delicadeza e amabilidade, desfaço-me em atenções para com todos, e eu sei que já me elogiaram diante

da superiora quando eu não estava presente e uma vez até ouvi dizer a uma visita, quando passou perto da sala, que eu era uma santa; a irmã enfermeira: eu sou verdadeiramente o anjo de caridade dos doentes. Como toda a comunidade está contente por me ter como enfermeira! Todas as irmãs sabem que, estando eu, nunca lhes falta nada, tudo lhes é servido a tempo e horas, medicamentos e comida; e que a comida é bem feita porque, quando é preciso, sou eu que a faço, de maneira que posso talvez dizer que não há na comunidade nenhuma irmã leiga que seja tão estimada, tão querida como eu, ou cujos serviços sejam mais apreciados. E coisas parecidas pensarão, por ventura, ou pelo menos serão tentadas a pensar, as outras irmãs coadjutoras, como a despenseira, a cozinheira, a roupeira, a jardineira e a que tem a seu cargo a capoeira, o pombal e a coelheira.

O Demónio tentar-vos-á ainda doutra maneira: ele vos dirá que se tem falta de atenções e deferências para convosco, que não se tem bastante em linha de conta os vossos trabalhos, as vossas fadigas, que não se vos diz nunca uma palavra de incitamento, que vos sobrecarregam demasiado com o serviço...

Certamente não sereis isentas de tentações de orgulho, mas há em vós esse grande bom senso, esse maravilhoso S do meio, que se encontra mais verdadeiro e mais completo na mulher corajosa, que se ocupa de trabalhos manuais, do que na mulher acostumada a ouvir-se a si mesma e a mandar, bom senso natural, fortificado pelo hábito de uma vida de trabalho que vos fará encolher os ombros a esses ridículos pensamentos e o orgulho desprezado se desvanecerá rapidamente.

Há em vós a obrigação dum trabalho incessante que não vos deixa tempo de sobra para dar ouvidos a essas sugestões, a esses pensamentos que adejam em torno de vós como borboletas negras que não vos permite sobretudo deixá-los entrar no vosso espírito nem deixar-vos embalar orgulhosamente por aquilo a que se dá o nome de devaneios. O trabalho activo, contínuo, obrigatório, afasta toda e qualquer preocupação que não seja a da obra que se tem a fazer.

E depois, se tiverdes a fraqueza de acolher alguns pensamentos de orgulho, quantas ocasiões, durante o dia, Deus vos não oferece para os expiar! Uma ordem dada um pouco bruscamente, uma repreensão, uma observação um pouco viva, um trabalho um pouco mais

humilhante... Esses pequenos nada que abundam, aceitai-os com resignação; eles tornarão a colocar depressa a vossa alma no seu lugar.

Há em vós, sobretudo, uma graça especial ligada à vossa posição e mais fácil de sentir do que em qualquer outra posição, que vos recorda também que o vosso estado vos assemelha, dum modo mais especial, ao estado de humildade em que Jesus Cristo viveu.

Oh, quanto esta cozinha é excelente e amável, escrevia S. Francisco de Sales a uma coadjutora, porque ela é vil e abjecta. Olhai em torno de vós; tudo: o vosso traje, as vossas mãos calosas, mortificadas pelo trabalho, os objectos que vos cercam, tudo vos diz: tu és inferior às outras, tu estás abaixo delas. Ouvi o que se diz em torno de vós: toda a gente manda em vós, toda a gente vos dá ordens, é a superiora geral, é a superiora local, é a vigária da superiora, são as conselheiras, são as irmãs de coro e, se calhar, até as outras irmãs de serviço mais idosas, mais antigas na comunidade ou no Instituto e, porventura, um pouco mandonas: fazei isto, fazei aquilo, ide ali, ide acolá, vinde cá, etc., etc. O Demónio vos mostra isso para vos revoltar; Jesus Cristo vo-lo mostra para vos unir a Ele. Escutai-o, a esse adorável Senhor, vosso modelo amado: *“Serve boa e fiel, é bem desconhecido ou bem pouco apreciado o que fazes, é muito insignificante, muito humilhante, mas vai, continua, ainda mais algum tempo! Trabalha em união comigo, na paz, na paciência, no silêncio; Eu terei para ti recompensas infinitas”*.

2.º A segunda fonte de pecados que o estado de conversa afasta é a desocupação, chamada, num sentido mais extenso, ociosidade, da qual se disse com razão: «Ela é a mãe de todos os vícios.»

A desocupação de que aqui se fala não é abstenção absoluta de trabalho. Esta abstenção de trabalho não existe na vida religiosa.

É o andar dum lado para o outro, o ir aqui ou acolá, o passar ao acaso durante alguns minutos antes de começar o que se tem a fazer. É a interrupção por um espaço de tempo mais ou menos longo e, às vezes, em diferentes ocasiões, dum trabalho principiado. É a leitura da página dum livro ou duma folha impressa que cai sob a vista ou que chega por acaso às mãos e faz desprezar o dever do momento.

É pouco, sem dúvida, mas durante esses intervalos rápidos, o Demónio, que está sempre a postos para nos tentar, que não perde nenhuma oportunidade de o fazer, introduz

sorratoriamente na alma esses mesmos pensamentos que já vimos em torno de nós, pensamentos de descontentamento, de murmurações, de desgosto pelo trabalho e pela vocação, de sensualidade, de ciúme... e esses pensamentos, que parecem superficiais, sem consistência, sem importância de maior, aclimatam-se pouco a pouco e tornam mais difícil e mais penosa a observância da Regra, e então é precisa uma vigilância mais contínua e uma vontade mais enérgica para se continuar a ser fiel.

Esta desocupação, mais fácil às religiosas que têm por missão o ensino, é para vós, felizmente, mais difícil, porque o vosso trabalho, devendo rigorosamente estar acabado a certa e determinada hora, deve começar também a uma certa e determinada hora, exige uma atenção mais contínua, um movimento de vaivém quase incessante; uma distração, um esquecimento vos atrasaria o serviço, e toda a comunidade sofreria com isso.

Oh! quantas tentações vos poupam esse trabalho de todos os minutos e essa ocupação muitas vezes tão fatigante, tão opressiva, tão esmagadora!

E isto sem falar das vantagens especiais que o trabalho vos proporciona e que tratarei, se Deus quiser, mais tarde, noutra prática que vos hei-de fazer precisamente sobre a virtude do trabalho e as suas vantagens para a alma consagrada a Deus.

O estado da Irmã conversa afasta dela uma fonte terrível de inquietações.

I As inquietações que perturbam as irmãs, sobretudo aquelas que estão encarregadas do ensino e de que estão isentas as irmãs conversas, provêm:

1.º Da responsabilidade que faz pesar sobre elas o cargo de almas, imposto pela sua vocação.

Sem dúvida, as Irmãs ensinantes têm o direito de contar com a misericórdia infinita de Deus e com as graças especiais de luz e de força que Nosso Senhor Jesus Cristo deve àquelas que vieram dar-se a Ele para continuar a sua obra sobre a terra.

Sem dúvida, elas podem morrer em paz, essas almas que, apesar dalgumas fraquezas devidas à natureza humana mais que à sua vontade, se gastaram no serviço de Deus, fizeram-No conhecer, fizeram-No amar, fizeram que se evitasse uma tão grande

número de pecados mortais e fizeram que se produzissem tantos e tão generosos actos de amor...

Mas esta confiança tão bem fundada nem sempre afasta esses pensamentos pungentes, cruciantes, que o Demónio lhe faz penetrar na alma: Cumpri eu bem a minha missão tão delicada junto das almas? Entre todas essas crianças que eu tive de tratar, não há algumas perdidas por minha culpa? Tenho dado sempre bom exemplo? Não fui demasiado severa, demasiado fraca, demasiado humana?

Ó irmãs conversas, que felicidade vós não terdes estas inquietações!

Se soubésseis como elas são terríveis e como esta responsabilidade impeliu um grande número de almas a solicitar com instância a graça de serem recebidas entre as conversas!

Santo António de Lisboa, esse homem tão célebre pela sua ciência e que o Papa Gregório X chamava a Arca do Testamento, esse Santo que foi um dos grandes teólogos da Ordem de S. Francisco, Santo António de Lisboa apresentou-se para ser irmão converso; e, esforçando-se por ocultar a sua ciência, não se ocupava, diz o seu historiador, senão em limpar a louça, em varrer as celas e os corredores do convento e em exercer as outras funções dum homem sem capacidade e sem letras. Foi preciso um milagre de Deus para o obrigar a mostrar os talentos que tinha recebido.

Santa Coleta, que reformou a Ordem de Santa Clara, foi prostrar-se aos pés do Santo Padre para lhe suplicar que lhe concedesse a graça de viver e de morrer no estado de irmã conversa.

O Padre Layner, que sucedeu a Santo Inácio como Geral da Companhia de Jesus e que era um dos homens mais sábios do seu tempo, pediu ao Santo Fundador, com as mais vivas instâncias e nos termos mais veementes, que fosse para sempre aplicado ao ofício dos irmãos coadjutores. Seria longa a lista dos religiosos e das religiosas que, espantados com a responsabilidade que o encargo de almas faz pesar, suspiraram pelo estado de conversos e de conversas.

Ouvi a venerável Madre Barat, fundadora da Sociedade do Coração de Jesus, dizer a uma Irmã conversa: *“Ah! que inveja eu tenho da vossa touquinha! Eu bem me tenho ralado a pedi-la, mas não me foi concedida”*

“ Quer trocar o seu lugar pelo meu? Dizia ela a uma irmã encarregada da capoeira. Parece-me que no seu emprego eu não perderia nunca de vista a presença de Deus. Como seria feliz!”

Um dia, por volta do meio-dia, foram dar com ela na cozinha a descascar batatas às ordens duma irmã que, ingenuamente, lhe dava lições: *“Ensine-me, minha boa Irmã, dizia-lhe a Madre Geral, porque eu não sei fazer nada bem feito”*.

Outra vez ofereceu-se para substituir a irmã que guardava as vacas, enquanto esta preparava o curral; e, pegando de boa vontade no pau da vaqueira, exerceu o seu ofício como se durante toda a sua vida não tivesse feito outra coisa.

2.º Da insistência das almas que não querem, ou que não querem senão frouxa e negligentemente, ir a Deus.

Vós não podeis compreender, vós, irmãs conversas, o que há de penoso, de duro, de dilacerante para uma alma que ama a Deus como o amam todas as vossas irmãs que recebem de Deus a missão de conduzir a Ele que sente em si o desejo ardente de cumprir essa missão que compreende que Deus põe nela os meios suficientes para a cumprir que pode, com simplicidade, verificar que emprega esses meios, tanto quanto em si cabe e que vê as suas palavras, os seus esforços, as suas orações sem nenhum resultado que vê as suas intenções, os seus actos, ainda os mais simples, mal julgados, os seus esforços paralisados pela maledicência, pelo ciúme, a sua influência diminuindo pouco a pouco.

As coisas materiais que vós, irmãs conversas, tendes de preparar, de arranjar, de pôr em ordem, de limpar, não oferecem senão uma resistência material que conseguis sempre vencer com mais ou menos dificuldade, com maior ou menor esforço, com mais ou menos paciência mas as almas, mas os espíritos escapam muitas vezes a todos os esforços.

Vós, quando não sois bem sucedidas, quando a inveja ou a maledicência vêm embaciar a vossa reputação, decerto vos sentis humilhadas e penalizadas quando exprobrações que julgais injustas vos são dirigidas, ficais profundamente emocionadas e, às vezes, desanimadas; mas, se diante de Deus vos parece que fizestes o que podíeis fazer, se a vossa consciência está em paz, podeis facilmente vencer esse estado de alma por uma

aplicação mais constante ao vosso trabalho. O trabalho manual, unido ao trabalho de Jesus Cristo na oficina de São José, tranquiliza sempre.

O sacerdote encarregado da alma das irmãs ensinantes tem bastantes vezes muita dificuldade em acalmar as inquietações, exageradas decerto, mas reais e penosas, que as atormentam.

3.º Das resistências que encontram em si próprias, excitadas pelas paixões, às quais o Demónio tira o que elas têm de demasiado visivelmente perigoso.

Não se fala aqui agora senão do desejo desmedido de aprender, de ser sábia, sob o pretexto de fazer maior bem, de formar mais facilmente as inteligências, de fazer brilhar a casa, de glorificar a Deus Nosso Senhor.

Sim, tudo isso é belo, tudo isso é bom, tudo isso é digno de inveja; e talvez, irmãs conversas, talvez que, mais que uma vez, tivésseis tido inveja dessas irmãs que brilham pelos seus talentos, que são aplaudidas, procuradas, consultadas. Ah! se soubésseis a dificuldade que têm para lutar com o demónio do orgulho contra o desânimo ocasionado pelas numerosas decepções que experimentam contra o espírito de curiosidade que as leva a ler, a saber o que não deveriam ler nem saber contra os pensamentos que perturbam a delicadeza da sua fé e que, leituras imprudentes, fizeram nascer contra a ambição de saber mais que as outras, de serem mais apreciadas ou mais estimadas que as outras.

Sem dúvida, Deus está com elas; e a essas inteligências a quem Ele confia o cuidado de O fazer conhecer, Ele dá virtudes especiais para que a luz que lhes confia não as deslumbre e para que os tesouros que lhes dispensa, que lhes empresta não as endureçam; mas essas graças não impedem a luta.

A ciência, por si mesma, não pode causar mal algum; a ciência vem de Deus; mas o abuso da ciência, mas a ciência isolada de Deus, a ciência numa inteligência sem humildade, é a causa das mais terríveis desgraças.

Ó vós, irmãs conversas, a quem Deus Nosso Senhor não chamou a ensinar, compenetrai-vos bem destas palavras que resumem um capítulo inteiro da *Imitação de Cristo*:

“Vale mais meter a Deus no coração do que meter toda a ciência humana na cabeça”

Felicidade do Estado de Conversa.

Ficai sabendo uma coisa: as venturas que as irmãs de coro podem ter, também vós as podeis ter todas.

1.º Vós podeis amar Deus Nosso Senhor tanto como as irmãs de coro e até mais do que elas.

Não sei se conheceis o caso daquele irmão converso da Ordem Dominicana, que mal sabia ler, e que foi, cheio de tristeza e de consternação, procurar S. Tomás de Aquino, um homem que sabia tantas coisas e as sabia melhor que todos os outros, para lhe dizer: *“Meu Padre, eu bem queria amar a Deus, mas não posso, não sou capaz disso, porque nada sei. Porventura um ignorante pode amá-lo como Ele deve, como Ele merece ser amado?”* O santo, fitando com os seus olhos que reflectiam a bondade da sua alma, disse-lhe: *Sim, meu Irmão, pode amar Deus Nosso Senhor, pode amá-Lo tanto como eu, amá-Lo mais do que eu”*.

O irmão, admirado, encantado, afasta-se bruscamente e, como que fora de si, desatando a correr por todo o convento, põe-se a gritar: *“O Irmão Tomás disse-me que todos nós podíamos amar a Deus tanto como ele!”*

E isto, que o bom do fradinho, o pobre irmão leigo dominicano apregoava com toda a força dos seus pulmões para que todos o soubessem, é absolutamente verdadeiro. O amor de Deus não se mede nem pela ciência nem pela condição de fortuna ou de nascimento, nem pelo conceito, consideração e estima em que os homens nos têm, mede-se, sim e somente, pela generosidade do coração que está sempre pronto a dar tudo a Deus, e pela firmeza de vontade que se submete sem reserva e sem demora à santa vontade de Deus. Deus olha menos ao emprego que se exerce do que ao amor, à dedicação e à alegria e felicidade que se tem em exercer esse emprego.

Ah! se quisésseis, como poderíeis viver mais facilmente que um grande número das vossas irmãs de coro na intimidade com Deus, vós que passais longas horas cada dia num trabalho que vos isola das vossas companheiras, na cozinha, na despensa, na rouparia, no lavadouro, e vos deixa o espírito bastante livre para vos ocupardes de Deus, para terdes com Ele a mais profunda e a mais constante intimidade, intimidade de pensamentos: Deus está presente, Deus me vê. Intimidade de sentimentos: Deus sente-se feliz de me ver trabalhar para tornar mais suave a vida de suas esposas e de suas filhas; oh! como é bom ter-me escolhido. Intimidade de acções: São Francisco de Sales disse, falando de Santa Catarina de Sena: «Ela encantava o coração do seu celeste Esposo pelas suas elevações de espírito... mas eu gosto tanto de a ver, na cozinha de seus pais, acender o lume, preparar as refeições, amassar o pão e fazer todos os serviços de casa, ainda os mais humildes. Para ela, o pai era Nosso Senhor, a mãe, Nossa Senhora e os irmãos faziam as vezes dos Apóstolos. Todas as suas acções eram do serviço da Divina Majestade e da corte celeste. Esses pensamentos, essas acções, essas intenções não podem ser as vossas?

2.º Outra felicidade, outra ventura maior que esta primeira felicidade, que esta primeira ventura, aliás já de si tão grande, é que vós podeis ser amadas por Deus Nosso Senhor, tanto como as vossas irmãs de coro e até mais do que elas.

Deus, como muito bem sabeis, comunica-se, mais intimamente que às outras almas, às almas pequenas e humildes, e se vós, ainda que não tenhais a inocência das crianças, aceitardes com paz e com resignação a vossa situação de inferioridade, o vosso trabalho de mercenárias e o pouco caso que às vezes fazem de vós, não podeis facilmente ser uma dessas almas pequenas e humildes?

Deus, na oração, especialmente na meditação, na oração mental, pode comunicar-se de melhor vontade a vós do que a uma irmã de coro.

Ele verá, Ele observará a pureza da vossa alma a submissão do vosso espírito o desejo que tendes de O servir a caridade que vos leva a dedicar-vos a cada uma das vossas companheiras a humildade dos vossos pensamentos... e vos fará sentir o seu amor de Pai amantíssimo, compassivo e misericordioso.

Jesus Cristo, pela Comunhão, desce às vossas almas, visita-as com tanta frequência como visita a alma das vossas irmãs de coro; e é por vos julgardes mais indignas de O receberdes que Ele vos dará testemunho de maior afeição.

Não, não, vós não tendes nada a invejar às vossas irmãs mais elevadas em dignidade; e, se amardes mais do que elas, também sereis mais amadas do que elas.

“Ah! - dizia a venerável Madre Baret referindo-se às Irmãs de coro da sua Congregação - nós somos aqui as primeiras, mas receio que lá em cima os lugares sejam mudados, e uma irmã conversa, bem escondida sob o olhar de Jesus, bastante humilde, bastante apagada no seu emprego, virá sem dúvida a estar num lugar mais alto do que nós no Céu”.

Ao ouvir isto, Soror Francisca, irmã coadjutora, encarregada do serviço da cozinha, não se pôde ter que não exclamasse: *“Pois quê, minha Madre, então não fazendo senão o meu serviço de cozinheira poderia alcançar um lugar tão elevado no Céu?”* *“Sim, com certeza, Irmã Francisca, pode, se quiser, ter um melhor lugar do que eu que não faço quase nada, ainda que deva dar o exemplo”.*

3.º Vós podeis salvar almas exactamente como as irmãs de coro.

É, sem dúvida, a palavra de Deus que ilumina a inteligência, que faz vergar a vontade, a sujeita à de Deus e a fortifica no bem.

Esta palavra tem, por si mesma, uma eficácia real para fazer conhecer a Deus, conservar para Deus, conduzir a Deus; e a vocação daquelas que têm de pregar ou de ensinar é a mais bela das vocações.

Mas a palavra de Deus tem ordinariamente necessidade de encontrar almas preparadas, e esta preparação faz-se pela oração, pelo sacrifício, pelo sofrimento, pelo trabalho... oferecidos por essa intenção.

Ora, a Irmã conversa, que não tem a missão de instruir, de ensinar, pode, em virtude da natureza do seu trabalho que deixa o espírito livre, contribuir para essa preparação das almas, tornar-se de algum modo a auxiliar necessária das irmãs de coro que, por exemplo, dão aulas, e ter parte na mesma recompensa que elas recebem.

Um Missionário prestes a partir para regiões longínquas escrevia a uma casa do Carmelo: *“Pessoas incapazes de servir nas tropas pontifícias pagam a um homem que os substituir; pois bem, vós, minhas Irmãs, vós que não podeis ir pregar, escolhei-me como vosso substituto. Eu trabalharei por vossa conta; eu serei vosso servo e vosso operário; eu pregarei; será por vossa conta; eu converterei, será por vossa conta... mas não me deixeis; sede as fornecedoras da minha alma, alimentai a minha alma de tudo”*.

Eis o que sois vós, irmãs coadjutoras: as fornecedoras da alma das vossas irmãs que estudam, das vossas irmãs que ensinam, das vossas irmãs que fazem apostolado.

São as vossas irmãs que falam de Deus às crianças, nos Pensionatos, nos Asilos, nas Creches; são as vossas Irmãs que procuram, nas casas de Regeneração, as almas em perigo e as almas transviadas; e são as vossas Irmãs que, na União Gráfica, escrevem ou compõem os artigos que hão-de iluminar as almas e aquecer os corações; são as vossas irmãs que exercem o apostolado nas diversas modalidades da Acção Católica e da Acção Social; mas é o vosso trabalho de todas as horas, é o cansaço ocasionado pelo vosso emprego e que vós suportais com paciência, são as vossas orações oferecidas por elas, que lhes dão a força de falar, a unção que põem nas suas palavras, a força, a paciência, o zelo que lhes são necessários para vencer a fadiga, para suportar a indocilidade e as travessuras das crianças, a ingratidão das almas e as agruras do apostolado.

E, como elas, sereis recompensadas por Deus; trabalhastes como elas, porque trabalhastes por elas.

Um irmão sacristão, o irmão porteiro, o irmão cozinheiro salvam também as almas? E seja qual for o vosso emprego, o vosso serviço, ainda que seja limpar a louça, lavar e esfregar ou encerar, tratar das galinhas ou dos coelhos, podeis salvar um grande número delas.

Não sabeis que sois membros do mesmo Instituto cujo fim é fazer bem às almas e que, por consequência, tudo o que se faz, todo o trabalho, por mais humilde e desprezível que possa parecer, tudo, absolutamente tudo, é para a glória de Deus e para a salvação das almas?

Ah! se assim não fosse, os superiores que têm de governar o Instituto, que têm de estar à testa das casas seriam mais dignos de lástima do que ninguém, porque não podem

nem pregar, nem ensinar, nem fazer qualquer espécie de apostolado; não podem, como os outros religiosos pregadores, trabalhar directamente na salvação das almas, mas fazem mais que todos eles cumprindo bem os deveres do seu cargo, porque têm o cuidado de todos eles.

Ó boas Irmãs conversas! Vós também podeis dizer, juntando ao ponto de vista divino o ponto de vista material: nós fazemos tudo o que fazem as nossas irmãs, e é a nós, depois de Deus, que elas devem as forças físicas que têm! Por exemplo, se não fosse a irmã coadjutora que cozinha as refeições, que seria das irmãs de coro? Como poderiam trabalhar, como poderiam viver sem comer?

4.º Vós tendes venturas que as Irmãs de coro não têm.

1. E, em primeiro lugar, a felicidade e as alegrias sentidas da dedicação.

Oh! Decerto são dedicadas as Irmãs de coro que, entregues à contemplação, consagram todas as horas da sua vida a adorar, a glorificar, a amar a Deus, a expiar pelos pecadores, a sacrificar-se por eles, a fazer descer sobre a terra torrentes de graças e misericórdia.

São dedicadas as Irmãs de coro que se empregam no ensino, dando toda a força dos seus membros e todo o vigor da sua inteligência para fazer penetrar na alma das crianças, para levar as pessoas transviadas, para proporcionar aos espíritos sedentos da verdade e do bem o conhecimento e o amor de Deus.

Esta dedicação é mais elevada que a vossa, Irmãs conversas, mais gloriosa para Deus, mais directamente útil às almas, mas é menos sentida porque dá resultados menos visíveis e é, como já se disse noutra prática, acompanhada de mais inquietações.

Vedes, pois, o bem que fazeis; e esta vista, se, como é de esperar, estiverdes unidas a Deus, e se tiverdes habitualmente o pensamento de que servis as auxiliares de Deus é necessariamente para vós uma fonte de alegria interior perpétua.

2. Vós não sois servas ou criadas no sentido que o mundo dá a estas palavras (e as vossas companheiras, e mesmo as vossas superiores nunca vos poderão considerar ou tratar como tais sem faltarem ao mesmo tempo à caridade e à justiça para convosco), vós sois verdadeiras coadjutoras das Irmãs de coro, isto é, vós prestais-lhes auxílio em todas as suas funções, ainda as mais elevadas.

Prestais-lhes o vosso auxílio deixando-lhes mais tempo para desempenhar as suas funções, poupando-lhes uma fadiga material que as impediria de exercer tão perfeita, tão completamente essas funções, aumentando, sustentando pelo menos as forças de que têm necessidade para essas funções, tornando-lhes mais fácil o trabalho que têm a fazer.

E tudo isto, não é demais repeti-lo, vós o vedes... e, se Deus permitisse que as Irmãs por quem vos dedicais não soubessem compreendê-lo ou apreciá-lo (e para que assim não suceda é que, ao iniciar esta série de práticas, manifestei o desejo de que as Irmãs de coro que o pudessem fazer assistissem também a elas), oh! como Deus o apreciará, como Ele vo-lo agradecerá!

3. Tem-se, com razão, comparado uma comunidade com uma colmeia, na qual e em torno da qual, desde o romper da aurora até ao por do sol, uma parte das abelhas vão e vêm, pelos campos, andam em procura do pólen das flores de que extraem o mel, recolhem-no numa espécie de colher que têm nos órgãos posteriores, levam-no para o cortiço, ao passo que outras, dentro do cortiço, sempre activas mas menos apressadas e menos movimentadas, aproveitam tudo o que as outras trouxeram e arrecadam-no para o bem de todas.

Este trabalho incessante das abelhas de fora é o vosso, Irmãs conversas; ele ocupa mais activamente os membros que o espírito, fatiga o corpo, mas deixa o espírito mais desprendido, permite ao repouso da noite reparar mais completamente as forças esgotadas, permite também à alma estar mais facilmente unida a Deus.

Ah! se fordes muito piedosas, se fordes exactas no cumprimento dos vossos deveres, se fordes perfeitas na prática das virtudes, a que grau de santidade podereis elevar-vos! Sereis então não apenas anjos, como o sois em razão do vosso estado de Religiosas coadjuvadoras, mas muito mais que anjos e arcanjos: sereis verdadeiros serafins do Senhor e merecereis uma coroa muito grande e muito bela de glória no Céu.

Virtudes Especiais das Irmãs Conversas.

Há para vós, Irmãs conversas, independentemente das virtudes comuns a todas as Religiosas e de que se trata no livro das Noviças e no livro das Professas, há para vós virtudes que vos são especiais. são as virtudes ligadas, anexas aos vossos deveres de estado.

Elas resumem-se nas duas seguintes para todas as Conversas em geral depois, noutras práticas, ao falarmos de cada um dos empregos das Conversas, indicaremos as virtudes próprias desses empregos.

1.º O amor do trabalho manual.

2.º A delicadeza nas relações mútuas e nas relações com as Irmãs de coro.

Estas duas virtudes, como vamos demonstrá-lo, serão para vós a origem de muitas outras, farão de vós almas de consciência recta tranquilas, tratáveis, dóceis, amando a virtude da perfeição inclinadas à devoção, dando a todas uma boa edificação dentro e fora de casa contentes com a sorte de Marta, afeiçoadas à vossa comunidade e desejosas de a ajudar em tudo, para glória de Deus. Era isto o que Santo Inácio pedia aos Irmãos que ele tinha adjuntos aos seus Religiosos, aos Irmãos coadjutores.

1. O Amor do Trabalho

Eu não digo somente o trabalho, mas o amor do trabalho e do trabalho manual que é precisamente o vosso.

A vocação de toda a criatura humana é o trabalho. Trabalho do espírito, que se ocupa directamente a conhecer, aprender, saber, quer para produzir uma obra literária, artística..., quer para comunicar aos outros o que se aprendeu e dar uma aula esse trabalho, que exige uma inteligência mais ou menos elevada, atrai a admiração e dá uma certa reputação àquele que o faz. É, ordinariamente, a sorte das Irmãs de coro.

Trabalho das mãos que não exige senão uma inteligência ordinária e que tem por fim o cuidado da vida do corpo, o seu bem-estar, ocupando-se do alimento, dos vestidos, dos remédios, do alojamento... Esse trabalho feito na sombra, muitas vezes recommençado cada manhã e esquecido cada noite, necessário, sem dúvida, mas repugnante, muitas vezes pelo incómodo que ele causa e pelos elementos que emprega, é a sorte das Irmãs conversas.

Pois bem, esse trabalho, é preciso amá-lo.

Não vos darei as razões que o mostram necessário a todos aqueles que no mundo lhe estão sujeitos por necessidade: a ordem de Deus, a salvação que lhe está ligada. A vós, a quem a obediência o impôs e que o fazeis por amor de Deus, eu quero persuadir-vos:

1.º De que esse trabalho material vos dá uma grande facilidade para permanecerdes unidas a Deus. O trabalho intelectual absorve o espírito, o trabalho material ocupa-o mas não o absorve, e o espírito pode, mais directamente e com mais facilidade, conservar-se na presença de Deus.

Por isso se tem podido dizer com verdade que esse trabalho material permite uma meditação contínua e que a direcção da intenção que o une ao trabalho material de Jesus e de Maria é um acto da vida contemplativa tão perfeito como a própria oração de contemplação. Santo Inácio falando dum Irmão coadjutor da Companhia de Jesus, pedreiro de ofício, dizia que todas as vezes que ele assentava um tijolo ou o cobria de argamassa ou de cal com a sua colher, aformoseava e enriquecia com um novo florão a sua coroa de glória no Céu.

Ouvi esta resposta dum Irmão converso: um Religioso, passando próximo da cozinha, viu-o todo alagado em suor, ocupado a limpar e a polir, para lhes restituir todo o seu brilho, as painéis e os caldeirões, e disse-lhe: Porque é que vos matais, meu Irmão, a fazer brilhar tanto esses utensílios que vão ser tão depressa embaciados?

Porquê? - respondeu o Irmão leigo. É para não apresentar nada que esteja sujo a Maria, nossa Santa Mãe; é por Ela que eu faço este trabalho.

Não vedes que o trabalho feito desta maneira é um exercício de puro amor e que Deus deve recompensá-lo com um aumento incrível desse mesmo amor?

É por isso que o Padre Jerónimo Natalis, tão estimado de Santo Inácio, dizia que não tinha inveja senão a duas classes de pessoas na Companhia de Jesus: aos Noviços, que não têm senão que ocupar-se do seu adiantamento na vida espiritual, e aos Irmãos coadjutores, porque no meio dos seus trabalhos podem sempre orar.

2.º De que esse trabalho material pode ser um manancial fecundo donde resultam um grande número de virtudes, entre as quais três que nos tornam especialmente queridas de Deus:

A *humildade* de que já falámos. Santo Agostinho assegura que esse trabalho humilha ao mesmo tempo o corpo, a alma e o coração, e que para curar o tumor do orgulho não há nada mais eficaz do que trabalhar muito com as mãos.

A *mortificação*, porque o trabalho manual quase incessante, ainda que feito com moderação e com medida, pela sua monotonia e pela fadiga que traz consigo não deixa aos sentidos nem o tempo, nem a ocasião de se satisfazer. Os Padres do deserto tinham tanto receio de conceder demasiado descanso e vagar aos seus sentidos que, segundo Cassiano, aqueles que facilmente teriam podido mandar vir a água que lhes era necessária até à porta do seu mosteiro, preferiam ir buscá-la à própria fonte, situada a uma grande distância, e à qual não se podia chegar senão por atalhos difíceis.

O Religioso que trabalha, diziam eles, pode ser tentado por um demónio, mas aquele que não trabalha é tentado por mil.

A *abnegação*, isto é, o esquecimento de si mesmo, o esquecimento do valor do seu trabalho, o esquecimento da dedicação que se faz no seu emprego e do esforço fatigante a que se entregou, abnegação é a aceitação plena e generosa desse esquecimento!

Ó Irmãs conversas, eis uma das virtudes mais difíceis de adquirir, uma das mais preciosas diante de Deus, aquela que vos obriga, mais que qualquer outra, a pensar muitas vezes em Deus, a esperar tudo de Deus, a trabalhar unicamente para Deus.

Vós, efectivamente, vós, tão úteis e tão necessárias numa comunidade, sois em geral pouco apreciadas; não que vos desprezam decerto; toda a Religiosa que reflectir, mesmo sem ser uma santa, compreende o que valeis e o que fazeis, mas esquecem-vos. Todas as vossas companheiras, superiores e demais Irmãs de coro, estão habituadas ao vosso trabalho de todos os dias, à regularidade que resulta da vossa aplicação, da vossa atenção, do vosso cuidado de não deixar nada em atraso, que ninguém jamais pensa em vos agradecer.

Quem é que vos dirigiu alguma vez o mais pequeno elogio?

Quem é que vos procurou para vos animar, para vos estimular com uma palavra bondosa e amiga?

Ó boas Irmãs, continuai o vosso trabalho incessante; continuai a vossa vida toda atarefada, a vossa vigilância minuciosa para não deixar estragar nada, o vosso cuidado de

estardes sempre prontas à hora marcada e tende a certeza de que Deus Nosso Senhor vos recompensará ainda nesta vida. Lembrai-vos de que não é o trabalho em si mesmo que tem valor diante de Deus mas que é o amor divino que se põe nesse trabalho.

E se, varrendo uma sala, se, preparando uma refeição, ou limpando utensílios de cozinha, o vosso pensamento se une às mesmas acções que a Santíssima Virgem fazia, e se o vosso coração se sente feliz em testemunhar desse modo o amor que ele experimenta por Deus, recordai-vos de que tendes mais méritos e de no Céu sereis mais recompensadas do que as vossas Irmãs fazendo uma brilhante prelecção numa aula ou compondo lindos e conceituosos artigos de jornal ou páginas admiradas, se elas põem no seu trabalho menos amor de Deus do que vós.

Ora, é-lhes mais difícil do que a vós ver a Deus e pensar em Deus durante o trabalho que elas fazem.

2. A delicadeza nas vossas relações mútuas e nas vossas relações com as Irmãs de coro.

A palavra delicadeza substitui neste lugar, para vós em particular, a palavra caridade que é a virtude essencial de toda a comunidade e de que se fala com desenvolvimento no livro das Professas.

A delicadeza, no sentido cristão e religioso deste termo, não é apenas uma atitude, um proceder, uma maneira exterior que faz que evitemos ferir, magoar aqueles com quem convivemos e que nos ensina a ser-lhes agradável; é a tendência habitual a reproduzir as palavras e os actos de Jesus Cristo que vive dentro de nós.

A delicadeza cristã é a florescência da caridade, é a flor, é o perfume desta virtude e é o resultado da humildade e da abnegação de que há pouco falávamos.

A delicadeza, como dissemos, é a reprodução da maneira de ser e de viver de Jesus Cristo; ora, Nosso Senhor Jesus Cristo, diz S. Boaventura, era infinitamente delicado (*curiatissimus Dominus*).

“Jesus Cristo nunca respondia bruscamente.

Não recebia nunca grosseiramente.

Não despedia nunca rudemente.

Não ouvia nunca friamente.
Não trabalhava nunca impacientemente
Não mandava nunca altivamente.
Não repreendia nunca severamente (com dureza).
Não falava nunca estouvadamente.
Não se movia nunca precipitadamente.
Não agia nunca indolentemente.
Não tratava nunca demasiado familiarmente.
Não obedecia nunca servilmente.
Não gracejava nunca levianamente.
Não se queixava nunca maldosamente.
Não fazia nada imoderadamente”.

Oh! que bela, que santa, que amável a maneira de viver e de ser de Jesus!

Poderia tomar cada uma destas frases e fazer-vos a aplicação delas, mas, assim em conjunto, são de molde a impressionar-vos mais e, se as copiardes, podereis fazer a sua leitura muitas vezes e essa leitura vos será de muito proveito.

A vossa posição, Irmãs conversas, vos coloca na necessidade de terdes relações com toda a espécie de pessoas na comunidade: com os superiores, com os inferiores, com as Irmãs conversas, com os estranhos, com os importunos, com os exigentes, com as Irmãs que pedem, que se queixam, que têm necessidades, que exageram, que talvez sejam pouco delicadas... Oh! fazei tudo, tudo o que estiver ao vosso alcance para que se possa dizer de vós: Elas são como eram Jesus e Maria.

Perigos do Estado de Conversa.

Há no estado de Conversa perigos especiais como há virtudes especiais.

Esses perigos exigem precauções.

Um são gerais, aplicando-se a todos os perigos que se encontram na vida religiosa, e desses fala-se no livro das Professas.

Outros são particulares, em relação com os perigos que as Conversas encontram.

Vamos indicar os principais desses perigos.

Primeiro perigo.

Acostumar-se à vida toda material e, por consequência, descurar a meditação, as orações, as visitas ao Santíssimo Sacramento, impostas pela Regra e imaginar e dizer que a vida interior é incompatível com a vida activa.

1.º A Regra, nas suas prescrições, teve em linha de conta as longas horas de trabalho que enchem o vosso dia, por isso não vos obrigou a todos os exercícios espirituais da comunidade.

Há, contudo, cinco (sem falar do retiro mensal e do retiro anual de dez dias) de que ela não pôde dispensar-vos duma maneira geral são:

A meditação da manhã,

A Santa Missa,

O terço,

A visita ao Santíssimo Sacramento,

A oração e o exame de consciência, à noite.

É por estes exercícios que estais ligadas à comunidade e que participais dos bens que Deus espalha sobre ela. Se os descurais, se pouco a pouco os deixais, separar-vos-eis dessa família no meio da qual Jesus habita e que Ele anima com o Seu espírito.

Esses exercícios é que são a salvaguarda dos vossos votos de religião; é por meio deles que esses votos se apertam quando acidentalmente se relaxam; e, se os descurais, perdereis em breve essa delicadeza de consciência que vos tornava tão receosas de ofender a santa pureza e de faltar à pobreza e à obediência.

A meditação da manhã, a Santa Missa, o exame e a oração da noite fazem-se com toda a comunidade; a visita do Santíssimo Sacramento não se pode fazer senão isoladamente por causa dos empregos; o terço reza-se às vezes enquanto se trabalha, e é raro que a Regra não indique em que as Conversas reunidas o recitem juntas, e fazem, juntas, durante o trabalho, uma leitura espiritual; esta leitura devia, uma ou duas vezes por semana, fazer-se num catecismo explicado. A instrução religiosa é muitas vezes bem fraca num grande número de Irmãs conversas. É preciso completá-la.

Em muitas comunidades há obrigação para as Irmãs conversas de assistir não só às instruções que se fazem a todas as Irmãs, quer nos dias de festa quer durante os retiros, mas ainda às lições de catecismo, dadas todas as semanas nas casas onde há crianças. Isto a bem da instrução catequética especial que o novo Código de Direito Canónico manda fazer, cada semana, às Irmãs conversas.

Nalgumas comunidades, a Regra exige que todos os Domingos as Irmãs conversas leiam um capítulo do catecismo da diocese, de modo que o tenham lido todo ao menos uma vez cada ano. A Irmã de coro, encarregada da sua direcção, deve muitas vezes recordar-lhes esta obrigação e comentar, ela própria, algumas vezes esta leitura.

Não esqueçais que a vida cristã, isto é, o conhecimento de Deus, de Jesus Cristo, da Igreja, dos Mandamentos, da natureza e do valor dos Sacramentos é a base da vida religiosa.

Ó pobres Irmãs conversas, que seria de vós se deixásseis por vossa culpa, se adiásseis, se encurtásseis, sem razão grave e sem ter avisado a vossa superiora ou a vossa mestra, essas orações que são o amparo, o sustentáculo de todas as religiosas.

2.º Não digais que a vida interior é incompatível com a vossa vida activa. A vida interior é pura e simplesmente a vida em união com Jesus Cristo e da Santíssima Virgem, é a vista habitual de Jesus Cristo e da Santíssima Virgem, seguindo com o seu olhar amoroso o trabalho que nós fazemos.

Pode haver, porventura, um trabalho ordenado por uma santa Regra e, por mais activo que ele seja, que impeça essa vida com Jesus Cristo e essa vista da presença de Jesus Cristo?

Quando Jesus Cristo fazia a Marta essa doce exprobração que o Evangelho nos conservou, não era do trabalho que Ele repreendia, mas da pressa que punha no seu trabalho, não se confunda a actividade ou a diligência com a pressa. A actividade, a diligência é o trabalho continuado sem interrupção e com aplicação; a pressa é a perturbação, é o movimento febril, é a agitação do espírito.

Como são numerosas as Irmãs conversas que não perdem de vista a presença de Deus!

E, se não receasse desanimar-vos, a vós que me ouvis e que eu tenho de fazer de conta que não conheço e que não sei. Portanto. se sois como aquelas a que me refiro, oh, se não receasse fazer-vos desanimar, repito, quantos actos de virtudes verdadeiramente heróicas poderia citar! Quantos rasgos de humildade e de mortificação, quantos actos de renúncia e de obediência quase exagerada, que generosidade, que dedicação nos cuidados a prestar a todos, que amor pela casa, que delicadeza por tudo o que diz respeito ao emprego, que reserva nas palavras, que paciência para reparar um desastre, para recomeçar com paz um trabalho mal sucedido e para aceitar, sem murmuração e sem despeito, uma observação feita um pouco vivamente... pela Ir. Cecília ou pela Ir. Josefina... ai, que eu não estou a falar das vossas Irmãs conversas, mas das de outros Institutos, uma observação feita com um pouco mais de vivacidade ou uma censura injusta duma superiora ou duma irmã de coro!

Aquelas que assim procedem, que dão esses exemplos admiráveis de virtude, de todas as virtudes, cujo valor só Deus sabe apreciar, vivem dessa vida interior que deveria ser a vossa vida e que, como já vos disse, é para vós dalgum modo mais fácil do que para as Irmãs de coro. E esta vida é alimentada por práticas de piedade que parecem minuciosas a alguns espíritos superficiais, mas que são, para a alma, como esses alimentos que, tomados em pequena quantidade e muitas vezes, refazem as saúdes debilitadas.

É uma Avé-Maria recitada cada vez que o relógio dá horas, é um olhar afectuoso volvido frequentemente para o crucifixo, é uma simples reverência de cabeça acompanhada de um acto de confiança cada vez que se passa diante de uma imagem da Santíssima Virgem, é o hábito de ver o Anjo da Guarda de todas as pessoas que se encontram quando se anda pela casa é a união, pela vontade, com as Irmãs que estão na capela a fazer adoração, a rezar o Ofício ou, na aula, a tomar ou a explicar as lições, ensinando a doutrina ou falando de Deus às crianças, ou, na oficina, a compor ou a imprimir escritos que vão concorrer para a glória de Deus e para a salvação das almas é, sobretudo, um grande respeito interior, mais ainda que exterior, pelas Irmãs de coro.

Segundo Perigo

Apegar-se excessivamente, afeiçoar-se com demasiada força aos objectos de que se está encarregado, considerá-los de algum modo como sua propriedade pessoal, amontoá-los, escondê-los, não os fazer servir senão com pesar, não os emprestar senão com dificuldade e, como consequência, não ter cuidado nenhum do que não nos é confiado e dizer com indiferença: não tenho nada com isso, não é coisa da minha obrigação.

Este pormenor, esta particularidade que acabo de indicar parece exagerada e, contudo, por pouca experiência que se tenha das comunidades, ter-se-á a lembrança dalgumas boas Irmãs conversas de que estas palavras são decerto o retrato.

São sobretudo as Irmãs que passaram longos anos no mesmo emprego como cozinheiras, enfermeiras, roupeiras, ecónomas...

Houve a princípio um sentimento bem louvável que levava a multiplicar as precauções e os cuidados por qualquer objecto que se tinha a seu cargo por respeito para com o voto de pobreza, mas, pouco a pouco, foi-se ganhando afeição a esses objectos, e daí, esse sentimento de propriedade pessoal, essa dificuldade de ver esses objectos nas mãos dos outros, essa pena exagerada de os ver diminuir de valor e, sobretudo, de os ver partidos, deteriorados ou postos fora de serviço.

É, sem dúvida, um excesso de virtude, mas todo o excesso tira à virtude o que ela tem de divino.

Vós não podeis ter cuidado de mais com tudo o que vos é confiado, vós não podeis velar bastante minuciosamente para que nada se deteriore por falta de precaução, mas, afinal de contas, é a vossa superiora que, em nome da comunidade, é a verdadeira proprietária; e, quando ela ordena uma despesa, vós deveis fazê-la, e, quando ela quer que uma Irmã se sirva de tal ou tal objecto, vós deveis entregá-lo de boa vontade (e de cara alegre) a essa Irmã. Não vos é proibido fazer observações, mas, se não tomadas em consideração, submetei-vos e ficai em paz.

Estes cuidados que a santa pobreza exige, vós deveis tê-los não só pelo que vos é confiado, mas ainda por tudo o que encontrais em torno de vós e que vos parece esquecido, mal colocado, mal empregado... Procedei delicadamente, sem dúvida, para não magoar nem

humilhar uma companheira esquecida ou muito apressada, mas não deixeis nada ao abandono e procurai no que fizerdes não ser vista senão por Deus.

Terceiro Perigo

Tomar afeição a algumas Irmãs, às quais não se recusa coisa alguma, procedendo, em relação a elas, se não absolutamente contra a obediência, ao menos fora da obediência, acolhendo-as com satisfação onde se trabalha, atraindo-as para falar com elas contra as prescrições da Regra.

Não é senão, pouco a pouco, quase sem darem por isso, que as Irmãs conversas chegam a esse ponto.

Uma Irmã de coro tem necessidade delas, dos seus serviços, e, uma vez prestados, agradecem-lhos com reconhecimento, outra teve ocasião de dar um conselho, de ensinar uma receita, ser útil para uma carta a escrever... e eis que a Conversa sente uma afeição inteiramente particular por essa Irmã.

É de resto tão bom, tão lisonjeiro, tão útil, sobretudo para o bem da alma, ter algumas relações íntimas com as Irmãs de coro. Elas são tão santas, tão instruídas, elas dão tão bons conselhos...

Por isso, é bem de ver, como a Irmã conversa acha severo, estranho, quase injusto, o artigo da Regra que proíbe toda a familiaridade entre as Irmãs conversas e as Irmãs de coro, que ordena às Irmãs conversas que sejam muito submissas, muito respeitosas, e às Irmãs de coro que sejam muito mansas, muito afáveis, muito delicadas, mas que não falem umas com as outras senão por necessidade.

Tomai sentido, acautelai-vos, a Regra não vos proíbe a amizade que nasce da caridade e que vos une a Deus, não pelo sentimento mas pela fidelidade ao vosso dever indicado pela Regra. Toda a amizade que vos faz infringir mesmo o mais pequeno ponto da Regra, não é divina, não vos conduz a Deus, não será recompensada por Deus.

E não vedes que a tendência para não recusar nada a essa Irmã mais amada que outra, essa alegria, essa satisfação em falar com ela nas horas em que o silêncio é, se não prescrito, pelo menos aconselhado, essa afectação em vos esconderdes aos olhos das vossas

superioras, não vedes que todas essas maneiras de proceder têm o que quer que seja de irregular?

É por estas pequenas faltas que diminui e se perde o espírito religioso e que se chega a cometer grandes infracções. Algumas Irmãs conversas não têm às vezes chegado a fazer recados sem autorização da superiora e, desse modo, a ser cúmplices de irregularidades que, para uma comunidade, podem ter graves consequências?

Quarto Perigo

Dissipar-se facilmente e sem grande resistência, sair mais vezes do que é preciso, conversar muito demoradamente com as pessoas do mundo que vêm à casa religiosa tratar de qualquer assunto ou, quando se vai à casa delas em serviço, ser ávida de notícias, espalhá-las pela comunidade.

Tem-se dito que para ser uma boa Irmã conversa em toda a extensão desta palavra boa que supõe quase a perfeição, era preciso mais solidez de virtude que para ser irmã de coro.

A Irmã de coro está habitualmente rodeada de vigilância, raras vezes está só: são crianças, são pobres, são velhos, são doentes, são noviças, são postulantes, são hóspedes, são visitas, são fregueses que ela não pode deixar sós, são costuras, são bordados, são flores, são máquinas, são linótipos, são livros, são encadernações, são facturas, são estudos, são contas, são cálculos que elas não podem abandonar.

A Irmã conversa trabalha muitas vezes sozinha, está sem testemunhas e ocupa-se de coisas que as criaturas pouco ou nada apreciam; a maneira como ela faz o seu trabalho não é vista senão de Deus.

A Irmã de coro não tem, de ordinário, senão muito poucas relações com as pessoas de fora.

A Irmã conversa, segundo o seu emprego, é, todos os dias, várias vezes por dia, obrigada a falar, a discutir, a regatear, a tratar de negócios com fornecedores da comunidade, com a leiteira, com a peixeira, com o homem da carne, com o moço do padeiro, com a mulher da fruta, com a rapariga da hortalça, com o merceeiro, com o sapateiro, com o latoeiro, com o electricista, com o carteiro, com os mendigos, com os

trabalhadores da Quinta, com os operários da capela em construção, com o Sr. Joaquim, com o Sr. Alfredo, com a Sra. Ana, com a Sra. D. Rosa, enfim com toda a gente.

A Irmã de coro tem o espírito preocupado com o que há de dizer às crianças, com a maneira de tratar os pobres ou os doentes, com os meios a empregar para fazer amar a Deus... e a sua imaginação é menos vagabunda.

A Irmã conversa fazendo quase sempre o mesmo trabalho material, fá-lo como que por rotina, e, enquanto as suas mãos trabalham, a sua imaginação vagueia dum lado para o outro e é-lhe preciso um esforço violento para a manter sob o olhar de Deus.

A Irmã de coro vê, sobretudo, poucas pessoas de fora; ela raras vezes está sozinha na sala, no locutório, sempre a sua superiora sabe os momentos em que ela é chamada, o tempo que ela lá se demora, e a pessoa que a procurou.

A Irmã conversa, em particular aquela que está encarregada do exterior, está em relação quotidiana com um grande número de pessoas, muitas vezes com pessoas desconhecidas que vêm tratar de negócios, que gostam de falar, que se consideram felizes em saber o que se passa no interior da casa religiosa, felizes em trazer notícias de fora.

Quanto bom senso é preciso a uma Irmã conversa para não dizer senão o que é necessário, que espírito de Deus para não se deixar arrastar atrás de futilidades, atrás de curiosidades doentias, inconvenientes, perigosas, que força de vontade para conservar o seu espírito, a sua imaginação, a sua memória no dever, que obediência e simplicidade para manter a superiora ao corrente de tudo o que poderia ser prejudicial, ou à casa ou às Irmãs!

As Religiosas Conversas no seu Emprego Particular

Na maior parte das Constituições encontram-se, para cada um dos empregos confiados às Irmãs conversas, regras cheias de sabedoria que cada Irmã deve ler e meditar quando um emprego lhe é confiado; por isso limitar-nos-emos a alguns conselhos práticos.

A Irmã Conversa Sacristã.

1.º É aquela que está ordinariamente adjacente ou agregada à Irmã de coro que tem cuidado da capela, da sacristia, do asseio e do adorno do altar, dos paramentos e dos vasos

sagrados que servem aos ofícios públicos, e que prepara o que todas as manhãs é necessário para o Santo Sacrifício da Missa.

O trabalho da irmã conversa que foi escolhida não é aqui senão muito secundário; ela não é directamente sacristã, ela não é senão sacristã ajudante ou auxiliar para os trabalhos mais fatigantes, mas esse trabalho nem por isso é menos digno de inveja. Varrer a habitação de Nosso Senhor Jesus Cristo, passar muitas vezes bem perto do Sacrário, quer para renovar as flores murchas, quer para tirar o pó quando lho permitem... é uma função que se deveria pedir de joelhos e merecer por uma conduta exemplar.

2.º Três virtudes devem ser praticadas pela Irmã conversa sacristã: a *fé*, a *humildade*, a *piedade*.

A *fé* tranquila, sem dúvida, mas frequentemente renovada, aproximando-se do altar, fazendo a genuflexão, multiplicando junto de Nosso Senhor Jesus Cristo os actos de adoração, não falando senão em voz baixa e para as coisas de absoluta necessidade, não precipitando a sua marcha na igreja ou capela.

A *humildade*, considerando-se indigna mas muito feliz e contente do ofício de serva especial de Nosso Senhor, invejado pelos Anjos e pelos maiores Santos, desempenhando-se com minuciosidade de tudo o que diz respeito a este emprego de serva: varrendo, limpando o pó, esfregando, tirando as teias de aranha, dando aos castiçais e aos vasos de flores todo o brilho e todo o asseio de que são capazes, obedecendo com exactidão às ordens da Irmã de coro sacristã, sem murmurar, sem se queixar.

A *piedade*, que deve ser, mais que em todas as outras, cheia duma ternura respeitosa para com esse Divino Salvador que permitiu que a escolhessem para O servir e que deve manifestar-se por uma maior modéstia e por uma maior reserva no lugar santo.

A Irmã Conversa Porteira

É aquela que está encarregada de velar pela porta de entrada da comunidade, emprego delicado que exige, por assim dizer, virtudes especiais e num grau eminente: a *prudência*, a *caridade*, a *fidelidade* e a *actividade*.

1.º A *prudência* que mede as suas palavras, ouve com paz e assim pode melhor compreender o que lhe dizem, ala antes pausadamente do que demasiado depressa, não fixa

directamente ninguém mas sabe ver para conhecer, ao menos dum modo geral, fisionomias desconhecidas, que se cala a respeito de tudo o que se passa na casa e faz poucas perguntas sobre o que sucede fora, que nunca diz, a não ser à superiora, nem as visitas recebidas nem os pedidos feitos, que guarda rigorosamente os segredos confiados pela mãe, mas não os recebe nunca sem os revelar à mãe, que não perde de vista as pessoas que estão na sala de visitas, que não deixa nunca sem uma substituta a guarda da porta, que fecha cuidadosamente, quando sai, a cela onde habita e, nessa cela, não deixa tirar nada, fechando à chave as cartas, os papeis, os embrulhos que ela faz chegar fielmente e o mais depressa possível ao seu destino, que examina os invólucros dos volumes, os papéis de embrulho, para tirar o que a imprudência dos pais ou doutras pessoas tivesse neles esquecido.

2.º *A caridade.* A Irmã conversa porteira deve sobretudo pôr em prática o que dissemos acerca da delicadeza que deve personificar-se nela. Uma porteira é considerada como a imagem da casa, como o retrato vivo da comunidade; se a acham acolhedora, afável, mansa, atenciosa, paciente, amável, dedicada... estas qualidades reflectem-se e recaem sobre a própria casa e se, com essas qualidades exteriores, ela é realmente piedosa, quanto bem pode fazer! O santo nome de Deus nem sempre está nos seus lábios, mas está neles muitas vezes e sempre a propósito; que lições uma porteira deu com muita doçura e com muita graça a crianças indisciplinadas ou descontentes, mesmo a Irmãs que vinham junto dela para fazer queixas. Não o esqueçais, uma Irmã conversa porteira é, em certo modo, é, por pouquinho que seja, uma autoridade e, em regra, todos se sujeitam de bom grado a essa pequena autoridade.

Ela deve ser, antes de mais nada, sorridente e boa, boa para acolher toda a gente, boa para dar aos pobres mas não além do que está autorizado pela superiora, boa para não ofender nem magoar um importuno mas saber despedi-lo com firmeza; a bondade proíbe a palavra grosseira, injuriosa, não proíbe a palavra clara, precisa, dita com autoridade, boa mesmo para recusar a uma companheira ou a uma criança o que elas pedissem fora da regra.

3.º *A fidelidade,* é a virtude elementar duma Irmã conversa porteira, fidelidade incorruptível, inviolável, sempre inalterável, quer por amizade particular, que por lisonja, quer por respeito humano, quer por presentes, quer por fraqueza; a Irmã conversa porteira é

a substituta da superiora. É com ela que a superiora conta para a boa ordem da casa; é ela que poderia ser causa da ruína temporal e espiritual duma comunidade.

A *fidelidade* e a *prudência* são duas irmãs que não devem separar-se nunca e que devem encontrar-se sempre juntas na alma duma Irmã conversa porteira. A *caridade* lhes tirará o que elas poderiam ter, exteriormente, de duro e inflexível, mas, ao mesmo tempo que lhe dita palavras delicadas e mesmo obsequiosas, deixar-lhe-á toda a sua força e toda a sua inflexibilidade.

A Irmã conversa porteira deve também, como a superiora, ter a palavra breve e precisa e como ela saber dizer: Eu não posso.

4.º A actividade. Dissemos em tempos que já lá vão, e que quase se perdem na noite dos séculos, que as Irmãs conversas, as nossas caras Irmãs conversas, faziam na comunidade o ofício dos anjos junto de Deus; essa missão, esse papel de anjo, isto é, de enviado, convém dum modo muito especial à Irmã conversa porteira; como os anjos ele deve ser ágil, desembaraçada, viva, pronta para ir e vir, subir e descer, levar e trazer, entrar e sair; ela deve ser incansável; ela deve ser, pelo menos, exuberante, cheia de boa vontade.

Que ela não faça nunca esperar por sua culpa; aquele que espera, impacienta-se, pensa mal, julga mal daqueles que o deixam para ali uma eternidade inteira, e, sem que ele dê por isso, o mau humor, a má disposição mostra-se-lhe no rosto; e as esperas forçadas diante dum portão, duma fresta, ou duma porta de comunidade, quando são repetidas, quando são reiteradas, têm muitas vezes lançada um descrédito prejudicial sobre essa comunidade.

A *actividade* deve mostrar-se também no cuidado minucioso do asseio e da ordem à entrada da casa. Toda a pessoa estranha que vê abrir-se diante de si a porta duma casa religiosa deveria sentir alguma coisa do que sente ao entrar num santuário.

A Irmã Conversa Enfermeira.

Como é grande, como é belo, como é consolador, como é santificante este emprego de enfermeira numa comunidade! Ó vós, a quem a obediência o confiou, agradecei a Deus e agradecei à vossa superiora.

Se é menos belo e menor em si mesmo que o emprego de sacristã, é mais atraente porque permite conhecer mais directamente o bem que se faz. E depois, não é sempre Nosso Senhor a quem se presta serviço na pessoa da pobre Irmã doente?

Nosso Senhor que se alivia, Nosso Senhor a quem se leva uma consolação, Nosso Senhor a quem se conduz a alma que Ele chamou e que se preparou para o Paraíso?

À Irmã conversa enfermeira são precisas, sobretudo, duas virtudes, mas num grau a que eu chamarei heróico: a *caridade* e a *paciência*.

1.º A *caridade* que aqui deve ser terna, misericordiosa, infatigável, maternal; a caridade atenta à menor prescrição do médico, escrupulosa em proporcionar à doente tudo aquilo que, não só a pode aliviar, mas ainda recreá-la, causar-lhe prazer, dar-lhe um momento de alegria: é uma estampa, é uma flor, é um passarinho... Ela está sempre ao pé da doente com um rosto sorridente, um olhar amoroso, uma voz docemente comovida; ela evita o menor ruído que a perturbaria, ela regula a luz que a ofuscaria, ela dispõe com um cuidado engenhoso todas as roupas que a cobrem para que a não firam.

A caridade que não poupa nada, os superiores deixaram-lhe uma grande latitude, nem a despesa, nem o tempo, nem o trabalho, nem a fadiga.

A caridade que se sente impressionada e reconfortada e reanimada por essas palavras que costumam estar escritas em caracteres bem visíveis na enfermaria das casas religiosas: “*o que fizerdes ao mais pequeno dos meus, é a Mim que o fazeis...*”. E aquela por quem ela se dedica é uma amada de Deus Nosso Senhor, é uma esposa de Nosso Senhor Jesus Cristo. Oh! como será grato, como se mostrará reconhecido, como pagará generosamente este doce e amável Salvador!

A caridade que passa além do corpo, que vê, sobretudo, a alma da doente. Oh! essa alma, como vós deveis prepará-la para comparecer na presença de Deus, como vós deveis rezar por ela, como vós deveis mantê-la submissa à vontade de Deus, proporcionar-lhe muitas vezes a presença do sacerdote, afastar dela tudo o que poderia perturbá-la, recordar-lhe a devoção à Santíssima Virgem, que é uma das mais doces consolações dos moribundos.

Não podemos aqui indicar senão a largos traços a linha de conduta duma enfermeira piedosa e dedicada. Nas tradições de cada comunidade, nas instruções do director da casa e nas palavras da superiora, ela encontrará os conselhos que lhe são necessários.

2.º A paciência. Se a caridade duma enfermeira deve ser sem limites, a sua paciência deve sê-lo ainda mais que a sua caridade; é que a paciência se perde ou se altera mais facilmente que a caridade.

Vem uma hora, depois de longas vigílias, depois de fadigas prolongadas, das estações de pé quase contínuas, em que o sistema nervoso é duma estranha irritabilidade; então já não se tem a força de se dominar, a palavra curta, rápida, brusca, desagradável; os cuidados materiais são prestados sem mansidão e doçura... oh! minha querida Irmã, não abuses então da tua função de enfermeira; não sejas demasiado ciosa do teu emprego; não queiras fazer tudo e fazer sozinha e fazer sempre; poupa as tuas forças, pede uma ajudante, uma assistente, uma substituta e toma um repouso regular. – Sem isso não farás o bem que deves fazer e que queres fazer.

Da parte das doentes espera, conta com rudeza de maneiras, com grosserias, com exigências, com impaciências, com censuras imerecidas, com ingratidões, com amuos, com queixas feitas à superiora ou às outras companheiras.

Procede sempre e em tudo como se não soubesses nada.

Da tua parte espera, conta sentir em ti repugnâncias, revoltas, rajadas de antipatias, movimentos bruscos, pensamentos de deixar tudo... Então, minha Irmã, volve um olhar amoroso e suplicante para o teu Crucifixo, vai ajoelhar-te durante alguns momentos ao pé do Sacrário e abraça-te corajosamente á tua cruz, recordando os méritos que adquires e a grandeza da recompensa que te espera no Céu.

Uma Irmã enfermeira é chamada por Deus a ser mártir de caridade e de paciência, aceita generosamente essa vocação!

A Conversa Despenseira

É aquela que, sob a direcção da Irmã de coro ecónoma, está encarregada de fornecer as provisões quotidianas, de fazer as compras do dia, de ir aos estabelecimentos dos

fornecedores, dos artistas, dos operários para um sem número de coisas variadas a concertar, e, finalmente, de fazer os diferentes recados da casa.

A Conversa despenseira é uma das Irmãs mais expostas; ela deve ter sempre bem presente ao seu espírito as recomendações que se fizeram a respeito dos perigos das Irmãs conversas e tomar a peito dum modo especial a prática das duas virtudes que lhe são necessárias: a *fidelidade* e a *modéstia*.

1º. A *fidelidade*. Ela deve mostrar-se na conduta pessoal da Irmã e naquilo que lhe está confiado.

Fidelidade em rezar o terço ao longo do caminho, percorrendo as ruas; há Conversas que recitam assim quase regularmente o seu rosário.

Fidelidade em não prolongar, além do tempo necessário, as saídas à cidade.

Fidelidade em prever, antes de sair, tudo o que pode ser feito nessa saída para não ser obrigada a sair duas vezes em lugar duma.

Fidelidade em prestar contas do que se gastou cada dia, centavo por centavo, e a tomar a peito com um extremo cuidado os interesses da casa. O que não quer dizer que seja preciso economizar até comprar o que não fosse conveniente, por exemplo, por ser mais barato, mais em conta, como leite aguado ou azedo, favas duras, bacalhau de má qualidade ou de mau gosto, fruta meia apodrecida, peixe pouco fresco, pão negro, mal fabricado ou falsificado, feijão verde de vagens duras ou hortaliças de fibras rijas que não há dentes capazes de as mastigar nem estômagos capazes de as digerir. A economia, que é uma virtude e não um defeito como a mesquinhez que supõe a avareza, falta de inteligência ou carência de critério e bom senso, não deve ir até ao ponto de se adquirir o que é de qualidade realmente inferior, o que repugna ao conjunto da comunidade como alimento. O caminho a seguir é sempre o meio termo, que é o mais perfeito, sem faltar à pobreza nem cair na mesquinhez. Sem dúvida, não deve haver luxo nem na alimentação nem no vestuário, mas deve-se procurar sempre o que é bom, não o que é mau nem o que não é conveniente. Não é ir de encontro ao espírito de pobreza comprar coisas boas e, por consequência, tratar bem as servas de Deus, quer sejam arcanjos quer sejam até simplesmente anjos. E a Conversa despenseira não deve esquecer que os pobres e as demais pessoas necessitadas a quem a comunidade, por caridade, fornece comida têm boca e

estômago como as Religiosas e quase sempre são mais exigentes do que elas porque não têm o mesmo espírito de sacrifício e de mortificação. Quantas vezes a sua falta de critério e talvez a sua falta de caridade, fornecendo alimentos intragáveis e restos de comida repugnantes, são ocasião de murmurações e de más disposições contra as Religiosas. Uma Irmã despenseira não está encarregada de fazer praticar a mortificação nem às suas Irmãs nem a ninguém. O que deve dominar nela é a prudência, o critério, o bom senso.

Fidelidade em prestar contas de tudo o que, numa saída, houve de extraordinário, da razão por que uma subida foi mais longa do que o é habitualmente.

Fidelidade em não aceitar nenhum encargo sem ter a certeza de que é conhecido da superiora e permitido por ela.

2.º *A modéstia*. Ela lhe é mais necessária do que a qualquer outra das suas Irmãs, porque está mais exposta que nenhuma delas.

Necessária para edificar aqueles que a vêem. Pela sua atitude, pelo seu procedimento, pela sua maneira de negociar, de regatear, de escolher, de comprar, ela é como que a tabuleta da casa que será julgada por ela.

Ela deve andar pausadamente, com os olhos simplesmente baixos, mas sem afectação e seguir direita o seu caminho. Nas ruas concorridas das cidades, das povoações, onde actualmente circulam tantos veículos, muitas vezes em corridas vertiginosas, ela deve ser toda olhos, não para satisfazer a sua curiosidade, mas sim para se acautelar e livrar de todos os perigos de atropelamento. Não deve perder tempo; as compras e nada mais. Tenha interesse pela casa nas suas compras, mas sempre com delicadeza e com paz. Evite as discussões, não se deixe enganar e acautele-se das ocasiões boas de mais.

Necessário para conservar a paz da sua alma. Tenha habitualmente o pensamento do seu Anjo da Guarda; ele está ao pé dela, ao seu lado, e é testemunha de todos os seus passos e de todos os seus actos. Adquira também o hábito de ver o Anjo da Guarda daqueles com quem tem de tratar e peça muitas vezes à Santíssima Virgem que nunca lhe faça ter, sentir, prazer nas suas saídas.

Feliz a Conversa que se sente sempre contente de voltar, de tornar a entrar na sua comunidade, e que encontra que ali, e só ali, o seu coração se expande à vontade.

A Conversa Cozinheira

Duas grandes virtudes devem ser as companheiras assíduas da Conversa cozinheira: a *caridade*, o *asseio* e a *ordem*, que andam sempre de mãos dadas.

1.º A Caridade. Não deve entender esta palavra no sentido ordinário de suportar as fraquezas do próximo.

Sim, decerto ela terá de suportar com paciência:

- As *queixas* desta ou daquela Irmã sempre descontente com o que se dá e com o que se não dá, e com os temperos (a sopa não tem gosto, o cozido está insosso, o guisado está azedo, o assado está esturrado, a salada não tem vinagre, as azeitonas não têm segurelha, o queijo tem bafio, a manteiga é rançosa, o café está amargo, o chá está choco, os bolos estão podres, o doce não tem graça), e com a monotonia das iguarias (tantas vezes a mesma sopa, tantas vezes o mesmo prato, etc.)... *queixas* e lamentações que se renovam, que se repetem sem fim.

- Os *pedidos* minuciosos, exagerados, importunos das Irmãs que têm sempre necessidade de alguma coisa de mais ou de melhor que as outras, etc... mimosas, niquentas, esquisitas, exigentes, maçadoras, impertinentes, insatisfeitas, imortificadas... (Disso, por enquanto, graças a Deus, não há cá na loja, creio eu).

A presença quase contínua de Irmãs que vêm à cozinha, vêm e vão e tornam a vir e tornam a ir e voltam de novo, num vaivém, num corupio que nunca acaba, para observar, para satisfazer a curiosidade, para passar o tempo, quase moer e ralar a paciência à pobre da cozinheira que, talvez mais duma vez, se sinta tentada a pegar no pau da vassoura para correr com elas da cozinha onde nada têm que fazer, duma vez para sempre

Numa casa bem ordenada, a cozinha é um lugar quase sagrado onde nenhuma Irmã que não esteja de serviço deve entrar sem licença da superiora ou sem razões graves; e, mesmo então, a cozinheira deve avisar a superiora.

Não se deve entender, tão pouco, a palavra *caridade* no sentido de bom acolhimento, de palavra amável, de resposta mansa, de serviço prestado ou recusado com bom modo, que noutra prática dissemos que se exigia de toda a Irmã conversa para com as Irmãs de coro.

Mas entenda-se a palavra *caridade* no sentido mais completo de dedicação que dará á obra que a Irmã conversa faz toda a perfeição que essa obra reclama.

È uma obra bem modesta, bem ignorada, a obra duma cozinheira de comunidade, e, contudo, se vós soubésseis a importância duma cozinha bem feita, a influência que ela exerce sobre a regularidade, sobre o bom espírito, sobre a alegria e até sobre a santidade duma comunidade.

Um dos meus professores na Faculdade de Direito Canónico da Universidade Gregoriana de Roma, que depois foi Reitor da Universidade e, mais tarde, Superior Geral da Companhia de Jesus (Papa Nero, como dizem os italianos maliciosos) proclamava um dia em plena aula, diante de trezentos alunos, que, na sua grande maioria, haviam de ser bispos, Superiores de Congregações Religiosas, Reitores e Professores de Seminários, que *“buona cucina, buona disciplina”*.

Estas palavras podem parecer exageradas, podem até fazer sorrir de incredulidade, mas o que é certo é que elas não são outra coisa mais do que o resumo do que dizem Fundadores de Ordens e Congregações Religiosas.

Sem dúvida, nada de exageros na qualidade das iguarias, já dissemos alguma coisa a este respeito a propósito da Irmã Conversa despenseira, nem na procura de temperos, mas, cuidado, mas, diligência, mas, aplicação em fazer tudo bem.

É aqui que a caridade deve guiar a mão, é precisa à Conversa cozinheira uma caridade de mãe, que tenha sempre em vista dar prazer àquelas para quem trabalha, proporcionar o que pode convir-lhes mais, segundo o seu temperamento, mesmo segundo o seu gosto, que procure o mais que pode variar os temperos, que compreenda que toda a festa litúrgica traz consigo um banquete no refeitório, que se entenda sempre com a superiora para procurar o que pode aliar-se com a economia e a santa pobreza, que, sobretudo, não se canse nunca, como uma verdadeira mãe, de recomeçar todas as manhãs o trabalho da véspera, e que oiça, sem mostrar a sua pena, o seu desgosto, o seu sentimento, as queixas muitas vezes bastante injustas que lhe são feitas.

É necessária à Irmã cozinheira uma caridade de santa, que lhe mostra em cada uma das Irmãs para quem ela prepara quer as iguarias em geral, quer uma iguaria particular prescrita pela superiora, uma verdadeira serva de Deus Nosso Senhor, a quem Ele vem em auxílio para que ela desempenhe dignamente o seu serviço. Oh! quantos actos de amor de Deus pode fazer cada dia uma santa Conversa cozinheira!

O Papa Paulo III dizia no fim da sua vida: *“oh, como eu gostaria mais de ter sido o bicho (marmiton bicho de cozinha) do cozinheiro dos Capuchinhos, do que ter tido, pelo espaço de dezasseis anos, esta dignidade que, todavia, se aproxima da dignidade divina”*.

2.º *O asseio e a ordem.* Uma cozinha bem tratada, uma cozinha em bom estado devia ser reluzente de asseio e repousante para os olhos pela ordem que nela reina: fogão sempre limpo, utensílios pendentes das paredes, resplandecendo em todo o seu brilho e classificados e distribuídos segundo a sua utilidade, mesas, em cima das quais se põem ou se preparam as iguarias, frequentemente lavadas, baixela suja imediatamente metida em água, chão varrido, logo que a mais pequena coisa o tenha sujado, armários perfeitamente postos em ordem e fechados, garrafas e frascos com etiquetas, provisões muitas vezes renovadas... É preciso que, ao entrar, nem a vista nem o olfacto se sintam mal impressionados.

A cozinheira deve ter um império absoluto sobre as Conversas que estão ao seu serviço. Ela está em sua casa, ela deve ver tudo, ela deve estar atenta a tudo, ela responde por tudo; ela deve ser obedecida, o serviço do refeitório não consente demora.

Ao pé da cozinha está o refeitório. Entre as Irmãs ajudantes da cozinheira encontra-se a refeiteira, escolhida porque ela tem não só asseio e ordem, mas também gosto. *“O refeitório, diz um antigo, é um lugar de alívio e refrigério para os Religiosos que passaram toda a manhã ou toda a tarde em grandes trabalhos de espírito ou do corpo, e que vão lá para refazer as suas forças e refazer-se das suas fadigas duma maneira lícita e sã”*.

É preciso, pois, que, ao entrarem lá, experimentem como que a sensação de repouso.

A Irmã refeiteira deve preparar e ornamentar bem o refeitório, pondo nisso uma certa graça, um certo encanto, mesmo uma certa garridice: alvura das toalhas que cobrem as mesas, disposição elegante dos pratos, das travessas, transparência dos copos, ventilação completa depois de cada refeição...

A Irmã refeiteira e as Irmãs encarregadas do serviço devem ser muito activas, muito vigilantes, muito solícitas e diligentes, muito pacientes, elas devem prever o que pode faltar, compreender, ao menor sinal, o que se lhes pede, trazer sem demora tudo o que é necessário; quantas imperfeições, quantas faltas elas farão evitar!

A Irmã Conversa Roupeira

É um emprego muito complicado e muito minucioso o de roupeira; um emprego que exige, num grau mais elevado do que ordinariamente se supõe, a *caridade e a paciência*.

No mundo, a palavra roupeira dá-se àquela que faz a roupa (que a confecciona, como se costuma dizer, empregando um termo de origem francesa, um galicismo escusado); nas comunidades religiosas, indica aquela que tem por missão conservar a roupa da casa e a das Irmãs, e fornecer a cada Irmã aquilo de que ela tem necessidade. Há, em várias comunidades, uma sala de trabalho.

A roupa para toda a mulher, mesmo a mais desprendida de tudo, como a Religiosa, é o que ela tem mais a peito. Ela não pode, senão com grandes esforços, deixar de se preocupar com o cuidado da sua roupa, com o asseio da sua roupa, com o bom estado da sua roupa, e a murmuração vem facilmente quando ela julga ver alguma negligência neste ponto.

É ordinariamente uma Irmã de coro que tem a direcção da rouparia, mas, como lhe são dadas irmãs conversas na qualidade de auxiliares, é para elas que vou indicar sumariamente o que devem fazer, para estar em melhores condições de cumprir a sua missão junto daquela que as dirige.

As virtudes duma roupeira são: a *ordem*, a *previdência* e a *santa pobreza*.

1.º A *ordem* numa rouparia é a primeira virtude requerida, sobretudo quando a comunidade é numerosa.

É a ordem que conserta a roupa que é comum a todas, tal como a que serve aos quartos de dormir, ao refeitório, à cozinha, e a roupa de uso pessoal.

É a ordem que põe à parte a roupa que serve à enfermaria e que, às vezes, deve ser submetida a uma operação de desinfecção.

É a ordem que, nas estantes (nunca digam *casiers* mas armários, estantes ou prateleiras), destinadas a cada Irmã, coloca metodicamente as diferentes espécies de vestuário para se encontrarem facilmente logo que sejam procurados.

É a ordem que, em dia fixo e a uma hora fixa, prepara para cada Irmã o que lhe é necessário. Ou se lhe leva ou se lhe manda, segundo o costume da casa.

É a ordem que separa com cuidado as peças de roupa novas das que estão em parte gastas, para as fazer servir cada uma por sua vez e segundo as exigências da comunidade, as festas, as viagens, etc.

É a ordem que põe de lado imediatamente para a sala de trabalho todas as peças de vestuário e todas as peças de roupa branca que precisem de ser remendadas. É a ordem que preside com um cuidado minucioso à colocação da roupa suja para não ser amontoada, tanto quanto possível, à preparação duma barrela, à contagem, ao cálculo exacto da roupa branca destinada a cada barrela.

É a ordem que tem uma nota exacta de toda a roupa que a casa possui e que permite à Irmã roupeira dar conta à superiora de tudo o que a rouparia contém. (Mais observações... Dizem que os homens não entendem destes assuntos... Abelhudo...)

2.º A *previdência* é uma questão de tacto e de caridade e, se a ordem rigorosa exige que uma Irmã não tenha mais roupa que outra, a caridade providente exige que aquela que, acidentalmente ou por necessidade, carece de mais roupa que outra, a possa ter facilmente, sem que a tenha de pedir muitas vezes.

A previdência sabe a época em que o vestiário duma Irmã pode e deve ser renovado e ela informa disso a Superiora ou a Irmã ecónoma.

A previdência classifica e conserva as peças de vestuário que não devem servir senão na próxima Estação. Ela não as encaixa nas estantes senão depois de terem sido consertadas, sacudidas, escovadas, depois de se lhes terem tirado as nódoas e depois de terem sido postas ao abrigo do calor durante o Verão e da humidade durante o Inverno. Os objectos de lã e os cobertores devem ser envolvidos com saquinhos de cânfora ou de pó de píretro, ou cobertos com bolas de naftalina e encerrados num sítio hermeticamente fechado.

3.º O *amor da santa pobreza* deve mostrar-se sobretudo na rouparia.

È sempre uma despesa considerável, numa comunidade, a conservação da roupa branca e do vestuário, e a falta de ordem e de previdência podem facilmente causar um verdadeiro prejuízo.

É preciso que a roupeira esteja bem persuadida de que deve dar, a Deus em primeiro lugar, e á sua superiora depois, uma conta exacta de todas as coisas que estão sob a sua guarda.

É preciso que ela se obrigue a fazer remendar todo o objecto roto, tanto quanto possível e tão bem quanto possível.

É preciso que vele para que nada se perca, para que as Irmãs não guardem na cela senão o que a Regra lhes permite guardar.

É preciso também que ela não possua nada como próprio, nada mais do que possuam as outras, e que não esteja mais abundantemente fornecida.

Os pormenores, as minúcias poderiam ainda ser multiplicadas, mas limitei-me a apontar aquelas que parecem mais urgentes e concluirei, pedindo à Irmã conversa que está encarregada sob as ordens da Irmã roupeira da distribuição da roupa, que seja muito delicada, muito paciente, muito condescendente para com toda a gente.

A Irmã Conversa Jardineira ou Horteloa

Emprego penoso, emprego que isola, mas também emprego que deixa, ao espírito, uma grande facilidade de se ocupar de Deus e, ao coração, uma grande liberdade para dizer a Deus e dizer-lo a toda a hora: *“Meu Deus, eu Vos amo de todo o meu coração!”*.

Emprego penoso materialmente, porque expõe à mudança da temperatura, à intempérie das estações, ao sol, à chuva, ao vento, porque exige um trabalho que fatiga o corpo: cavar, estrumar, semear, sachar... mas emprego que, mais que qualquer outro, eleva a alma para a Providência. A Irmã conversa jardineira sabe que tudo em volta dela depende de Deus Nosso Senhor e compreende perfeitamente e com felicidade o pensamento de S. Paulo, quando diz: *“Eu semeio, eu rego, eu cultivo, mas só Deus dá a vida e o crescimento”*.

Oh! como uma Irmã conversa jardineira pode facilmente tornar-se uma santa!

Ela pode, sem prejudicar o seu trabalho, continuar, durante todo o tempo que quiser, a sua oração mental da manhã, unir-se às Irmãs de coro que, a hora fixa, recitam o Ofício cuja salmodia talvez ela ouça do seu jardim, é-lhe permitido cantar piedosos cânticos e aligeirar assim as suas fadigas.

Ela pode praticar, quase a toda a hora, a santa virtude da caridade, pela sua complacência em fornecer à cozinheira, à enfermeira ou à sacristã tudo o que essas Irmãs lhe pedem.

Este emprego exige certos conhecimentos que se transmitem de viva voz e que se aperfeiçoam pela experiência: qualidades ou virtudes das plantas, utilidades de certos legumes, épocas da sementeira, dias de rega, maneira de enxertar as árvores de fruto... etc. A Irmã jardineira deve ser muito complacente para com aquelas que vêm prestar-lhe o seu auxílio; deve formá-las como ela própria foi formada e, se a superiora julgar conveniente mandar vir, de tempos a tempos, um jardineiro para a aconselhar, ser-lhe-á bem submissa, ouvi-lo-á sempre com modéstia e reserva, e tomará nota de tudo o que tiver aprendido. Não vale a pena entrar em pormenores que a leitura dalguns livros especiais sobre jardinagem fornecerá à Irmã conversa jardineira. Basta recomendar apenas à sua devoção o cantinho reservado á cultura das flores que devem adornar o altar do Santíssimo Sacramento ou da Santíssima Virgem, e, à sua caridade, o cantinho reservado às plantas medicinais cultivadas para a farmácia da enfermaria. É uma verdadeira alegria para uma jardineira piedosa pensar em Deus Nosso Senhor e nas queridas doentes da casa. É para as doentes que ela reserva sempre o fruto melhor e mais maduro, os frutos temporões mais apreciados; é para elas que, de tempos a tempos, arranja com gosto um ramalhete que, com licença da superiora, lhe envia por intermédio da superiora.

Felizes as casas em que as Irmãs vivem assim, não perdendo nunca de vista o bem-estar e a alegria da comunidade!

A Irmã Conversa Encarregada da Capoeira

A capoeira é, à primeira vista, um emprego pouco invejado. Tem, contudo, o seu encanto, independentemente do que tem de santificador pela paz que deixa na alma, pelo silêncio que estabelece em volta daquela que está encarregada desse serviço, pela facilidade que oferece de pensar em Deus durante quase todo o dia. Decerto, há horas penosas, trabalhos de sua natureza repugnantes, mas a esses trabalhos a religiosa acostuma-se depressa quando os afronta com generosidade e por amor da vontade de Deus.

As vacas que dão o leite, às vezes um pequeno rebanho de cabras ou de ovelhas, o burro de que se serve a jardineira para tirar água do poço a fim de fazer as regas necessárias, as galinhas, os coelhos, os pombos, as abelhas, quando a comunidade é

bastante feliz para possuir alguns cortiços... tudo isso se torna em breve como que uma família para a Religiosa.

Este emprego tem alguma coisa que se harmoniza com as almas simples e boas, alguma coisa que recorda a vida dos Patriarcas, a vida dos pastores, a vida dos eremitas, e, para muitas Irmãs conversas, é a vida que elas levaram desde a sua infância, é ainda a fazenda de seus pais; e elas sentem-se felizes em tornarem a encontrar esta primeira vida tornada mais santificadora.

Por isso, é com uma estranha facilidade que as religiosas vivem com essas criaturas de Deus que se afeiçoam tanto e, pode-se dizer, tão sinceramente, às pessoas que têm cuidado delas, e às quais elas próprias se afeiçoam com tanta felicidade.

Uma Irmã conversa, obrigada pela sua avançada idade e pelas suas enfermidades a deixar para sempre a capoeira que ela tinha dirigido durante mais de quarenta anos, derramou um dia inteiro lágrimas muito sinceras e quase que houve gritos quando chegou a hora de dizer adeus às suas galinhas, aos seus coelhos, às suas vacas.

A sua preocupação habitual era o temor que não se tivesse bastante cuidado com o seu bem-estar; e a sua primeira palavra à Irmã que, pela manhã, lhe ia levar o primeiro almoço, era esta: “Como vai toda a minha gente, vai bem?”

Últimos Conselhos

I. Conselhos Gerais a todas as Conversas

Queridas Irmãs conversas, almas que não deveis viver senão de dedicação e que não podeis viver senão de dedicação, almas privilegiadas que Deus quis fazer muito humildes, muito obedientes, para honrar mais especialmente a humildade e a obediência de sua santa Mãe, e a humildade e a obediência que Ele próprio praticava durante os trinta anos da sua vida oculta.

Amai, amai a vossa vocação; repeli com energia todo o pensamento que vos impelisse a aspirar a alguma coisa de mais alto; mais alto, ser-vos-iam precisas grandes virtudes para serdes as preferidas de Deus: nesta hora, o vosso estado de Conversa, se o souberdes apreciar, se o amardes, se cumprirdes com toda a vossa boa vontade os deveres

que lhe são inerentes, basta para que Deus vos prefira às outras. E, se há poucas Conversas que chegam à perfeição, é que há poucas que compreenderam o que vale a sua vocação e que se apliquem a ser-lhe fiéis.

Sede humildes com todas as vossas Irmãs.

A todas, falai com respeito. A todas, servi com amor.

De todas elas, sofri com paciência e sem contestação as palavras pouco comedidas, as ordens bruscamente dadas, as censuras, ou injustamente formuladas ou realmente exageradas.

Em todas vede as esposas de Jesus; não vejais senão isso; e, acima delas, vede Jesus que vos contempla e que vos agradece tudo o que fizerdes por elas por causa Dele.

Sede exactas no cumprimento dos deveres do vosso cargo; não examineis se as vossas companheiras trabalham ou descansam; pensai só em fazer bem e tende pena de não poderdes correr em auxílio daquelas que vos parecem fatigadas.

Quanto mais ocupadas estiverdes, mais méritos acumulareis, se perseverar em vós a intenção de vos tornardes agradáveis a Deus.

Quanto mais benévolas fordes para com as vossas Irmãs, mais desejosas de lhes serdes úteis, trabalhando para as tratar, para as contentar, para as aliviar, tanto mais benévolo Deus será para convosco. Enquanto trabalhais para elas e contribuís para a sua boa saúde, sustentando assim a sua dedicação, Deus adorna a vossa alma; e, sem que o suspeiteis, Ele vos conduz à perfeição.

Conservai-vos unidas a Deus durante o vosso trabalho, estai alegres na hora das recreações, habitualmente sorridentes, mas amai o silêncio e a paz.

II. Conselhos Particulares a algumas Conversas.

Não falámos até aqui, nesta série de instruções, senão dos deveres que as Irmãs conversas têm de cumprir para com as Irmãs de coro, que compõem a casa em que elas fizeram a sua Profissão ou em que se encontram por ordem da Superiora Geral em dada altura da sua vida, e daqueles deveres que têm de cumprir umas para com as outras.

Devíamos falar também dos deveres impostos às Conversas que, sob a direcção imediata das Irmãs de coro, são consagradas:

- 1.º Ao tratamento e alívio dos doentes nos hospitais.
- 2.º Ao cuidado das órfãs nas creches e patronatos.
- 3.º À guarda das alienadas.
- 4.º À preservação das raparigas constituídas em perigo moral e à regeneração daquelas que se transviaram.

Mas, em todos esses empregos, a Conversa raras vezes estará sozinha; ela é sempre dirigida pela Irmã de Coro de quem é a auxiliar e que lhe indica o que há-de fazer.

Ela não tem, pois, outra coisa a fazer senão permanecer humilde e obediente e compenetrar-se bem de tudo o que dissemos:

Convém, todavia, recordar em poucas palavras os sentimentos de que devem encher a sua alma:

1.º Uma *intenção recta e sobrenatural*, procurai a Deus, ide a Deus, vede Deus, vede Nosso Senhor Jesus Cristo pobre, padecente, abandonado, desamparado, desprezado, repellido nessas tristes e miseráveis criaturas ou nessas crianças que vós tendes de recolher, de tratar, de educar, de conduzir ao bem.

2.º Uma *caridade* cheia de ternura, caridade que nada cansa, que nada faz desanimar, que se dá sem contar, que se dá sem reservas, que se dá sempre, e que não pode existir numa alma se muitas vezes ela não for renovada pela presença de Nosso Senhor Jesus Cristo.

3.º Uma *paciência* que nada altera e que, contudo, todos os dias se vê ferida por caracteres grosseiros, espíritos intratáveis, palavras amargas e odiosas, corações maus e corrompidos, mesmo por almas que odeiam a Deus.

4.º Uma *actividade* que nada é capaz de fazer afrouxar, que está em toda a parte, que vê tudo, que tudo adivinha, que tudo prevê, que não esquece nem descure nenhuma minúcia.

5.º Uma *santa intrepidez* que não teme o incómodo, nem a dificuldade, nem a humilhação, nem a resistência que se encontra quando se trata de cumprir um dever, que sabe expor-se à doença e à morte para exercer a sua missão.

6.º Uma *prudência* consumada para se conservar pura e sem fraqueza no meio dos perigos de toda a espécie que estão como que em permanência no seu emprego, perigos

para a fé, perigos para a santa virtude, perigos para a reputação, perigos para a vocação, prudência que tem por base não se subtrair nunca voluntariamente à vigilância duma companheira.

7.º Finalmente, o *espírito de oração* em permanência. Deus, só Deus que vos chamou, só Deus vos pode conservar fiéis, ó santas amadas de Deus, esposas de Jesus, companheiras da Santíssima Virgem! Nada de humano, nem os aplausos, nem as recompensas, nem a afeição vale coisa alguma para vós Conversas, como o pensamento de Deus, o temor de Deus, o amor de Deus: estai, pois, sempre, sempre em oração.

Sobre o vosso peito repousa o Crucifixo. Ele vos segue com os olhos e sabe todas as palpitações do vosso coração; não o percais de vista.

À vossa cintura, ou no bolso da vossa bata, está o vosso terço; ele encontra-se ao alcance da vossa mão; recitai-o nas vossas idas e vindas, recitai-o nos intervalos que o vosso emprego vos deixa livres.

Com Jesus, com Maria, vivei em paz, trabalhai em paz, vós sereis sempre protegidas.

III. Observações acerca das rodeiras

1º. O nome de rodeira é especialmente dado, nas comunidades de clausura cuja Regra não permite a nenhuma Irmã sair, a pessoas piedosas que, fora de toda a especulação e gratuitamente fazem o serviço de fora para essas comunidades, velam pelo encerramento das portas e pela guarda da casa. Elas vivem e passam a noite no recinto da casa que as sustenta e lhes fornece tudo aquilo que lhes é necessário, mas não penetram na clausura.

Vêm-se num traje secular, mas sempre muito simples e muito humildes: nas Carmelitas, nas Clarissas...

Esse nome vêm-lhes de que elas têm a guarda da roda. A roda é uma espécie de armário redondo e circulatório, colocado na espessura da parede da clausura dos conventos de mulheres e que serve para fazer passar o que vem de fora, sem necessidade de abrir a porta e sem ser visto de dentro nem ver para dentro.

2. Nalgumas comunidades de clausura, as rodeiras têm a sua habitação na clausura, donde saem para os serviços exteriores; têm um traje especial e fazem parte da comunidade, sem serem por isso Religiosas.

3. É esse o costume ordinário; as Constituições dos diferentes Institutos têm regras particulares para as rodeiras.

UT SINT UNUM

Nosso Senhor, por ocasião da sua última Ceia, na véspera da sua Paixão, ao despedir-Se dos Apóstolos, faz-lhes o mais belo e o mais tocante dos seus discursos, em que lhes recomendava com o maior empenho que fossem todos tão unidos entre si como se constituíssem uma só e a mesma pessoa, com uma só inteligência e com uma só vontade, com o mesmo pensar e com o mesmo querer. E a seu Eterno Pai suplicava ardentemente que a união entre os seus queridos Apóstolos se assemelhasse à que, desde toda a eternidade, existe e existirá sempre entre as três Pessoas Divinas.

Ut sint unum! Que sejam como que uma só coisa: eis a síntese do desejo veemente de Jesus, eis o resumo da sublime oração do Divino Rei de amor.

É esse também, com certeza, o desejo de Jesus a respeito da pequenina grei de almas que o seu Coração amantíssimo se dignou escolher, uma a uma, por desígnio misericordioso da sua providência adorável, para que, reunidas nesta Betânia querida do Rei e da Rainha de Fátima, vivessem como irmãos e, embora por vezes sofrendo e gemendo, O amassem e servissem como esposas fiéis e dedicadas, na paz e na alegria dum verdadeiro paraíso na terra.

Para que este desejo do Esposo das almas se possa realizar cada vez mais perfeitamente, para que esta santa Casa se converta numa verdadeira imagem da mansão dos justos, para que, vós, minhas filhas, almas muito queridas da minha alma sacerdotal, sejais, como é o meu mais vivo anseio, felizes e santas e sejais felizes precisamente por serdes santas, eu vou expor-vos algumas considerações e reflexões que deveis fixar bem profundamente no vosso espírito e no vosso coração e trazer com frequência à vossa memória.

Convençei-vos, antes de mais nada, duma verdade que é absolutamente certa, mas que, pela maneira como tantas vezes procedeis, parece ser aquela de que mais duvidais, com prejuízo da vossa paz e da vossa felicidade no estado religioso a que vos consagrastes e que é chamado o paraíso na terra e, o que é incomparavelmente pior, com prejuízo da vossa santificação. O Demónio tenta as pessoas piedosas e, mais ainda, as almas

consagradas dum modo especial ao serviço do Senhor, não com as tentações com que de ordinário procura arrastar ao pecado as pessoas do mundo, pois sabe que com o auxílio da graça não consentiriam nelas, mas com tentações especiais e subtis, autênticos laços que arma à sua simplicidade, servindo-se para isso sobretudo da imaginação, da sensibilidade e do (sistema nervoso) temperamento.

A pessoa que aspira à perfeição especial e completa, a qual consiste em amar a Deus sobre todas as coisas, de tal maneira que evite não só todos os pecados, quer mortais quer veniais, mas tudo quanto Lhe desagrada ou agrada menos, e procure fazer sempre o que Lhe é mais agradável, deve precaver-se contra estes ardis e estratagemas que o espírito das trevas, fingindo-se anjo de luz, emprega para a enganar, desviando-a do caminho direito para a fazer seguir por vias tortuosas e por atalhos cheios de perigos e de trabalhos.

A alma feminina presta-se melhor às manobras do inimigo do género humano por causa da modalidade especial do seu temperamento e do seu character, mais tímido, mais sensível, mais impressionável, mais propenso ao desfalecimento, ao receio, à inquietação e ao desânimo e, ao mesmo tempo, mais volúvel e inconstante.

Ela deixa-se prender mais facilmente nos imperceptíveis fios de aranha, entretecidos no seu caminho e formando uma longa e vasta teia emaranhada. Toma esses fios por calabres e assusta-se e perturba-se e perde a cabeça num desalento enorme que se apodera de todo o seu ser, quando um simples esforço bastaria para os sacudir e varrer da sua frente, desembaraçando-lhe a marcha para a perfeição.

Nesse estado de enervamento em que, perdido o equilíbrio mental e moral, desaparecem a serenidade e o sentido das proporções que são as grandes qualidades características das almas fortes predestinadas à santidade, a alma sofre e, sofrendo, não pode deixar de manifestar o mal que sente e manifesta-o fazendo sofrer o próximo e, o que é digno de nota, sobretudo aquelas pessoas com quem convive de mais perto, que mais estima e a quem por isso mesmo quereria poupar ao mais pequenos sofrimentos: na família, os seus pais e os seus irmãos; na comunidade, a sua superiora e as suas companheiras.

Porventura é isto uma triste verdade?

Quais são as consequências destas disposições de espírito, desta situação anormal das faculdades espirituais e sensitivas?

São faltas, defeitos e imperfeições de toda a ordem que produzem um estacionamento e, às vezes, um recuo apreciável no caminho da perfeição. Falta-se, semi-conscientemente, semi-deliberadamente, quase sem dar por isso, às virtudes que se dizem pequenas virtudes, mas que S. Francisco de Sales diz que são grandes porque custam a praticar por ser preciso praticá-las sempre, por assim dizer, a cada hora e a cada momento na vida de comunidade. Deixa-se de praticar com perfeição a humildade, a obediência, a caridade e a paciência e falta-se à mansidão, à doçura, à amabilidade, à condescendência, à afabilidade ou, se se tenta praticar qualquer destas virtudes, é com um esforço à sobre posse, quase por favor, como uma esmola, dando a entender ao nosso próximo com a nossa má vontade transparente, com os nossos modos bruscos, com a nossa cara feia, com o nosso ar de enfado e de aborrecimento que, nessa hora, não estamos dispostos a aturá-lo e que tudo quanto ele disser ou fizer, mesmo para apaziguar o nosso mau humor que descobriu, nem por caridade no-lo pode dar a conhecer, não passa de impertinências e até de lenha para atear ainda mais a fogueira da má disposição e irritação que os nossos nervos acenderam.

Ah, procuremos ser felizes no estado religioso, já que o podemos ser se quisermos, para que a vida de comunidade seja sempre o que deve ser e o que é realmente, quando nela vive, como soberana absoluta, em todas as ocasiões e em todas as circunstâncias, a rainha de todas as virtudes, a santa e divina caridade!

Que cada Religiosa seja uma cópia fiel, mesmo exteriormente, de Santa Teresinha do Menino Jesus e da Sagrada Face: alma alegre, sempre alegre; coração alegre, sempre alegre; rosto alegre, sempre alegre; e, nos seus pensamentos, palavras e actos, na sua vida de relação com as superiores e as companheiras, transparecia sempre a humildade e a mansidão do Cordeiro, imolado Cristo Jesus.

Outro estratagema de que o Demónio se serve para perturbar as almas que aspiram à perfeição é a pressa de se santificarem (?)¹ no sangue, nos nervos, nos ossos. Passa-se a olhar para o cimo da montanha da perfeição e, esquecendo-se de que durante toda a sua vida sobre a terra tem de caminhar nessa direcção, não atingindo nunca grandes alturas senão depois da morte, julgam que podem lá chegar em pouco tempo e daí o empregarem

¹ Frase imperceptível.

forças excessivas e desordenadas que lhe estonteiam a cabeça, que lhes destrambelham o sistema nervoso e que provocam paragens longas e forçadas e, por fim, as fazem cair no desânimo e até no desalento. Se caem nalgumas faltas, mesmo semiconscientes, mesmo semi-deliberadas, afligem-se, perdem a paciência, irritam-se, zangam-se consigo mesmas e quase que se amuam com Nosso Senhor, como se Ele tivesse alguma culpa do que é só culpa delas.

Isto são mais do que efeitos do amor-próprio ferido e dum despeito mal contido. Quem é verdadeiramente humilde não procede assim. Procura imitar os Santos. Estes, quando cometiam qualquer falta, não se admiravam, achavam isso muito natural, porque bem conheciam a sua extrema fraqueza. Ficavam em paz depois das quedas. Sabiam muito bem que, sem o auxílio da graça, nada podiam em ordem à sua santificação. Por isso, cometida a falta, não se deixavam ficar estatelados no chão, levantavam-se com a maior presteza, volviam os olhos ao Céu, faziam um acto de humildade, um acto de contrição profundamente sentido, um acto de amor e, redobrando a confiança em Deus, trabalhavam daí em diante com mais ardor e com mais entusiasmo em corrigir os seus defeitos e em se exercitar nas virtudes. E nunca perdiam, nem a paz, nem a confiança, nem a alegria que tanto os ajudava a prosseguir avante.

Outra pressa que, se não é irmã, é, pelo menos prima co-irmã da pressa de serem santas, é a pressa que as almas eleitas têm de ser Religiosas. E esta pressa não mata, é verdade, mas mói a pobre alma que se deixa dominar por ela. Não repara que é a Providência que dirige todas as coisas com firmeza e suavidade. Talvez por negligência, por falta de coragem, por irreflexão ou por força invencível das circunstâncias, tivesse esperado longos anos que o Divino Esposo lhe preparasse o ninho suspirado na sua doce morada, na encantadora habitação das virgens, aonde a conduziu por vias admiráveis e onde ela se encontra já ao abrigo de todas as seduções e de todos os perigos do mundo. Agora que já está em lugar seguro, agora que conseguiu realizar a parte principal da sua sublime vocação, agora que já é Religiosa consagrada pela unção invisível do Senhor é que lhe chegou a pressa, é que faz grande sacrifício em esperar mais uns meses, mais alguns anos, aliás bem poucos, é que sofre e faz sofrer, com a sua mágoa, com as suas penas, com as suas amarguras. Não pensa que, se espera, é porque é essa a vontade do Divino Esposo

para seu bem, é porque não pensa que com a Profissão crescem desmedidamente as suas responsabilidades, é porque não pensa que outra, um pouco mais humilde e um pouco menos impaciente, daria fervorosas graças a Deus, por lhe dispensar mais tempo a fim de se preparar melhor para a consagração definitiva do seu estado.

Outro ponto em que há muitas ilusões prejudiciais é o que se refere à prática da obediência. A obediência, para ser perfeita, deve ser completa. E só é completa quando a obediência de vontade se junta a obediência de entendimento que é a mais difícil de praticar e a mais útil para a alma que a pratica e para a comunidade a que pertence. A obediência religiosa é uma obediência inteiramente sobrenatural.

A súbdita vê sempre na sua superiora, seja ela quem for e quaisquer que sejam as suas qualidades, o seu talento, a sua virtude, a sua prudência, o seu saber, a sua experiência, a representante de Deus junto dela. E assim, obedece-lhe em tudo como se obedecesse a Deus. Conforma-se não só com a sua vontade mas também com o seu pensar. A sua vontade e a da superiora são uma e a mesma vontade. A sua inteligência e a da superiora identificam-se igualmente. E, quando todos os membros da comunidade, sem excepção, praticam deste modo a obediência, essa comunidade não pode deixar de ser uma imagem do Céu, e esses membros encontram-se verdadeiramente no caminho da felicidade e da santidade. Na prática desta virtude é preciso usar de prudência, critério e discrição. A obediência, que deve ser cega, não exclui, antes exige que se pense que se reflecta, que se discorra, que se raciocine para se conhecer, para se presumir bem, para, por assim dizer, se adivinhar o pensamento, o desejo, a vontade da superiora.

Ut sint unum. É preciso que a Religiosa submeta a sua vontade à vontade de quem tem poder e autoridade sobre ela.

Por aqui se vê quão imperfeita é a obediência daquela que não toma a peito corrigir o hábito de apreciar e criticar intimamente os actos, as resoluções e as ordens da superiora. Ela dirá maquinalmente, quase sem se aperceber disso, que a sua superiora é boa, é bem intencionada e talvez uma santa, mas não tem a elevação de vistas, a perfeição de critério, o acerto e o *savoir faire* que seria para desejar. Só se sentiria satisfeita se visse reunidas, naquela a quem deve obediência, a sabedoria de Santo Agostinho, a prudência de S. Boaventura, o talento de S. Tomás de Aquino, a actividade de S. Francisco Xavier, a doçura

de S. Francisco de Sales, os arrebatos místicos de S. Teresa de Jesus ou de S. Catarina de Sena, a suavidade e meiguice da Irmã de Santa Teresinha, a Madre Inês de Jesus, cuja voz, que eu já ouvi, parece que destila mel e que vibra como um eco longínquo dalgum cântico celestial. Ah! pensará ela a sós consigo, no íntimo do seu coração nesta e naquela circunstância eu não procedería como a superiora, eu faria assim, assado e concreto, e a medida que tomasse seria mais acertada, mais justa, mais prudente, mais razoável, cairia melhor, produziria efeitos mais salutares.

E a pobre, que julga que acerta, engana-se redondamente, e ainda que não se enganasse, não procedería como uma Religiosa, com espírito verdadeiramente sobrenatural, e talvez esteja convencida de que não há ninguém tão humilde, tão abnegada, tão desprendida, tão amante da obediência e tão sobrenatural como ela mesma.

Outra matéria de ilusões são as doenças e os sofrimentos físicos. A doença é um modo permitido por Deus para nosso maior bem. Nosso Senhor é que sabe o que é mais conveniente para a nossa santificação. O que é certo é que a doença é o dom mais precioso que pode ser concedido a uma pessoa que compreenda o valor do sofrimento e o proveito imenso que se pode tirar dele. A paciência, a resignação, a entrega nas mãos da Providência, o abandono total à vontade dos superiores, tomando os remédios e os alimentos que lhe derem, se não lhes fazem mal (porque isso não quer a superiora) aceitando o tratamento prescrito, agradecendo ao menos com um sorriso as atenções, os cuidados e mesmo os mimos que têm para com ela, sujeitando-se inclusivamente a ouvir de bom grado os conselhos e explicações para a determinar a fazer qualquer operação delicada mas não gravemente perigosa, sem rabujar, para se fazer rogada, sem nada recusar: eis as belas virtudes que devem ser o apanágio da boa Religiosa que o Senhor penou com o selo celeste da enfermidade corporal.

E já que estamos falando de doenças, aproveitemos o ensejo para nos ocuparmos da saúde e do dever de a conservar. A saúde é um empréstimo que Deus nos fez e de cuja administração nos há de pedir contas, e não um dom que Ele nos fizesse e de que possamos dispor a nosso bel-prazer, como muitas pessoas erradamente supõem. Nada de vícios, nada de excessos, nada de esforços, nada de esquisitices, nada de perturbações que perturbem, mas todo o cuidado que uma pessoa sensata deve ter para conservar em bom estado uma

coisa que não lhe pertence. É necessário, portanto, evitar imprudências e descuidos e usar de maior franqueza e simplicidade para com a superiora que tem o direito de saber tudo e que não pode saber o mal de que uma súbdita padece se ela lho não comunicar com lealdade. Há súbditas que julgam ou que, pelo menos, desejam que a superiora adivinhe o que têm para não terem o incômodo de lho dizer.

Agora vamos a ver se damos um golpe de misericórdia num dos maiores inimigos da perfeição religiosa: o desejo inconsciente e insofrido de coisas extraordinárias. Este desejo varia conforme as cabeças. Umas querem arroubos ou êxtases, outras o dom da profecia, outras o dom dos milagres, outras uma contemplação altíssima, outras visões ou aparições. Outras querem ter um grande fervor sensível, ou uma atenção impossível na oração sem nenhuma distração involuntária, ou um sentimento contínuo da presença de Deus. Outras ainda pretendem orar longo tempo com as mãos debaixo dos joelhos ou dormir sobre tábuas duras ou em posições incômodas ou passar noites inteiras em adoração ao Santíssimo Sacramento. Urge combater tudo quanto há de desordenado e de imprudente nestes desejos. Tenha-se espírito de sacrifício e amor à mortificação, mas que em tudo haja a necessária discrição e que nada se faça em matéria de penitência exterior sem licença da superiora. Que a Religiosa se compenetre de que a penitência mais útil é o cumprimento exacto dos deveres de comunidade, o exercício das pequenas virtudes, fazer bem feitas as acções ordinárias de cada dia, e a aceitação resignada e amorosa das pequeninas coisas que o Senhor se digne enviar-vos.

Quer-se fazer penitência pelos pecados próprios e alheios? Pratique-se a generosidade, o espírito de sacrifício, a imolação interior, a caridade para com o próximo em todas as suas manifestações e em todas as formas compatíveis com as obrigações que a Regra impõe, vendo sempre em cada uma das companheiras a imagem de Deus, mais ainda, a própria pessoa adorável do Redentor.

Se não amais os vossos próximos, e as mais próximas de todas são as vossas companheiras, praticando com eles a caridade em grau elevado, é sinal de que não tendes verdadeiro amor de Deus, diz S. João.

Se amais a Deus de todo o coração, com amor de benevolência, de amizade, Deus também vos ama e ama-vos incomparavelmente mais do que vós O amais a Ele. Ele, com a

sua providência admirável, vela por cada uma de vós mais desveladamente que o mais extremoso dos pais, com mais carinho que a mais dedicada e extremosa das mães. Ele tem contados todos os cabelos da vossa cabeça e nem um só cairá sem sua licença. Porque é, pois, que não tendes confiança constante, inabalável e sem limites na sua misericórdia, na sua bondade e no seu amor? Quanto mais confiardes Nele, mesmo no meio das vossas misérias, mesmo depois das vossas quedas, mais O honrareis, mais gosto Lhe dareis, mais graças atraireis sobre as vossas almas. “*A alma confiante*, dizia Jesus à Irmã Benigna Consolata, numa das suas aparições, *a alma confiante é a ladra das Minhas graças*”. *Nolite timere, pusillus grex...* dizia Ele aos seus Apóstolos, excitando-os à confiança. Não receeis nada, meu pequeno rebanho. E as mesmas palavras repete constantemente aos ouvidos das tímidas ovelhinhas da sua pequenina grei de Fátima. E agora, minhas queridas Filhas, Esposas amadas do Senhor, coragem e avante. Fortificai a vossa confiança com a consideração das graças que o Divino Rei de amor tem derramado sobre vós e sobre o vosso estremecido Instituto.

Vamos entrar nos meses dos nossos grandes protectores celestes: mês de Março, mês de S. José, mês de Maio, mês de Nossa Senhora, mês de Junho, mês do Sagrado Coração de Jesus mês das Dores, de Santa Teresinha e do Santíssimo Rosário.

Volvei-vos para S. José. Ele o mestre da vida interior, o modelo perfeito dessas escondidas, que se mortificam fazendo bem feitas as suas acções ordinárias de cada dia, e o protector da boa morte.

Sob o manto do seu poderoso patrocínio, encarai sumamente o futuro, porque ele vos conduzirá aos braços de Maria, vos guiará até ao Coração de Jesus, e Jesus vos levará ao Céu, onde cantareis eternamente as suas infinitas misericórdias.

SANTIFICAÇÃO DO PRÓPRIO ESTADO

Se me fosse dado penetrar nos vossos corações, eu leria em cada um deles o desejo sincero de querer fazer o que Deus lhe pede. Mas, ao mesmo tempo, ouviria talvez esta queixa: *“Ah! se Deus me desse em todas as coisas ordens claras e precisas como faz uma amo aos seus servos, como o faz um pai aos seus filhos, quanto eu seria feliz em as cumprir à letra, mas, infelizmente, não sei com exactidão o que devo fazer por Ele”*.

Dir-vos-ei para consolação vossa que esta queixa não tem fundamento. Podeis saber o que Deus deseja de vós e, mesmo sem grande esforço de pensamento nem de reflexão, tão exactamente como se Ele viesse designar-vos todas as manhãs a tarefa do dia, Deus não vos colocou num certo estado que tem as suas obrigações, as suas penas, as suas dificuldades? Ora, o cumprimento desses deveres, a aceitação dessas cruces, eis o que Ele vos pede. Fazendo isso correspondeis aos seus desígnios e correspondeis a eles perfeitamente, se puserdes nisso toda a vossa boa vontade. Todo aquele que corresponde perfeitamente às vistas de Deus é um santo. Vós vedes que a santificação do próprio estado é um negócio de importância capital. Falemos agora dele e consideremos:

- 1.º Porque devemos santificar o nosso estado;
- 2.º Em que consiste essa santificação;
- 3.º Como poderemos realizá-la.

I – Porque devemos santificar o nosso estado?

Por diversos motivos.

1.º É nisso que consiste a nossa felicidade sobre a terra. A felicidade perfeita não existe neste mundo. Todavia não faltam pessoas que passam muitos dias verdadeiramente felizes. Encontram-se indivíduos favorecidos em todas as condições da sociedade, entre os pobres e os humildes, assim como entre os ricos e poderosos. Pelo contrário, ao lado daqueles que estão na alegria e na paz, vê-se um grande número ainda por toda a parte, tanto entre os ricos como entre os pobres que parecem ignorar o que é a verdadeira alegria.

A felicidade não está, pois, ligada à posição mais ou menos elevada que os homens ocupam. Não, não há estados felizes mas pessoas que vivem felizes no seu estado. E cada uma encontrará a felicidade no seu estado com a condição de cumprir os respectivos deveres. Todo aquele que observa o mais perfeitamente possível os deveres do seu estado por amor de Deus que lho impôs, tem no seu coração a fonte da paz. Por conseguinte, é feliz, porque a felicidade não é outra coisa senão o gozo da paz.

2.º É disso que deriva a perfeição do nosso estado. A perfeição não é a mesma para todos os homens; uns são chamados a uma perfeição maior, outros a uma perfeição menos elevada. Nem todas as aves foram criadas para pairarem nas mesmas alturas, mas todas receberam asas para voar; assim todos nós somos chamados à perfeição.

Em que consiste a perfeição para cada um em particular? Em fazer o que Deus lhe pede e em fazê-lo segundo o desejo de Deus. Ora, Deus não deseja outra coisa senão ver-nos cumprir, e o melhor possível, os deveres do estado em que nos colocou. A sociedade humana assemelha-se um pouco a uma companhia de actores num teatro. Um desempenha o papel de rei, de comandante-chefe dum exército, ou alguma coisa semelhante; outro está encarregado dum papel mais humilde, de criado ou de vagabundo. Aquele que faz as vezes de vagabundo receberá tantos aplausos, se desempenhar bem o seu papel, como aquele que representa o rei; mas, se um maltrapilho quisesse assumir no palco a atitude dum rei, seria assobiado pela assistência. O mérito para cada actor é interpretar o papel que lhe foi distribuído. Para cada um de nós, a perfeição consiste em desempenhar o nosso papel no teatro do mundo.

O Divino Salvador ensina-nos esta verdade dum modo bem tocante. Parece mais importante operar milagres, pregar o Evangelho do que fabricar móveis ou alfaias agrícolas. E, contudo, Ele consagrou trinta anos da sua vida no trabalho manual e só três à vida pública. Porquê? Porque o seu Pai celeste lhe tinha imposto que nos servisse de modelo duma vida cristãmente laboriosa durante esse grande número de anos. Não podia fazer nada mais perfeito do que cumprir fielmente a vontade de seu Pai.

3.º Depende disso a vossa glória no Céu. Se não podemos fazer nada de mais agradável a Deus, não podemos, conseqüentemente, fazer nada que seja mais meritório para o Céu. Porque um amo recompensa o seu servo na medida da satisfação que ele lhe dá. Nós

somos semelhantes a outros tantos pintores, dos quais um emprega a tinta de óleo, outro o carvão vegetal, um terceiro se serve do lápis ou doutra coisa parecida, e todos trabalham no esboço do mesmo quadro. O mérito desse quadro não será avaliado segundo o preço mais ou menos elevado das cores, nem segundo a tela ou o papel em que trabalham os pintores, mas sim segundo a beleza, segundo o acabamento perfeito do quadro. Nós devemos imprimir a imagem de Cristo na nossa vida, uns colocados num estado superior, outros num estado inferior. Pouco importa aqui o estado, mas o que importa, e tudo está nisso, é a semelhança da nossa maneira de pensar, de sentir e de proceder com a vida inteiramente santa de Cristo. As mais belas imagens de Cristo brilharão nos primeiros lugares do Céu. Deus até às vezes já faz resplandecer os seus méritos sobre a terra.

II – Em que consiste a santificação do nosso estado?

No cumprimento de todos os nossos deveres, no suportar todas as nossas dificuldades, e tudo duma maneira cristã.

1.º Os nossos deveres. O dever! é a palavra que reúne uma parte, ao passo que os outros inscreveram na sua bandeira o prazer. Os homens de prazer, ai!, tão numerosos... são levianos e vivem entregues ao capricho das suas paixões.

Procurando com todo o empenho a satisfação dos seus desejos, introduzem-se num caminho orlado dos espinhos do remorso que conduz a um abismo de pesares e de desgostos. Ah! como eles compreenderam mal o seu destino! A nossa vida é uma cadeia de deveres e não um tecido de prazeres; um tempo de trabalho e não de repouso; uma viagem e não um passeio. Os homens do dever estão em condições de julgar as coisas com justeza, consideram a vida como um negócio sério em que se agitam os negócios do tempo e da eternidade.

Nós podemos distinguir duas espécies de deveres. Em primeiro lugar, os deveres cristãos que incumbem em geral a todos os homens; assim, devemos evitar o pecado, cumprir os mandamentos, assistir aos ofícios divinos, rezar e praticar boas obras. Em seguida, há os deveres próprios de cada pessoa, segundo a posição que ocupa, e que se chamam por esse motivo os deveres de estado.

2.º As nossas dificuldades. Além das penas que causa o cumprimento dos deveres, cada um dos mortais conhece os sofrimentos ocasionados por todas as espécies de dificuldades. Eu não trairei o segredo de ninguém afirmando que cada um de vós aqui presente tem uma ou mais pequenas cruces a levar. São, em primeiro lugar, as misérias inerentes à nossa natureza, misérias para o corpo, misérias para a alma; são, em seguida, as contradições, as contrariedades que encontramos no cumprimento dos nossos deveres. E, como se tudo isso não bastasse ainda, somos tão pouco inteligentes e tão pouco virtuosos que suscitamos uns aos outros um grande número de dificuldades que se poderiam evitar tão facilmente.

3.º Duma maneira cristã. Devemos cumprir todos esses deveres, devemos suportar todas essas cruces duma maneira cristã, isto é, segundo os ensinamentos e os exemplos de Cristo. Quereis seguir fielmente os exemplos de Cristo? Adquiri o hábito de perguntar a vós mesmas: «Que faria Nosso Senhor se estivesse no meu lugar?» A resposta vos indicará de cada vez o que é mais perfeito. Se quiserdes familiarizar-vos com esta praticazinha tão simples, eu vos asseguro que ela vos ajudará a fazer grandes progressos na virtude.

III – Como santificar o próprio estado?

1.º Estimá-lo. A primeira condição é estimar o próprio estado. “Como, perguntar-me-eis, como poderia não amar o meu estado se o escolhi livremente?”

Efectivamente, é absurdo não o amar e, contudo, isso sucede. O motivo é que não se estima bastante o próprio estado. E não se estima o próprio estado porque se põe em paralelo com outros estados de que a nossa imaginação não nos mostra senão o mais belo, enquanto se conservam os olhos exclusivamente fixos sobre o lado feio ou desagradável do nosso estado. “*Que felicidade não ter casado*, diz uma mãe de família. *Não se tem cuidados nem com o marido nem com os filhos. Tem-se tempo e vagar para ir à igreja*”. “*Que felicidade ser Religiosa*, diz uma menina solteira. *As Religiosas estão ao abrigo de todos os perigos do mundo, têm o amparo da disciplina religiosa*”.

E vós, que vos queixais, quanto seríeis felizes se pudésseis compreender a vossa própria felicidade. Não deveis apreciar o vosso estado comparando-o com outros. O vosso

raciocínio será fatalmente errado. O vosso estado é, ou não, um caminho traçado para vos conduzir a Deus? Se dizeis não, acusais Deus de ter tido falta de providência a vosso respeito, Ele, a sabedoria infinita, que sabe por consequência o que vos é mais útil; Ele, o onnipotente, que pode dar-vos o que vos é mais útil; Ele, a bondade infinita, que, por consequência, vos dará o que é mais útil. Escolhido pelo próprio Deus, o vosso estado não é só um caminho conveniente, mas o mais conveniente para chegar com segurança e facilidade ao Céu. Considerado em si mesmo, esse estado pode não ser o mais perfeito, mas, quanto a vós, tendo em linha de conta a vossa situação, os vossos gostos e disposições, é o mais vantajoso. É por isso que deveis estimá-lo e, quanto mais estima tiverdes por ele, mais o amareis.

2.º Não pôr obstáculo à graça. Cada qual recebe as graças próprias para a sua vocação. Deus não procede com menos sabedoria do que um pai de família. Este ordena a um dos seus servos que semeie uma propriedade e põe à sua disposição cavalo, alfaias e tudo o que é necessário para poder cumprir as suas ordens. Quando Deus impõe a alguém uma série de deveres, não lhe recusa os auxílios espirituais necessários para os poder cumprir. Aceitando o nosso estado, fazemos com Deus uma espécie de contrato. Contraímos certas obrigações com a convicção de que Deus, por seu lado, nos ajudará a cumpri-las. Em virtude desse contrato, adquirimos um direito especial às graças da nossa vocação. E certamente Deus não será o primeiro a faltar à sua palavra, se nós lhe permanecermos fiéis. Não, Deus é mais fiel à sua palavra do que nós à nossa. Ele está sempre pronto a conservar-Se ao nosso lado, a amparar-nos, a ajudar-nos, e sabe medir os seus auxílios pela extensão das nossas necessidades. Ninguém pode exprobrar a Deus não ter recebido Dele uma assistência suficiente. Como acontece, então, que tantas pessoas se percam? Porque não basta receber a graça: é preciso, além disso, fazer dela um uso santo. O homem não pode nada sem a graça, mas a graça é por igual importante sem o concurso do homem. É necessária uma corrente de água para fazer guiar a roda dum moinho, mas, enquanto a roda estiver presa, por mais que a água bata de encontro à roda, não conseguirá pô-lo em movimento. A água é o símbolo da graça; a roda representa a nossa vontade que deve deixar-se tocar pela graça. Estejamos, pois, atentos, às inspirações da graça e estejamos sempre prontos a utilizá-la.

3.º Devemos querer santificar o nosso estado. Corresponder à graça! Tudo está nisso. E basta querê-lo para santificar o próprio estado, isto é, é precisa uma resolução inabalável de cumprir todos os nossos deveres. (Inconstância).

Alguns conselhos podem ser úteis para tornar a vontade firme e enérgica.

a) Em primeiro lugar devemos evitar tudo o que seja de molde a enervar a nossa vontade e a enfraquecer as nossas faculdades morais. Devemos, portanto, fugir da ociosidade, do prazer, das leituras vãs e levianas, da loquacidade, do excesso na comida e na bebida, e da dissipação.

b) Devemos amar o trabalho. Há pessoas laboriosas por índole. E, por via de regra, a virtude e o trabalho andam a par. Outras são naturalmente indolentes mas podem corrigir-se desse defeito; e, se quiserem fazer violência a si próprias durante algum tempo, acabarão por amar o trabalho e poderão colher todos os frutos que o amor do trabalho produz.

c) Devemos ter ordem na nossa vida. Um regulamento deve fixar, pois, as vossas ocupações principais. Todos os dias pela manhã é necessário prever e determinar as diferentes acções do dia.

d) Devemos ser fiéis à regra que coloca o necessário antes do útil, o útil antes do agradável.

Quanto às pessoas que vivem no mundo:

e) Devem tomar parte no exercício de algumas boas obras especiais e, para esse fim, pertencer a alguma associação de caridade e beneficência.

f) E, além disso, não devem descurar o auxílio e o apoio que se encontra nas associações de piedade. Sem dúvida, não é necessário fazer parte de todas as associações e de todas as conferências. Escolha-se a associação que mais convém e cumpra-se com zelo todos os deveres que ela impõe.

S. João Berchmans pôde alcançar a perfeição própria do seu estado escolhendo como divisa de toda a sua vida estas palavras: *“magni facere minima. Ter em grande conta as coisas pequenas”*. Fiel a esta divisa, cumpriu todos os seus deveres, até os mais pequenos, com um cuidado particular. Compreendia que a santidade se exprime com advérbios e não com verbos. Trabalhar, orar, obedecer, etc. Estes verbos por si mesmos não significam grande coisa; acrescentemos-lhe um advérbio e teremos o mérito real das acções

expressas por esses verbos: trabalhar bem ou mal, rezar devotamente ou descuidadamente, obedecer perfeitamente e cegamente ou de má vontade.

O Evangelho, diz de Jesus: *Bene omnia fecit*. Devemos imitá-Lo. Ele é o nosso modelo. Fazer bem todas as nossas acções ordinárias de cada dia. Perfectum.

A AMABILIDADE

“Ecce quam bonum et quam jucundum habitare fratres in unum. Quanto é bom, quanto é agradável para irmãos viver em união!” (Sl. 132,1).

1.º Maneira de ser amável. S. João Berchmans tinha tomado uma resolução particular de ser sempre amável e, tanto quanto possível, de ser um motivo de alegria para todos. Ele foi fiel a esta resolução e a sua biografia nos mostra todas as virtudes que ele teve de praticar para esse fim. S. Francisco de Sales, que fala frequentemente das virtudes requeridas para tornar agradáveis as nossas relações com o próximo, costuma recomendá-las sob o nome de pequenas virtudes, não porque as considerasse menos importantes mas porque se exercem habitualmente nos acontecimentos ordinários de cada dia.

Seria demasiado longo enumerar todas essas virtudes. Não indicarei senão algumas, a fim de vos dar uma ideia de tudo o que uma pessoa deve fazer para ser estimada, amável e serviçal.

Deve ser indulgente, e sempre pronta a perdoar aos outros as suas faltas, embora não possa esperar ser tratada com tanta indulgência por eles. Deve formar bom conceito de todos. S. Francisco de Sales ensina-nos como isso é possível, contanto que tenhamos a caridade nos corações. *“A caridade, diz ele, teme encontrar o mal longe de o ir procurar e, quando o encontra, afasta dele o rosto e dissimula-o; assim, fecha os olhos antes que o veja ao primeiro rumor que percebe, e depois crê, por uma santa simplicidade, que não era mal, mas só a sombra ou a aparência de mal. E, se forçosamente tiver de reconhecer que é ele próprio, afasta dele imediatamente o pensamento e procura esquecer o seu aspecto”.*

Praticam-se outras pequenas virtudes testemunhando compaixão para com os aflitos e partilhando das suas penas para as aliviar; regozijando-se com os felizes para aumentar a sua felicidade; aplaudindo as empresas dos outros e prestando-lhes o nosso auxílio, sem nunca prestar ouvidos á voz da inveja; acudindo às necessidades dos pobres e socorrendo-os sem lhes fazer sentir a humilhação da assistência; prestando generosamente um serviço,

dando aquilo de que se pode prescindir e, quando já não se tem mais nada para dar, exprimindo um pesar bem sentido. Às vezes esta compaixão dará ainda mais satisfação ao pobre do que uma esmola. Mostrando-se indulgente e paciente com as pessoas enfadonhas, grosseiras e ignorantes; mostrando-se delicado para com toda a gente, não só com essas deferências mundanas, que não são muitas vezes senão uma hipocrisia sedutora, mas testemunhando uma verdadeira e sincera urbanidade inspirada por sentimentos cristãos.

Delicadeza, indulgência, simplicidade, paciência, benevolência, traduzidas pelas palavras, gestos e actos: eis uma série de virtudes que devemos fazer nossas para cumprir, em toda a sua perfeição, pela nossa amabilidade, o grande mandamento do amor do próximo.

2.º *Necessidade da amabilidade nas relações.* Eu digo que devemos apropriar-nos desta virtude, a fim de conformarmos as nossas relações com o próximo, com os ensinamentos e os exemplos do Divino Mestre. Um eremita retirado nos bosques, vivendo só com Deus, pode prescindir desta virtude. Mas as pessoas que vivem no mundo ou em contacto com o mundo e as que vivem numa casa religiosa devem viver em sociedade e, nas nossas relações mútuas, verificamos todos os dias quanto a amabilidade contribui para o bem geral.

Porquê, pois, às vezes tantas divisões, tantas questões, tantos conflitos numa povoação? Não é porque se cai na maledicência, na inveja, na intriga, num grande número de pequenas faltas contrárias à caridade? Expulsai essas pegas e esses corvos e deixai que em seu lugar venham acoutar-se as caras pombas das pequenas virtudes; e, em breve, a povoação há-de respirar um ar de paz e de afeição mútua que transformará em paraíso o que antes era um inferno.

No seio da família, onde os membros vivem lado a lado (e ao mesmo tempo se pode dizer de qualquer comunidade), a falta de amabilidade prejudica muito mais ainda a felicidade. O menor incidente dá lugar a queixas, a censuras. Durante dias as pessoas olham-se com azedume; o irmão vê que a irmã sofre e se esgota no trabalho e não move uma palha para a ajudar. A irmã ouve o irmão gemer de dor e não tem uma palavra para o consolar. A paz e a alegria são desconhecidas nesse meio. Onde o pai, a mãe e os filhos não deveriam ter senão um só coração, raiva e divisão com os seus ódios e os seus

ressentimentos. E tudo isto porque não se quer ter um pouco de condescendência, nem uns querem adaptar-se ao feitio dos outros. As coisas chegam às vezes a tal ponto, que a propósito de partilhas se recorre aos tribunais. E, em vez de se entenderem amigavelmente, obstinam-se ao ponto de deixar nas mãos dos advogados uma boa parte dos bens patrimoniais.

Como é, pelo contrário, agradável a comunidade, a sociedade em que cada qual rivaliza em amabilidade! Porque se permutam alegres as horas em que todos estão reunidos ou quando se faz uma visita aos pais ou a pessoas de amizade? Porque se sentem disposições tão amigáveis e tão benévolas? Não é porque se faz todo o possível por agradar aos outros e se evita cuidadosamente tudo o que poderia favorecer algum descontentamento?

3.º O seu alto valor moral. Pois bem! É assim que devíamos proceder sempre, com toda a gente, no seio da família como fora. Bom por um momento! dir-me-eis. Sempre! Seria muito difícil. Uma vassoura nova desliza suavemente no sobrado, mas, se a usarmos demasiado, é capaz de o estragar.

Efectivamente, não é fácil ser amável sempre e em toda a parte. É preciso para isso uma grande, uma completa abnegação de si mesmo. Volvei o olhar para o interior da vossa casa. O vosso pai tem um hábito que vos custa a suportar. A vossa mãe costuma fazer uma coisa ao contrário da vossa maneira de ver. Um dos vossos irmãos, uma das vossas irmãs não partilha a vossa opinião sobre determinado assunto. E assim encontrais em cada um dos membros da família, mesmo naqueles que vos são mais caros, alguma coisa que não vos agrada. Pode-se perfeitamente fechar os olhos a primeira e a segunda vez, mas, se a mesma contrariedade se apresenta constantemente, a paciência cansa-se, tanto mais que se não vê que essa contrariedade há-de durar sempre. Não é preciso, nesse caso, ter uma paciência profundamente enraizada para manifestar sempre a mesma benevolência nas palavras como nos actos e não deixar nunca aparecer no exterior o que se sente interiormente contra o amor filial ou a afeição fraterna? Suponhamos na casa a presença dum ancião que, segundo o hábito dos velhinhos, gosta muito de falar do seu tempo e torna a trazer à conversa, ao menos uma vez por semana, as mesmas histórias. Todos as sabem de cor e muitas vezes elas fizeram bocejar. Quando o velho recomeça a sua narrativa pela centésima vez, sucede

até que um ou outro procura fazer-lhe perder o fio das ideias. Explica-se a impaciência que leva a proceder assim; mas nem por isso se desgosta menos o bom do velho. Como é, pois, digna de louvor a paciência daquele que lhe permitir a continuação da sua narrativa e que lhe der mostras do mesmo interesse.

Não é só a longa duração que faz da amabilidade o que quer que seja de heróico, é também a violência da luta interior que ela suscita muitas vezes em nós. Para conservarmos sempre a nossa jovialidade do carácter e a nossa afabilidade para com todos, temos de combater três inimigos poderosos: a nossa *inconstância*, a nossa *antipatia* e o nosso *amor-próprio*.

A nossa *inconstância*. Porque nós não estamos todos os dias de bom humor. Ontem tínhamos desejo de cantar, hoje de chorar, e o que hoje apreciamos desgosta-nos amanhã. Precisamos duma grande força de vontade e dum grande império sobre nós mesmos para conservarmos a nossa igualdade de génio, apesar desta variação de sentimentos. S. João Berchmans, por ocasião da sua estada em Roma, tinha ficado impressionado com esta igualdade de génio que ele admirava nos seus superiores e no seu confessor. Por isso tinha em grande conta a sua virtude.

A nossa *antipatia*. Com efeito, a nossa amabilidade não deve limitar-se às pessoas para as quais nos sentimos atraídas. Isso não seria senão um amor pagão que segue a natureza e que Nosso Senhor declarou insuficiente. A nossa amabilidade deve estender-se a todos, obsequiar ingratos, suportar impertinentes, desejar bom êxito nas suas empresas, nos nossos concorrentes, e até fazer bem àqueles que nos odeiam e nos perseguem.

O nosso *amor-próprio*. Inevitavelmente, o nosso amor próprio é ferido, umas vezes por uma pessoa, outras vezes por outra. Daí, nos nossos corações, uma cólera, uma mágoa, uma tristeza, que ameaçam explodir em queixas e em palavras repassadas de amargura. A amabilidade recomenda-nos que procedamos como se nada tivéssemos notado, todas as vezes que se nos faltam ao respeito ou que se tem menos consideração por nós; que fiquemos tranquilos quando a tempestade surge interiormente, que falemos com calma quando sentimos o sangue ferver nas veias, que nos calemos quando quereríamos gritar, que sustentemos essa luta interior com tanta energia, que nem sequer um vislumbre de descontentamento ilumine a nossa fisionomia. Perguntava-se um dia a S. Francisco de Sales

se ele era insensível como uma pedra para responder com tanta doçura a uma pessoa grosseira que lhe jogava à cara os insultos mais ultrajantes. *“Longe disso, respondeu ele, a cólera fervia no meu coração, mas eu refreei-a com todas as minhas forças”*.

O facto de que é preciso uma grande virtude para ser amável com toda a gente diz-nos suficientemente que bela recompensa nos espera no Céu, porque a coroa dependerá do mérito! Ele ensina-nos também que a amabilidade é um caminho que conduz à perfeição. Sim, eu ousou pressagiar uma santidade eminente a todo aquele que não tem outra intenção senão imitar S. João Berchmans na sua resolução de ser, para cada um e para todos, um motivo de alegria. Experimentai seriamente e vereis que é impossível tratar tão perfeitamente com o próximo sem servir também a Deus santamente em todas as coisas.

4.º A sua prática não oferece nenhum perigo. As pequenas virtudes que tornam tão agradáveis as relações dos homens entre si têm a vantagem inapreciável de não expor à tentação de vanglória; ora, esta vanglória diminui muito facilmente os méritos das outras boas obras que saltam mais aos olhos.

Que é que se vos pede? Uma série de vitórias, umas vezes sobre uma inclinação desregrada, outras vezes sobre outra, vitórias tão escondidas que ninguém as nota ou tão pequenas que não se tomam em linha de conta. Perdoar, esquecer um ultraje sangrento passa por um acto glorioso, ao passo que calar, não dizer nada perante uma leve afronta não excita nenhuma admiração. Apresentar a face esquerda quando nos dão uma bofetada na direita é um acto recomendado pelo Evangelho e que se considera, com razão, heróico; mas não vos elogiarão, talvez até vos censurem, se suportais em silêncio que um desgraçado vos suja de lama o vestido ou não dais um sopapo num garoto que vos deu um encontrão. O combate trava-se dentro da vossa alma. E, quando dominais completamente a vossa impaciência, a vossa vaidade e o vosso amor-próprio, a ponto de não deixardes transparecer nada no exterior, julgarão facilmente que sois insensível por natureza e que tendes um carácter afável, bonachão. Acresce que o acto virtuoso se realiza, as mais das vezes, tão rapidamente que a vã glória não tem tempo de se lhe agarrar. Esse acto consiste em não reprimir senão um olhar, em não conter senão um gesto, em não calar, às vezes, senão uma simples palavra. Faz-se isso pela glória de Deus e está dito tudo; em seguida, não se julga que valha a pena recordar esse acto para se ter complacência nele. É assim que um baluarte

parece separar-nos do mundo para preservar o brilho destas caras virtudes e faze-las brilhar aos olhos de Deus que contempla com prazer a menor obra isenta de vanglória.

5.º *Ela está ao alcance de todos.* Uma última vantagem da amabilidade é que ela está sempre ao nosso alcance. Talvez nunca tivésseis tido ocasião de praticar actos estrondosos de virtude, tais como se referem a respeito dalguns Santos. A vida da maior parte das pessoas decorre sem que tenham de conceder um perdão heróico a uma injúria enorme ou de suportar com resignação uma calúnia terrível que as cobre de vergonha. Se alguém espera estas duras provações para praticar a paciência, deverá sem dúvida esperar muito tempo e talvez nunca venha a ter ensejo de dar provas dessa virtude.

As pequenas virtudes podem exercer-se constantemente. Se estais sós, podeis ser benévolas nos pensamentos que tendes dos outros e nos vossos sentimentos a seu respeito. Se estais em sociedade, podeis ter para com todos aqueles que vos rodeiam um sem número de atenções delicadas; se tendes dinheiro, podeis dar esmolas, se não tendes, podeis sempre dizer com bondade ao mendigo quanto sentis não poder socorrê-lo. Ainda quando se nos tornou impossível praticar muitas outras virtudes, podemos sempre exercer a amabilidade. Um doente, por exemplo, já não pode ir à igreja, nem trabalhar, nem jejuar; às vezes, até já quase não sabe rezar; mas pode mostrar sempre um rosto sorridente, submeter-se sem murmurar às prescrições do médico, pedir cortesmente os cuidados que o seu estado reclama e recebê-los com o sorriso nos lábios.

Outras vezes estamos tão abatidos que já nada nos agrada e temos dificuldade em nos suportarmos a nós mesmos. Se Deus nos impusesse nesse momento o que quer que fosse de penoso, não teríamos a coragem de o fazer. Procuremos dissimular a nossa desolação, mostremo-nos ainda mais amáveis que de costume e teremos santificado essa provação.

6.º *Como nos tornarmos amáveis.* Como vedes, tudo nos leva a ouvir S. Francisco de Sales que recomenda tão instantemente a prática das pequenas virtudes e nos mostra a sua necessidade e excelência. A questão está, pois, em saber por que meios tornaremos agradáveis as nossas relações com o próximo. Eu respondo: “Mostrando-nos amáveis”. bem sei que nem a todos é dado ter maneiras afáveis; uns possuem-nas por natureza, outros devem-nas à sua educação. É uma qualidade digna de inveja, contanto que seja posta ao

serviço duma verdadeira e sincera caridade para com o próximo. Quando vos animo e incito a ser amáveis, penso nos esforços que precisais de empregar para serdes, a exemplo de S. Paulo e de Nosso Senhor Jesus Cristo, tudo para todos, esquecendo-vos e renunciando-vos para vos pordes ao serviço dos outros. Tudo isso fazeis por amor de Deus.

Ninguém possui, por natureza, uma amabilidade tão perfeita nem a adquire duma vez. Alguns cristãos, com receio de pecar contra esta virtude, evitam as ocasiões que os fariam cair na impaciência ou nalguma outra falta contra a caridade. É um engano proceder assim. Devemos evidentemente evitar as tentações que seduzem a nossa natureza. Mas, quanto àquelas que vexam essa natureza, como sucede nas dificuldades contra o amor do próximo, devemos antes procurá-las, a fim de aprendermos, pela prática, a dominar os nossos sentimentos.

Vós não podeis suportar a vossa mãe já idosa, sempre triste e melancólica, não podeis suportar a vossa irmã, porque a sua piedade vos parece exagerada, ou vossa sobrinha por causa da sua grosseria, e quereríeis subtrair-vos à sua companhia para não perderdes a vossa doçura. Mas é precisamente na sua companhia que encontrareis tudo o que ainda vos falta na aquisição dessa bela virtude. Fazei todo o possível por serdes amáveis e serviçais, por esconder a vossa impaciência. E, se acontecer que um dia caiais, humilhai-vos na presença de Deus, suplicai-lhe que vos assista; levantai-vos, renovai a vossa resolução de serdes pacientes e não interrompais as vossas relações com essas pessoas, cujo feitio vos custa a sofrer. É o conselho que dava S. Jerónimo a uma jovem. Sob pretexto de viver uma vida mais perfeita, ela queria deixar a mãe, cujo carácter era difícil, e que levava uma vida inteiramente oposta à sua. *“Minha mãe, escrevia ela ao Santo, impede-me de ser fiel às minhas resoluções; põe-lhes obstáculos e não quer que siga a linha de conduta que combinámos”*. – *“Não faça isso, minha filha, respondeu S. Jerónimo, ainda que vossa mãe fosse realmente tal qual vós descreveis, livrai-vos, todavia, de a deixar; adquirireis assim mais méritos e recebereis uma recompensa mais bela”*. E eu acrescento que, dentro de pouco tempo, vos tornareis modelos de santa amabilidade, o que a todas vós de coração desejo.

Ex.: Para *adquirir a amizade de alguém*. Por causa duma concorrência exagerada, tão comum entre os indivíduos da mesma profissão, dois comerciantes viviam numa

profunda inimizade. Um deles voltou a melhores sentimentos e resolveu reconciliar-se com o seu rival. Para esse fim, pediu conselho a um homem virtuoso. “*Eis o que debes fazer foi-lhe respondido quando alguém vier comprar no vosso estabelecimento alguma mercadoria que na ocasião não tendais, mandai-a ir ter com o vosso concorrente*”. O conselho foi seguido. O outro comerciante, tendo sabido donde lhe vinham esses novos clientes, ficou comovido com o serviço que lhe prestava aquele que sempre tinha tratado como inimigo. De lágrimas nos olhos pediu-lhe perdão de todo o passado e, de inimigos que eram, tornaram-se bons amigos.

Ex.: *A amabilidade santifica*. Uma nobre dama de Alexandria pediu autorização a Santo Atanásio para hospedar em sua casa uma das viúvas que estavam a cargo da Igreja. Recebeu-a em sua casa para ter ocasião de praticar a caridade e a doçura. A viúva que lhe foi confiada era duma natureza pacífica e muito reconhecida. Prestava à sua benfeitora todos os serviços que uma serva presta à sua patroa. Mas essas boas qualidades não correspondiam à expectativa da piedosa dama: “*Esta mulher*, disse ela a Santo Atanásio, *não fará que se atinja o fim que tinha em vista*”.

Compreendendo as suas intenções, o santo Bispo enviou-lhe outra viúva, tão má, violenta e insolente quanto a outra era mansa e complacente. A cada testemunho de estima, a cada benefício correspondia com exprobrações ou injúrias. Desta vez, a virtuosa dama estava satisfeita. Agradeceu ao seu Prelado, dizendo: “*Vós me destes finalmente a pessoa de que eu tinha necessidade. A primeira honrava-me, e o seu préstimo e a sua dedicação tornavam-me menos zelosa; esta, pelo contrário, proporciona-me um sem número de ocasiões de praticar a caridade e de me aperfeiçoar assim em muitas virtudes*”.

Bergson. Três formas da delicadeza:

- a) delicadeza de maneiras
- b) delicadeza de espírito
- c) delicadeza de coração.

Esta última é a mais preciosa de todas. A delicadeza de coração é intimamente penetrada, não só de respeito, mas de amor pelo próximo. É, no fundo, caridade. Saber encontrar para cada um a palavra própria, levar às almas tímidas e inquietas o efeito de um raio de sol sobre uma campina desolada. Sabe tocar em cada um dos que nos rodeiam

aquela fibra privilegiada que não ressoa sem que todas as potências da alma vibrem em uníssono. A bondade não chega para esta delicadeza de coração.

É necessário que a ela se junte um conhecimento profundo do coração humano. E deste conhecimento do coração humano, pelo qual a bondade se refina em delicadeza, é o catecismo o melhor compêndio. A delicadeza de coração é, no fundo, uma doação total aos outros da justiça e do amor que lhes devemos. E esta ciência é, substancialmente, amor de Deus.

A delicadeza do coração é a doação total, em Cristo, do amor de Deus que vivermos e na verdade em que o vivamos.

A PACIÊNCIA

“Alter alterius onera portate et sic adimplebitis legem Christi: Levai as cargas uns dos outros e assim cumprireis a lei de Jesus Cristo” (Gal. 6,2).

I. Os homens têm de se suportar uns aos outros. A Sagrada Escritura refere que todos os materiais destinados ao templo de Salomão chegaram a Jerusalém inteiramente preparados, de sorte que, na construção, não se ouvia nem martelo, nem serra, nem nenhum outro instrumento de trabalho.

Os homens formam, no seu conjunto, um edifício social que deveria, como esse templo, ser levantado sem perturbação e sem ruído. Infelizmente, verificamos o contrário. Onde quer que os homens vivam juntos, ouvem-se queixas e lamentações. Cada um pretende que o próximo o faz sofrer. Há sempre nos outros o que quer que seja que nos desagrada. E assim não podemos dominar-nos nem deixar os outros em paz.

E isto não é de admirar. Porque, segundo a expressão de Santo Agostinho, somos fracos mortais que levamos connosco um vaso de barro necessariamente molesto para os que vivem em contacto connosco. E por isso ele diz que, se é impossível ter relações com o próximo sem sofrer da sua parte algum desgosto, devemos elevar-nos àquele grau de caridade que nos permite suportar os seus defeitos e as suas faltas de atenção sem nos enfadarmos, sem nos exasperarmos, sem perdermos a paz do coração e sem lhe testemunharmos menos benevolência. Para conseguir este resultado, é necessário o exercício da paciência. Vós sabeis que nenhuma das pessoas com quem conviveis quereria fazer-vos sofrer e, todavia, vós vos inquietais e afligis facilmente algumas vezes porque não sabeis condescender com as suas palavras e os seus actos. Se vos queixásseis a uma pessoa de senso, ela vos aconselharia a que não vos ralásseis tanto com o que acontece e que considerásseis os outros como eles são. Efectivamente, se exceptuarmos o caso em que devemos opor-nos a uma coisa culpável, não há nada melhor do que suportar com paciência o que não se pode mudar. Isto não é fácil, bem o reconheço. Mas os motivos de nos

vencermos são tão instantes que não posso pôr em dúvida que quereis entregar-vos à prática desta virtude com toda a vossa energia.

II. Porquê ser paciente! A impaciência deriva numa certa dureza. É também injusta e desarrazoada.

1.º Por bondade. Eu digo que procedemos com uma certa dureza quando não suportamos com doçura os defeitos e as faltas do nosso próximo. Concordareis comigo se quiserdes examinar, por instantes, o que de ordinário torna os homens insuportáveis.

A). Se soubéssemos porque é que a companhia de certas pessoas oferece tamanho enfado, quase sempre seríamos os primeiros a desculpar os seus defeitos; teríamos compaixão deles em vez de lhes mostrarmos má vontade. Porque, as mais das vezes, o seu triste feitio provém duma enfermidade moral ou física de que eles próprios têm mais a sofrer do que aqueles que têm relações com eles.

Exemplos:

1º. Suponhamos uma pessoa desconfiada. Cada uma das nossas palavras é medida e pesada, cada um dos nossos gestos interpretado em mau sentido. Nada mais enfadonho que este género de pessoas. Perguntai-o, por exemplo, a um marido cuja mulher é desconfiada. Ela é melancólica, ela atormenta-se com quimeras e fantasmas. Nas palavras mais inocentes, nos actos mais naturais de seu marido, ela pretende descobrir intenções que ele nunca teve. Que cruz! E, contudo, essas almas desconfiadas merecem que as suportem com paciência porque a cruz delas é mais pesada ainda. Se as suas suspeitas injustas nos fazem sofrer, elas sofrem muito mais.

Verdadeiramente, é preciso ter compaixão dessas almas infelizes.

2º. Um irmão, uma irmã não suportam um gracejo e são levados à cólera. Crede-me, este defeito entristece-os mais a eles do que vos prejudica. Ambos têm muito bom coração e preferem paz à guerra. Quando estão sós, sofrem mais com as exprobrações severas da sua consciência do que vós tendes a sofrer com a sua cólera, reconhecem o mal que fazem, pedem perdão a Deus e estão prontos a apresentar-vos as suas desculpas. Lamentemos, pois, os seus arrebatamentos e não aumentemos a sua tristeza recordando o passado.

3º. Um pai ou um professor ralha continuamente. Nunca ninguém os contenta: fazei tudo o que estiver ao vosso alcance, nunca para ele estará bem. À menor coisa que não seja

do seu gosto, a sua cólera explode até fazer tremer as vidraças. Mesmo que tudo esteja em ordem, ainda não estão contentes, porque já não têm motivo para ralar. Que fazer? Haveis de os contradizer, de os vexar como certas crianças e certos criados, que têm o segredo de fazer impacientar as pessoas até ao ponto de as obrigar a sair dos seus gonzos? Não, não penseis nunca em vos vingardes. Dizei antes a vós mesmas: para que meu pai, sempre tão razoável, ralhe assim sem motivo aparente, é preciso uma causa secreta, e talvez essa impaciência provenha do seu estado de saúde ou duma provação interior. Muitas vezes tereis adivinhado.

B). Há outras faltas que, embora incômodas, são todavia tão leves que não vale a pena perturbarmo-nos por causa delas. Um gosta de se gabar, de se glorificar. Fala incessantemente de seus pais, que muito o louvam, das qualidades notáveis de seus filhos, das suas empresas. Outro não cessa de se lamentar a si mesmo e de toda a gente. É preciso ter paciência para o ouvir e para não dizer ao primeiro: “Não seja vaidoso!” e para não perguntar ao segundo: “Não é uma inveja secreta depreciar assim tudo e todos?” Mas vós não fareis nada disso se tiverdes bem presentes os deveres da caridade fraterna. Nunca se deve contradizer nem censurar, a não ser que haja pecado em deixar continuar alguém no caminho em que entrou. Suportai antes um pequeno enfado para não despojar o primeiro das suas riquezas e das suas grandezas imaginárias, e para deixar que o segundo desabafe à vontade. Fazei ainda mais: acomodai-vos ao feitio de cada um. Longe de ser lisonja, isso não é senão um santo desejo de ajudar a todos, tanto quanto é lícito fazê-lo. Havia na Antiguidade dois sábios: Demócrito e Heraclito. O primeiro ria sempre, o segundo chorava sem cessar. Quanto a nós, riamos e choremos por condescendência; saibamos rir depois de termos chorado e chorar depois de termos rido; sim, «chorar com aqueles que choram e regozijar-nos com aqueles que estão na alegria», segundo as belas palavras de S. Paulo: *Gaudere cum gaudentibus, flere cum flentibus*. (Rom. 12,15).

C). Se as faltas leves dos nossos irmãos não podem razoavelmente suscitar o nosso descontentamento, quanto seríamos duros e descuráveis recusando-lhes o nosso perdão por um pequeno aborrecimento que nos causam defeitos naturais de que não podemos, aliás, torná-los responsáveis.

E, contudo, é uma regra bastante seguida entre os homens não testemunhar amizade àqueles para com quem a natureza foi avara dos seus dons.

Não mostreis aversão por aquilo que vos desagrada no exterior do próximo, mas tratai com uma benevolência toda particular aqueles que são menos favorecidos pela sorte. Ganhareis com isso, ainda mais do que eles. Em primeiro lugar, merecereis desse modo a recompensa celeste, reservada a uma caridade toda desinteressada. Além disso, saboreareis o prazer de ter tornado alguém feliz. Os que não receberam em partilha as riquezas do espírito ou os encantos da natureza sofrem muito com a indiferença que todos lhe testemunham. Mostrai-lhes um pouco de simpatia e derramareis no seu coração um pouco de consolação e na sua alma um pouco de conforto.

Entre as causas involuntárias de conflito não se pode esquecer a diversidade de caracteres. Há-os tristes, há-os alegres; arrebatados e tranquilos, tímidos e temerários, etc. Seria insensatez deixar-se perturbar e inquietar por esse motivo e exigir de todos um carácter em perfeita harmonia com o nosso. Aquele que se indispusesse por esse motivo assemelhar-se-ia a um indivíduo que se zanga porque outro come com gosto uma iguaria de que o primeiro não gosta nada. Todos os caracteres têm as suas qualidades e os seus defeitos. Deus fê-los diferentes porque a multiplicidade das funções e dos cargos exige aptidões variadas, e também para nos facultar o ensejo de praticar a paciência e a resignação. Submetamo-nos o mais perfeitamente possível a estes decretos da Divina Providência.

2.º Por equidade. – A equidade também exige a mesma coisa. “*Procurei*, diz a Imitação de Cristo, *suportar com paciência os defeitos e as fraquezas do próximo, porque ele também tem muito que sofrer da vossa parte*”. Suportai para que vos suportem: tal é a lei. Decerto não pensais que possuíis todas as perfeições e que procedeis em todas as coisas de modo irrepreensível. Isso seria um orgulho, uma presunção sem limites. Ainda que tentásseis, com a melhor das intenções, ajudar a todos, não teríeis a certeza de ser bem sucedidas, ou antes, estaríeis certas de não o conseguir, porque, como já se disse, o vosso exterior, o vosso carácter não podem necessariamente agradar a todos.

Quando muito, podeis afirmar que o sofrimento que causais aos outros é menor do que aquele que experimentais da parte deles e que, por consequência, não há proporção

entre o que é dado e o que é recebido. Será assim? Se é, felizes de vós! Agradecei a Deus dardes tão pouco que sofrer aos vossos irmãos e mostrai-vos reconhecidas suportando de bom grado alguma coisa da sua parte. Ganhareis assim o coração de Deus e o das criaturas.

Àqueles que, pela sua posição ou pela sua fortuna, são mais independentes, o Demónio sugere esta tentação: A condescendência é boa para aqueles que dependem doutros, mas, quanto a vós, conservai a vossa altivez, sede inacessíveis e deixar-vos-ão em paz. Se as silvas e as urtigas pudessem falar, fariam, sem dúvida, o mesmo raciocínio. Por isso, ninguém lhes toca, porque têm medo de se picar ou de arranhar. Mas parece-vos digno de inveja ser para os seus semelhantes o que são as silvas e as urtigas?

3.º Por razão. – Enfim, a sã razão nos faz notar que a paciência é tanto mais necessária quanto ele é de uso quotidiano. Com quem deveis praticar mais a paciência? Não é com o que vos toca de mais perto, com as pessoas com quem conviveis habitualmente? Se não sabeis fechar os olhos às pequenas contrariedades de cada dia, andareis em constantes questiúnculas, fontes de desgosto, de irritação, de animosidade mútua. Sorri diante duma injúria, desculpai um engano, ganhareis assim a tal ponto os corações que nada recearão tanto como fazer-vos sofrer. Se num lar, numa comunidade, todos forem pacientes uns para com os outros, esse lar, essa comunidade será um paraíso na terra.

III. Para ser paciente. Creio ter-vos demonstrado suficientemente a necessidade da paciência. Deixai-me acrescentar ainda duas observações bastante práticas. Confio que elas vos ajudarão a ser pacientes. De bom grado as compararia com duas espécies de óculos. A primeira torna os objectos mais feios do que são; a segunda torna-os mais belos. Não vos utilizeis nunca dos óculos que fazem ver tudo negro, mas unicamente daqueles que mostram tudo cor de rosa.

A) Põem-se nos olhos óculos pretos quando na imaginação se encontra mais o carácter desagradável das coisas. E assim, suportam-se mais dificilmente do que é razoável. Uma coisa desagrada-nos, com que facilidade imaginamos que é de propósito para nos atormentar. Ora, as mais das vezes, não é nada disso. Nós somos inclinados a descrever, uma a uma, e a focar bem todas as circunstâncias que podem agravar o mal que sofremos.

Quem é ele, quem é ela para proceder assim para comigo?... Eu prestei-lhe este, aquele serviço, e eis como me agradeceu!... A outrem suportaria isso, mas a essa criatura,

nunca!... É sempre a mim que se fazem essas partidas... etc., etc., e de tal maneira que chegamos a persuadir-nos de que carregamos aos ombros com uma cruz de chumbo, ao passo que, na realidade não levamos aos ombros senão um molhinho de palha e, muitas vezes, nada.

Oh, a imaginação! Quando ela está bem disposta, não vê senão as rosas, quando está mal disposta só vê os espinhos. E nós somos tão insensatos que calcamos esses espinhos; quer dizer, o nosso espírito procura sem cessar o que nos pode ferir em vez de procurar o que poderia levar-nos à benevolência.

B) Habituemo-nos a considerar as pessoas e as coisas sob o seu aspecto mais favorável. Um homem passava em frente duma casa quando, de repente, do alto do primeiro andar, lhe cai sobre as costas um pequeno recipiente de água, escapado das mãos duma mulher ocupada em regar as suas flores. Posso gabar-me de ter tido sorte, exclamou ele. Como, sorte? Mas decerto, respondeu, pensai então que poderia ter-me caído em cima da cabeça um caldeirão lá do alto do telhado... Parece-me que não há nada a rectificar neste raciocínio. A desgraça tinha sucedido, já não havia nada a fazer. Em vez de dirigir a essa pobre mulher já castigada, exprobrações e injúrias que só a teriam podido contristar e afligir ainda mais, esse homem procurava todos os motivos para não perder o seu bom humor.

Um Santo tinha-se visto obrigado a tratar com severidade um rapaz. A mãe do culpado queixava-se e lamentava-se, e depois de uma onda de injúrias e de insultos lançada à cara do Santo, a sua cólera ainda não estava satisfeita. Lançou-se sobre o homem de Deus e esbofeteou-o. O Santo não perdeu a serenidade e, enquanto os que assistiam a esta cena se indignaram com a audácia daquela megera, ele retorquia: *“Porque falar de audácia neste caso? Antes admirai o amor maternal desta mulher”*. Eis uma benevolência que se pode chamar heróica.

No estado em que estamos, seria sem dúvida exigir demasiado da nossa virtude pedir que nos atesemos unicamente aos motivos de paciência, quando assim fôssemos injuriados. Mas estejamos bem convencidos duma coisa: é que o hábito de tomar tudo à boa parte os elevará ao mesmo tempo a um tal grau de benevolência que viveremos na amizade

de todos, como anjos de paz; e, segundo a recomendação de S. Pedro, amar-nos-emos mutuamente com um amor ardente e sincero. (1Pd, 1,22).

A VIRTUDE SÓLIDA

Não há ninguém entre nós que não deseje ser virtuoso.

Todavia, quando consultamos a experiência, não temos que confessar que sucede com a nossa virtude como com uma casa construída sobre areia? Sobrevem uma tempestade, uma inundação, a casa desmorona-se e é levada sobre as águas. Submetidas a alguma provação, as nossas virtudes desvanecem-se da mesma maneira? É sinal de que são desprovidas das qualidades requeridas para uma virtude sólida. Essas qualidades são em número de três: a *sinceridade*, a *força*, o *progresso*. Se tivermos a vontade firme de vivermos como bons cristãos, devemos ser virtuosos na realidade e não apenas na aparência; sempre e em toda a parte devemos mostrar-nos tais e tornar-nos melhores de dia para dia. Nestas condições seremos respeitados sobre a terra pelas criaturas e, no Céu, Deus nos concederá a coroa reservada às pessoas de virtude sólida. É, portanto, muito útil indicar resumidamente as condições da virtude sólida a fim de termos uma ideia bem clara do que seja, e de impregnarmos dela mais perfeitamente toda a nossa conduta.

I. A sinceridade. Falar eloquentemente da honestidade, ser honesto exteriormente, tudo isso é pouco. É até digno de desprezo se faltam as obras, porque não é senão hipocrisia. Pode-se ser hipócrita de dois modos: procurando enganar os outros ou procurando enganarmo-nos a nós mesmos.

1.º Como se enganam os outros. Nós sentimos um desprezo profundo pelas pessoas que simulam a piedade e a honestidade, porque não podemos suportar que alguém roube a estima que dispensamos à virtude. O próprio Divino Salvador, tão manso para com toda a gente, acolhendo com bondade os publicanos e os pecadores públicos, não suportava a hipocrisia. Os hipócritas do seu tempo eram os fariseus que, piedosos no exterior e dum zelo excessivo pelas tradições dos seus antepassados, eram interiormente cheios de inveja e de ambição. Nosso Senhor desmascarou-os muitas vezes.

2.º Como nos enganamos a nós mesmos. Nenhum de nós tem a alma tão baixa para se contentar com as aparências da virtude sem se preocupar com a prática dela, contanto que goze da estima que os bons têm pela virtude. Mas não estamos expostos a esta funesta

ilusão. Não julgamos proceder com as mais puras intenções, ao passo que, de facto, nos procuramos a nós mesmos? O que se toma por caridade, diz a Imitação de Cristo, muitas vezes não é senão paixão. Porque é raro que a inclinação, a vontade própria, a esperança de recompensa, ou o amor dalguma vantagem particular não influenciem nas nossas acções.

Que mérito, portanto, podem ainda ter essas boas obras? São elas ainda obras de virtude? Distingue-se a virtude, não pelo acto praticado, mas pelo fim que se tem em vista: o acto é o que temos de fazer, o fim dá-nos a conhecer a intenção que nos anima. Suponhamos que fazeis uma obra boa em si mesma; ninguém ousaria censurar-vos. E, contudo, a vossa conduta é repreensível se não procedeis com a intenção conveniente.

Na proporção em que as vossas boas intenções se misturam com intenções vis e baixas, as vossas virtudes perdem o seu mérito. Assim, não é por puro amor do trabalho que um criado se mostra mais cuidadoso e mais activo enquanto o amo está presente. Não é por pura piedade que uma pessoa devota está com mais respeito em oração quando reza em público do que quando reza em particular, no seu quarto. Não é por pura piedade que se dá uma moeda de mais valor quando na igreja se faz o peditório com uma bandeja, do que quando se faz com um saquinho.

Enquanto nos procuramos um pouco a nós mesmos nas virtudes que praticamos, julgamo-nos de boa vontade isentos de todo o egoísmo. É essa a nossa ilusão.

Essa ilusão vai às vezes tão longe que consideramos como virtude o que não é senão o fruto do nosso amor-próprio. Encontrais pessoas sempre prontas a criticar toda a gente, as autoridades civis, os homens do Governo, o modo como os Bispos e os sacerdotes administram a Igreja. Estão persuadidos de que as suas queixas e as suas lamentações são inspiradas pelo seu zelo da Religião e da virtude, ao passo que, na realidade, obedecem à sua secreta inveja. Encontrais pessoas que trabalham imenso para aumentar riquezas, pretendendo que cumprem assim os seus deveres de estado, quando é certo que não fazem outra coisa senão praticar uma avareza sórdida.

Como poderemos descobrir que somos o joguete desta ilusão? Pedindo conta a nós mesmos das nossas intenções. A resposta sincera ao porquê das nossas acções, eis a pedra de toque para reconhecermos se procedemos unicamente por amor da virtude e para descobrirmos as intenções perversas que se abrigam no nosso coração. Porque sou eu

amável para com tal pessoa? È por pura caridade ou por inclinação sensível? Porque tenho eu entusiasmo por esta obra? É porque tenho compaixão dos pobres ou por causa do lugar de honra que ocupo na sua direcção?

A pergunta porquê? sirva-nos, pois, de guia. E para que ela nos descubra uma intenção verdadeiramente virtuosa deve ter a resposta seguinte: «Penso, falo, procedo assim por amor da virtude, porque a virtude é bela, boa e digna de ser praticada pelo homem; pratico tal acto para merecer a recompensa atribuída por Deus à virtude; procedo unicamente por amor de Deus, para lhe ser agradável. Praticar a virtude por si mesma é proceder como homem sensível; praticá-la para obter a recompensa do Céu é proceder como fiel servo de Deus; praticá-la para agradar a Deus é proceder como filho que ama o Pai celeste.

II. A força. A força é a segunda característica duma virtude sólida. Ora, a nossa virtude deve ser forte porque é atacada por todos os lados, em nós e fora de nós.

1.º *Devemos defender-nos contra as impressões.* Para esse fim, a nossa virtude deve assentar sobre um fundamento sólido, do mesmo modo que um lutador deve apoiar-se num chão firme, assim a nossa virtude não deve basear-se somente numa leve resolução, mas numa determinação bem funda e bem reflectida. Evitemos, por consequência, deixar-nos guiar pelas circunstâncias, ao sabor das impressões que experimentamos. Há pessoas que são imediatamente fogo e chama para o que lhes agrada; mas esse zelo extingue-se com a impressão passageira que receberam. Assistem, por exemplo, a um sermão comovente, fazem os mais belos propósitos de santificação, mas esses propósitos desvanecem-se tão depressa como se esquece o sermão. Num dia de Inverno em que o frio era excessivo, uma menina, passando nas ruas, sentiu tão grande compaixão dos pobres, que, ao entrar em casa, deu ordem para se distribuir carvão às pessoas necessitadas da freguesia. Alguns minutos depois, um criado foi-lhe pedir algumas explicações sobre a maneira de fazer a distribuição: *“Esperemos ainda um pouco, respondeu a generosa menina, parece-me que a temperatura já está mais doce”*.

Deixar-se dominar pelas próprias impressões é receber a boa semente num terreno pedregoso. Ela germina logo mas a tenra planta não tarda que não seque porque lhe falta um fundo de gravidade cristã. Examinemos se possuímos essa gravidade cristã e não

pensemos que a leviandade é inerente à juventude e passa com a idade. Não é da idade que depende mas do carácter. Encontram-se crianças e jovens sérios que colocam o dever acima do prazer e vivem na convicção de que o homem não está sobre a terra senão para ganhar o Céu. Mas encontram-se também pessoas de idade avançada, mesmo velhos, sempre levianos, sempre inconstantes nos seus gostos, nas suas afeições e sempre instáveis nos seus bons propósitos.

2.º Ser independente a respeito dos outros. Se a nossa virtude é o fruto duma convicção profunda, ser-nos-á muito mais fácil sermos independentes para com todos.

Um verdadeiro servo de Deus é dócil à voz da sua consciência. Não observa os homens, perguntando a si próprio se não vão esboçar um sorriso de troça; por outras palavras, é inacessível ao respeito humano.

Está de tal modo fortalecido e temperado na virtude, e a virtude lançou raízes tão profundas no seu coração, que é sempre senhor de a praticar segundo a sua vontade e os seus desejos. Façam os outros o que quiserem, procedam como entenderem para com ela, não regulará a sua conduta segundo as circunstâncias mas segundo os sentimentos cristãos que o animam. Alguns são pacíficos e humildes enquanto tudo marcha em harmonia com os seus desejos e nenhuma ocasião de vanglória ou de impaciência se apresenta; mas, à menor contrariedade, à mais leve contradição, a paz desvanece-se como por encanto: exaltam-se, impacientam-se e mostram bem claramente o que são. Esses não possuem um natural pacífico e não têm humildade em si mesmos mas só nos outros. Quer dizer: essas virtudes não lhes pertencem, mas aos outros, porque dependem doutrem que elas sejam tiradas ou conservadas. O edifício espiritual da vossa virtude deve assentar sobre um fundamento que seja vosso e não de outrem; um fundamento de que possais dispor e que não esteja sujeito aos caprichos e às fantasias dos outros. Comparam-se esses homens a um mar estagnado que não exala mau cheiro enquanto as águas estão tranquilas, mas que, logo que é um pouco agitado, espalha uma infecção pestilencial.

3.º Devemos defender-nos contra as tentações. As tentações são outros inimigos que atacam a nossa virtude. Ninguém pode deixar-se embalar na esperança de permanecer sempre ao abrigo dos seus assaltos. Conduzem-nos a uma arena onde a virtude deve escolher entre a vitória ou a derrota. Aquele que é tentado, ou contra a temperança ou

contra a humildade, e que não sucumbe, prova assim que é verdadeiramente sóbrio, verdadeiramente humilde e, à medida que as suas vitórias se multiplicam, a sua energia aumenta. É assim que, dotado de virtudes interiores e exteriores, pode ser comparado com a Arca de Noé, coberta de pez por dentro e por fora e flutuando sobre as águas do dilúvio, perfeitamente estanque, do mesmo modo ele é levado sobre as águas dum mundo perverso sem jamais ser submergido.

Como sabeis, a luta contra as tentações deve ser sustentada de duas maneiras. Se o ataque é dirigido contra as virtudes que dominam a nossa sensualidade, tais como a pureza, é preciso fugir. A castidade ficará tanto mais solidamente ancorada no nosso coração quanto mais prontos e mais categóricos nós formos em repelir os maus pensamentos e quanto mais afastados nos conservarmos de tudo o que conduz ao pecado, pois são as relações com as pessoas frívolas, uma liberdade demasiado grande dos sentidos, enfim, a frequência dos lugares perigosos. As pessoas do mundo fingem às vezes escandalizar-se com essa santa reserva das pessoas virtuosas: que devem ser fracas, dizem, não ousam levantar os olhos, não ousam ir a parte alguma. É o caso de perguntar a esses partidários do mundo qual é o pai de família que procede com mais energia, se aquele que tem a sua porta fechada aos ladrões, se aquele que os deixa primeiro entrar e depois não se esforça por os pôr fora senão quando estão já no átrio ou nas escadas? Este último poderá ainda impedir que a casa seja roubada? Que vos diz a experiência das vossas imprudências passadas?

Quanto às outras virtudes, é necessário combater:

a) É preciso que procedamos segundo as prescrições da virtude, apesar da aversão que podemos experimentar interiormente. Por exemplo, a paciência prescreve-nos que fiquemos calmos e amáveis quando a cólera nos acomete.

b) Longe de fugirmos das ocasiões que tanto tememos, é preciso ir antes ao encontro delas, para que a prática da virtude se torne um hábito para nós. Assim, por exemplo, nós queremos tornar-nos pacientes: em vez de nos afastarmos quando chega alguém que nos desagrada, deixemo-nos antes ficar para lhe fazermos companhia, sofrendo ao mesmo tempo os movimentos da nossa antipatia.

4.º *Contra a inconstância.* Há ainda uma vitória decisiva em que a nossa virtude deve mostrar a sua força: é a vitória sobre a nossa inconstância. Vivemos uma vez na

prosperidade, outras na adversidade; há dias em que tudo nos sorri e outros em que tudo nos aborrece. Se a oração é agradável no tempo da consolação, torna-se uma causa de enfado nos momentos de secura espiritual. Se é fácil agradecer a Deus quando nos cumula das suas bênçãos, é às vezes muito difícil submetermo-nos à sua santa vontade quando nos envia provações. Pois bem! Essas situações demonstram-nos claramente se a nossa virtude é sólida. Isto não quer dizer que um cristão virtuoso não tenha os seus momentos de fraqueza. O justo cai sete vezes ao dia, diz a Sagrada Escritura, mas levanta-se. Tornar-se culpado duma falta é sinal de fraqueza e de tibieza, se se persiste no mal, sem tomar bem a peito e se esforçar sério por mudar de conduta. Um cristão que tem a desgraça de cair às vezes numa falta grave, mas que logo recorre ao Sacramento da Penitência para se purificar e recomeçar com uma coragem retemperada, é já homem de virtude sólida e, com o tempo, tornar-se-á homem de virtude inabalável.

III. O progresso. Os progressos que fazemos são o último sinal e o sinal mais certo da solidez das nossas virtudes. Na vida espiritual, como sabeis, não se pode parar nem descansar. Se se deixa de avançar, recua-se. E como se reconhece que fazemos progressos? Pelas nossas disposições.

Eis os principais sinais que indicam os progressos:

1.º Repelir mais completamente as tentações, experimentar, da parte do amor-próprio e da natureza corrompida, menos oposição por tudo o que a virtude nos propõe. À medida que vencemos os nossos inimigos, tornamo-nos mais fortes e eles mais fracos. Um dia virá em que a nossa vontade já não terá senão que mandar para ser obedecida sem réplica.

2.º Cumprir as nossas práticas quotidianas de virtude com mais diligência e facilidade. Porque, por meio de esforços repetidos, adquirimos o hábito de praticar o bem e, uma vez adquirido este hábito, o bem pratica-se como por si mesmo e sem esforço.

3.º Descobrir as imperfeições que, como um pó leve, cobrem a nossa conduta e desejar desfazer-nos dessas imperfeições. Já não julgar suficiente o que temos feito até aqui por Deus e acrescentar sempre mais. Efectivamente, a virtude é de sua natureza activa; não deixa descanso àqueles que a praticam. Ela pede actos, obras. Sem esses actos, sem essas

obras de que se alimenta, não pode viver. Ela impele sem cessar a subir mais alto, a fazer melhor.

4.º Fazer o bem com um prazer íntimo: o jugo do Senhor é suave. A vida de pecado difere da vida de virtude em que aquela parece cheia de gozos e promete muito prazer a quem ainda a não experimentou. Mas deixa aos seus escravos, no fundo do vaso, umas fezes cheias de amargura. Quanto mais esses infelizes se engolfam no pecado, tanto menos alegria sentem. A vida de virtude, pelo contrário, apresenta-se primeiro com um exterior austero mas torna-se cada vez mais doce para aqueles que a praticam. Não o verificamos todos os dias nas pessoas virtuosas? A alma piedosa encontra a sua consolação na oração, a que é caritativa põe a sua felicidade em fazer bem, a que é activa é feliz no trabalho, e a alma apóstola não pede senão que a deixem sacrificar-se pela salvação das almas.

5.º Praticar a virtude com maior fervor e com uma intenção mais pura. O fervor é o termómetro da nossa vida espiritual e a intenção é como que a alma das obras. Aquele que obra por Deus com um fervor sempre crescente e uma intenção cada vez mais pura, adiantar-se-á, para empregar a linguagem do Salmista, de virtude em virtude, para o Senhor dos Senhores na celeste Jerusalém.

Conclusão. Que conclusões tiramos destas considerações? Para sermos almas de virtude sólida, não podemos viver para nós, nem estimar os bens da terra mais do que eles merecem. É também preciso amar a Deus sobre todas as coisas. A humildade reprime o amor-próprio. O espírito de fé desprende-nos das criaturas e a caridade eleva-nos até Deus. Esta tríplice disposição deve servir, portanto, de base ao edifício da virtude sólida. *“Chamam-se virtudes sólidas, diz um grande teólogo (Suarez), aquelas que assentam sobre uma verdadeira humildade, o desprendimento das criaturas e um sincero amor de Deus”.*

Quem é que não vê que tudo isto supõe uma constante abnegação de si mesmo? Tudo o que se pode dizer sobre a virtude sólida pode resumir-se nestas palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo: *“Aquele que quiser vir depois de Mim, renuncie-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-Me” (Mt.16, 24).*

A PIEDADE

A minha intenção não é tanto excitar-vos à piedade (o que seria inútil, atentas as vossas boas disposições), como dar-vos a conhecer o verdadeiro espírito de piedade. Entre as pessoas piedosas vêm-se pessoas de todas as categorias.

Vêm-se umas particularmente do sexo feminino, membros de Congregações, (?)² que, pela manhã, tomam parte na Comunhão geral e, de tarde, frequentam as salas de dança, os cinemas, os teatros. Vêm-se também pessoas de idade mais avançada, tão modestas na igreja e tão suplicantes que parecem fazer violência ao Céu, mas que sabem também quais são os que entram e saem da igreja e como estão vestidas. Outras assistem todos os dias à Missa, confessam-se uma vez por semana e comungam muitas vezes; mas em sua casa são difíceis, amigas de questões, ou são consideradas as maiores maldizentes da sua terra.

Todos esses cristãos, mais ou menos edificantes, e muitos outros ainda que seria longo enumerar e que estão todos compreendidos sob a denominação de beatos e beatas, suponhamos que os dão como modelos de piedade às pessoas do mundo; nesse caso, essas pessoas não deixariam de ter razão ao troçarem e queixarem-se da piedade. Porque é, pois, que não se podem considerar essas pessoas como verdadeiramente piedosas? Porque não têm senão algumas práticas de piedade, sem terem o espírito de piedade.

Em consiste então a verdadeira piedade? Vejamos o que ela exige interior e exteriormente como se deve alimentá-la.

I Exteriormente

Vede uma pessoa verdadeiramente piedosa. Notai que ela vive uma vida regrada mas sem afectação, que é modesta sem fingimento, que procede com fervor mas contudo sem ênfase. Do mesmo modo que a ordem conduz a Deus, segundo a palavra de S. Agostinho, a ausência da ordem impede-nos de chegar até Ele. Quando se vive sem

² Palavra imperceptível.

reflexão cede-se aos caprichos do momento, vive-se num estado de ansiedade que impede a união com Deus, (...) ³, diz a Sagrada Escritura. Deus não habita num coração perturbado. Assim como uma água enrugada pelo vento não pode reflectir bem os objectos, o coração em que a calma não reina, não pode reflectir bem a imagem de Deus.

A nossa maneira de viver deve ser, portanto, regulada. Tenhamos uma hora fixa para nos levantarmos da cama e para nos deitarmos ou, pelo menos, estabeleçamos, à tarde, até quando prolongaremos o sono, a fim de não (?) ⁴ de manhã o mau génio que se oculta sob o travesseiro. Tenhamos um momento determinado para as orações de manhã e da noite. Que seja também determinado o modo como havemos de passar o dia do Domingo, o tempo que consagraremos à oração, como as ocasiões em que nos havemos de aproximar dos Sacramentos, etc., etc.

É de aconselhar que se siga uma ordem do dia para as suas ocupações habituais. Todavia, a maior parte das pessoas do mundo são obrigadas a aceitar as suas ocupações como elas se apresentam. Não podem, à sua vontade, fazer ora uma coisa ora outra. Mas podem e devem mesmo determinar a maneira como poder cumprir santamente a sua tarefa de todos os dias. Para esse fim, façamos a nós mesmos a seguinte pergunta: No meu leito de morte, como desejaria ter cumprido os meus deveres de operário, de mãe de família, de criada? Comparemos a nossa conduta com a resposta que nos der a consciência.

Todavia, acautelemo-nos na prática de cometer qualquer exagero. Não façamos das nossas resoluções laços tão fortes que não nos possamos desembaraçar deles, suceda o que suceder. É, sem dúvida, digno de elogio para uma mãe de família ser exacta em preparar as refeições.

Todavia, essa regularidade tornar-se-ia insuportável, se, por um amor exagerado da ordem, ela pusesse os pratos da sopa na mesa ao meio dia em ponto sem mesmo esperar que o marido e os filhos tenham chegado. Uma pessoa tem o costume de ir à igreja ao Domingo à tarde para assistir ao terço e bênção. No meio duma visita, ouve tocar o sino e logo despede a visita, protestando que quer permanecer fiel às suas práticas de piedade. Isso é fazer ostentação de piedade, já não é a verdadeira piedade, porque esta tem todo o

³ Frase em latim imperceptível.

⁴ Palavra imperceptível.

cuidado de não causar incômodo a ninguém. Desde que o nosso amor da ordem ocasiona algum enfado ao próximo, torna-se uma fonte de descontentamentos e torna a piedade odiosa.

Que se evite também, cuidadosamente, levar longe de mais a regularidade e fazê-la consistir em fúteis ninharias, por exemplo, querer ocupar sempre o mesmo lugar à mesa da Comunhão, seguir do mesmo lado da rua na ida e na volta e outras extravagâncias da mesma natureza.

A piedade é nobre de mais para ser envelhecida por esta estreiteza de espírito.

A modéstia. Espera-se duma pessoa piedosa uma certa modéstia nas suas maneiras e nas suas palavras. Porque não se pode compreender uma verdadeira piedade sem essa direcção na conduta. Devemos mostrá-la particularmente em três casos:

1. *Quando se trata de Deus.* Na oração, por exemplo, é necessária uma atitude atenta e respeitosa. Na igreja é preciso ser modesto sem procurar demasiado as próprias comodidades, sem volver os olhos para todos os lados. Se estamos numa reunião de pessoas em que se ataca a Religião, onde se cobre de ridículo as coisas santas, somos obrigados a defender a nossa Religião ou, pelo menos, a testemunhar o nosso descontentamento com um silêncio de desaprovação.

2. *Quando se trata do próximo.* Ai, quantas pessoas piedosas na aparência tornam a piedade odiosa com o veneno das suas conversas tão pouco caridosas! É bem a prova de que o seu coração não possui os sentimentos do Divino Salvador que nada recomendou com mais instância do que o amor do próximo. As pessoas verdadeiramente piedosas evitam a maledicência, a murmuração. Se ouvem dizer mal do próximo, fazem calar os maldizentes se pela sua posição o podem fazer, ou então esforçam-se por desviar a conversa para outro assunto.

3. *Quando se trata do pudor.* É inútil alongar-nos sobre este ponto. É por demais evidente que a piedade não pode aliar-se com coisa alguma que ofenda o pudor. Mas a modéstia, a discrição não devem degenerar em farisaísmo. Entenda-se aqui por farisaísmo essa devoção excessivamente refinada que vê mal em tudo, mesmo onde não há sombra dele; que tudo proíbe e faz do mundo um vasto convento; que é sempre enfadonha, como se Deus proibisse rir, como se a alegria não fosse uma virtude, como se S. Paulo não nos

convidasse a regozijar-nos no Senhor. Santa Teresa mostrava-se alegre e jovial diante das pessoas que julgavam que para serem piedosas deviam mostrar um rosto triste. Um Santo triste... Tal conduta faz que as pessoas do mundo considerem a virtude como uma coisa triste. Pode-se ser modesto e ao mesmo tempo muito amável nas relações. Sim e até pela nossa jovialidade atrair o próximo ao bem. S. Estanislau Kostha tinha sempre o sorriso nos lábios. S. João Berchmans foi chamado pelos seus irmãos em religião o «frade alegre» (*frater hilaris*). Porventura pode-se representar Nosso Senhor ou a Santíssima Virgem com um rosto melancólico ou triste? E contudo Jesus e Maria são ideal divino e humano da piedade.

O fervor. O fervor é de tal modo inseparável da piedade que é ele que a caracteriza. Do mesmo modo que o vapor põe em movimento e faz andar a máquina, assim o fervor determina a alma a dar-se a Deus e a perseverar com coragem no seu serviço. Não pode ficar sepultado na alma. Transparece em todas as nossas práticas de piedade. Faz que multipliquemos as nossas visitas à igreja, faz que nos aproximemos mais vezes dos Sacramentos, manifesta-se nas obras de caridade e de zelo a que nos dedicamos, brilha em toda a nossa conduta.

Mas, se é preciso que as nossas boas obras resplandeçam aos olhos das criaturas para que glorifiquem o Nosso Pai que está no Céu, não devemos, contudo, imitar os fariseus, fazendo essas obras com o fim de sermos vistos e elogiados. Evitemos tudo o que é de natureza a atrair a atenção dos homens e, em primeiro lugar, as singularidades na nossa pessoa. Assim, por exemplo, nada de afectação na nossa conduta. *“Quando eu era estudante, conta S. Francisco de Sales, resolvi tornar-me piedoso. Entre os meus companheiros de estudo havia um muito virtuoso que inclinava a cabeça para o lado. Imitai-o a princípio julgando adquirir assim a piedade. Mas por essa forma não consegui avançar um passo nessa virtude”*. Não, a piedade não consiste em fazer caretas, nem em caminhar com a cabeça pendente sobre os ombros ou sobre o peito.

Evitemos, além disso, o exagero em certas práticas, aliás muito boas. O Divino Salvador exprobrava aos fariseus o fazerem ostentação das práticas religiosas da lei judaica, levando consigo os textos da Lei em faixas de pergaminho mais largas e tendo franjas mais compridas nos seus mantos. Não imitemos os fariseus, fazendo, por exemplo, o sinal da

cruz com mais solenidade que o respeito exige, usando água benta ou outros objectos benzidos, nos casos em que ninguém tem o costume de os usar.

Evitemos finalmente o número excessivamente grande de práticas de piedade. Assim como não é preciso fazer parte de todas as associações religiosas, de todas as confrarias, também não devemos fazer nossas todas as devoções. Quando se empreendem coisas de mais, fazem-se mal feitas ou acaba-se por abandonar tudo.

Os defeitos já enumerados: o apego mesquinho aos próprios hábitos, a maledicência, a piedade que se faz notar, eis os sinais que caracterizam a beatice. Nenhuma de vós quereria cair na beatice, estou certo disso.

Todavia vós desejais muito ser piedosas. O que não impedirá as pessoas mundanas de trocar de vós, como se fosseis beatas. Que as suas troças e as suas injúrias não vos afastem da piedade, mas vos inspirem somente o receio de merecerdes o epíteto de beatas.

II. Interiormente.

O cristão que toma seriamente a peito a piedade, ama portanto a ordem, é modesto e fervoroso. O que não obsta a que se mostre cheio de indulgência, de amabilidade e de simplicidade e ser assim exactamente o contrário dum beato. A razão é que, no seu coração, a piedade assenta num sólido fundamento, ao passo que no beato, esse fundamento não existe. A piedade sólida deve basear-se na calma, na constância e na abnegação. Estas três qualidades devemos absolutamente adquirir-las, se ainda as não tivermos; se temos a felicidade de as possuir, é necessário que as aumentemos.

A calma. No nosso coração deve, primeiro que tudo, reinar a calma, isto é, o coração deve estar isento de inquietação, de ansiedade, de preocupações quanto ao futuro.

O passado recorda talvez faltas, talvez até faltas graves. Há almas que se atormentam perguntando a si mesmas: Deus perdoou-me esta falta? Mostremos a nossa fé não duvidando do poder do Sacramento da Penitência. Se, da nossa parte, fizemos o que devíamos fazer e se o confessor nos disse que estivéssemos tranquilos, devemos sujeitar o nosso juízo às suas palavras.

O presente é um tempo de tentações, de dificuldades, de provações interiores. O meio mais seguro de escapar a essa tempestade, é guardar o coração no porto tão tranquilo da confiança em Deus. Façam o demónio, o mundo e a carne tudo quanto quiserem, jamais poderão levar-vos ao pecado, enquanto recusardes o vosso consentimento. Quando a tentação passou, somos tentados a pensar nela para examinar se consentimos, e pomo-nos a duvidar. Este exame não deixa de ser perigoso: acorda a tentação, que volta à carga, e priva-nos sempre dessa tranquila confiança em Deus tão necessária para O servirmos com o coração dilatado.

Quanto ao futuro que talvez nunca veremos, não nos preocupemos demasiado com ele e não nos deixemos ir atrás de toda a sorte de suposições: se eu tivesse de sofrer a perseguição pela fé, teria coragem para suportar o martírio? Se me sobreviesse determinada doença, saberia conservar a paciência? Se me impusessem tal ou tal coisa teria a coragem de a fazer? Tudo isto não é mais que um jogo vão da fantasia! E, enquanto nos abandonamos a estes pensamentos, o nosso tempo consome-se em devaneios; é, além disso, um jogo perigoso. A vista da nossa extrema fraqueza tira-nos toda a coragem, sendo certo que, nesse momento, não temos a graça que Deus nos concede cada vez que nos põe em frente duma dificuldade. De resto, Ele não pede nunca o impossível a ninguém. Não é, pois, de crer, que não possamos fazer o que Ele exigir de nós. Quando o pensamento do futuro nos inquieta, digamos com toda a simplicidade: Suceda o que suceder, com o auxílio de Deus, farei todo o possível para não cair.

A constância. O homem verdadeiramente piedoso permanece sempre semelhante a si mesmo. Tanto quanto possível evita imitar S. Pedro que se declarava pronto a morrer com Jesus, e abandonava o Divino Mestre algumas horas mais tarde. Isto não quer dizer que não sinta senão o fervor de S. Pedro. Somos inconstantes por natureza e a nossa inconstância durará tanto como a nossa vida. Nada de estranho que o serviço de Deus não tenha sempre para nós os mesmos atractivos. Isto também não quer dizer que não lhe suceda adormecer com S. João no Jardim das Oliveiras e fugir por momentos na ocasião da prisão de Jesus. Mas, como o discípulo, apressa-se a voltar atrás e com ele caminha após o Divino Salvador até ao Calvário, até ao pé da Cruz. Por outras palavras, luta contra as suas dificuldades e, se lhe sucede cair, não perde a coragem.

Perseverar apesar das próprias faltas é a palavra da Sagrada Escritura: *“O justo cai sete vezes ao dia e levanta-se”*.

Para nos levantarmos são necessárias duas coisas:

A primeira é ser humilde e ter baixo conceito de si mesmo, de sorte que as nossas misérias, as nossas faltas e o que encontrarmos de desregrado no nosso coração não nos cause nenhuma admiração.

A segunda é ter confiança inabalável em Deus e, suceda o que suceder, por nossa culpa ou por permissão divina, esperar Nele, contar sempre com Ele. *“Ainda que me ferisse de morte, diz o Santo Job, esperaria Nele”*. Nestas condições permanecer-se-á no serviço de Deus: na tentação invocar-se-á o Seu auxílio; depois da queda voltar-se-á para Ele por meio dum sincero arrependimento e duma boa confissão. Aqui, S. Pedro pode servir-nos de modelo. Depois de se ter tornado culpado dum crime enorme, não perdeu, um instante sequer, a confiança na misericórdia de Jesus; ele chorou o seu pecado. E, alguns dias mais tarde, quando Jesus lhe perguntou: *“Pedro tu amas-Me mais que os outros?”*, pôde responder: *“Senhor, Vós sabeis que eu Vos amo”*.

3.º A abnegação. Porque é que a piedade não é, as mais das vezes, senão superficial nas almas? Porque se é piedoso antes para sua própria satisfação do que para agradar a Deus.

Não é servir a Deus seriamente servi-Lo por causa das suas consolações. Procurar o Deus das consolações e não as consolações de Deus. Com efeito, saborear a doçura da oração, sentir uma paz profunda no seu coração é um prazer que excede todos os prazeres da terra. Nestas condições, as pessoas do mundo consentiriam também em praticar a piedade. A nossa piedade, para ser sólida, deve basear-se na abnegação e não ter em vista senão a vontade de Deus e os seus gostos.

Como são pouco numerosos aqueles que consentem em ser privados das consolações divinas, isto é, que perseveram na oração, na frequência dos Sacramentos, na mortificação, mesmo que não saboreiem senão pouca doçura nessas práticas. Como são pouco numerosos aqueles que perseveram nas suas boas resoluções, apesar das tentações, apesar do desgosto.

Devemos menos ainda procurar as consolações das criaturas, e aqui, tenho principalmente em vista as consolações que se vão procurar no confessor. O sentimento de ser aliviado que em vós suscita a absolvição, faz da confissão uma fonte de alegria para a alma, alegria que pode ainda aumentar a atenção toda paternal do sacerdote. Se é verdade que se pode procurar a satisfação de ver a própria alma purificada, seria abuso procurar uma satisfação natural por parte do confessor. Muitos parecem ver antes o homem que o sacerdote na pessoa do confessor. E assim entristecem-se, lamentam-se, choram, quando o confessor se mostra um pouco mais frio ou um pouco mais severo do que o costume. Outros têm até a pretensão de se dirigirem a si mesmos e parecem não lhe pedir senão a aprovação das suas ideias. Daí, a resolução de mudar de confessor quando os afasta duma coisa a que têm grande apego.

III. O que alimenta e entretém a piedade.

Não basta saber o que exige a verdadeira e sincera piedade: é preciso, além disso, conhecer como se adquire, conserva e alimenta. Eis alguns meios oportunos e ao alcance de cada um.

1.º Aprendei a conhecer a piedade, isto é, sabeis em que ela consiste. E onde podereis adquirir esta ciência? Nas situações que vos são dadas. Fazei boas leituras. Fazei, sobretudo, a leitura espiritual.

2.º Esforçai-vos por purificar cada vez mais a vossa consciência de toda a mancha. O pecado mortal, como sabeis, não pode aliar-se com a piedade. Mas as faltas leves são também um obstáculo à piedade. Um coração sempre manchado com as mesmas manchas é um coração em que a piedade não aumenta. O exame quotidiano de consciência e a confissão frequente vos ajudarão a extirpar as vossas faltas, mas devemos usar de energia e impedir que a negligência estrague tudo.

3.º Esforçai-vos por viver em união com Nosso Senhor. Chega-se a esta união pela Sagrada Comunhão e pelo exercício da presença de Deus. Nas dificuldades e nas tentações, é esta união que sustentará mais que tudo a nossa coragem. Quando estamos intimamente

convencidos de que Deus nos vê, nos ajuda e permanece em nós depois da comunhão, sentimo-nos cheios de confiança e já não tememos nada.

4.º Finalmente, deixai-vos guiar com docilidade pelo vosso confessor. Este conselho resume tudo. A obediência, com efeito, vos prescreverá os meios oportunos, ao passo que, sem ela, nenhum vos poderia ser bem útil. Escolhei, pois, um bom confessor. Logo que o tendes encontrado, confiai-vos a ele como ao guia que o próprio Deus vos proporcionou para vos conduzir à perfeição a que se dignou chamar-vos.

DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA

SACRAMENTADO

1. Comunhão sacramental e espiritual
2. Devoção a Nossa Senhora: Terço do Rosário, Devoção dos Primeiros Sábados. Confraria do Carmo, da Conceição, das Dores, do Rosários, Aparições da Fátima, naipes, Penhor da perseverança, pouco mas sempre, Cuidados com o Escapulário.
3. Uso das jaculatórias. Algumas especiais e com inteligência.
4. Hábito da presença de Deus.
5. Meditação.
6. Exame de consciência geral e particular.
7. Pureza de intenção.
8. Visita ao Santíssimo e a Nossa Senhora.
9. Retiro mensal.
10. Santificação das acções quotidianas, deveres de estado.
11. Fervor.
12. Apostolado. Vida interior.
13. Companhias, ocasiões perigosas.
14. Vocação.
15. Pedir a perseverança.

PENSAMENTOS

1.º Tudo o que procede do nada pode ser reduzido ao nada. Ora, a alma racional procede do nada. Logo pode ser reduzida ao nada e por isso não é imortal.

2.º A alma intelectual enfraquece à medida que enfraquece o corpo como se prova pelas suas operações. Ora, o que enfraquece à medida que enfraquece o corpo, acaba com o corpo. Logo, a alma intelectual acaba com o corpo e por isso não é imortal.

3.º A alma racional é, por essência, a forma do corpo. Ora, é próprio da forma ter a sua existência no sujeito que informa. Logo, a alma separada do corpo acaba e, por isso, não é imortal.

4.º Quando duas coisas concorrem para formar um e o mesmo ser, corrompendo-se uma delas, corrompe-se também a outra. Ora, a alma e o corpo concorrem para formar um e o mesmo ser. Logo, perecendo a alma, perece o corpo e, por isso, a alma não é imortal.

5.º A forma é proporcionada à matéria. Ora, o corpo humano é corruptível. Logo, também a alma humana é corruptível e, por isso, não é imortal.

6.º Se a união da alma com o corpo é natural, a alma separada está num estado violento. Ora, repugna que a alma fique num estado violento. Logo, a alma separada do corpo acaba e, por isso, não é imortal.

7.º Aquilo que pode ser destruído por Deus não se pode chamar imortal. Ora, a alma humana pode ser destruída por Deus. Logo, não se pode chamar imortal.

8.º O que consta de potência e acto é, por sua natureza, a dissolução. Ora, a alma humana consta de potência e acto, isto é de essência e matéria real distinta. Logo, é, por sua natureza, dissolúvel.

9.º Pode naturalmente separar-se de um corpo aquilo que lhe está unido acidentalmente. Ora, a existência está unida acidentalmente a toda a criatura. Logo, a existência da alma pode separar-se da essência e, na essência, a alma é imortal.

10.º Se a alma humana separada do corpo subsistisse, já não teria forma do corpo, essencialmente. Ora, a alma humana é forma do corpo, essencialmente. Logo, não subsiste separada do corpo.

11.º (...)⁵

12.º Entender sem o auxílio de fantasmas, mas por meio de espécies impressas por Deus é mais perfeito do que entender com o auxílio de fantasmas.

Ora, parece absurdo que a alma, que é essencialmente forma do corpo, opera de um modo mais perfeito quando está separada do que quando está unida ao corpo.

Logo, separada do corpo não pode entender sem auxílio dos fantasmas, e assim não persevera na existência.

13.º Se a alma existisse separada do corpo, entenderia menos distintamente no estado de termo do que no estado de via. Ora, isto é absurdo. Logo, a alma não existe separada do corpo.

⁵ Texto em latim imperceptível.

ÍNDICE TEMÁTICO

Coadjutoras	3
Ut Sint Unum	56
Santificação do próprio estado	64
A Amabilidade	71
A Paciência	80
A virtude sólida	87
A Piedade	94
Devoção a Nosso Senhor Sacramentado	103
Pensamentos	104